

HISTORIA

DAS

CAMPANHAS DO URUGUAY, MATTO-GROSSO E PARAGUAY

— 16.7.22
BRAZIL

1864-1870

—
SEGUNDO VOLUME - 1864 - 1865

—
MATTO-GROSSO

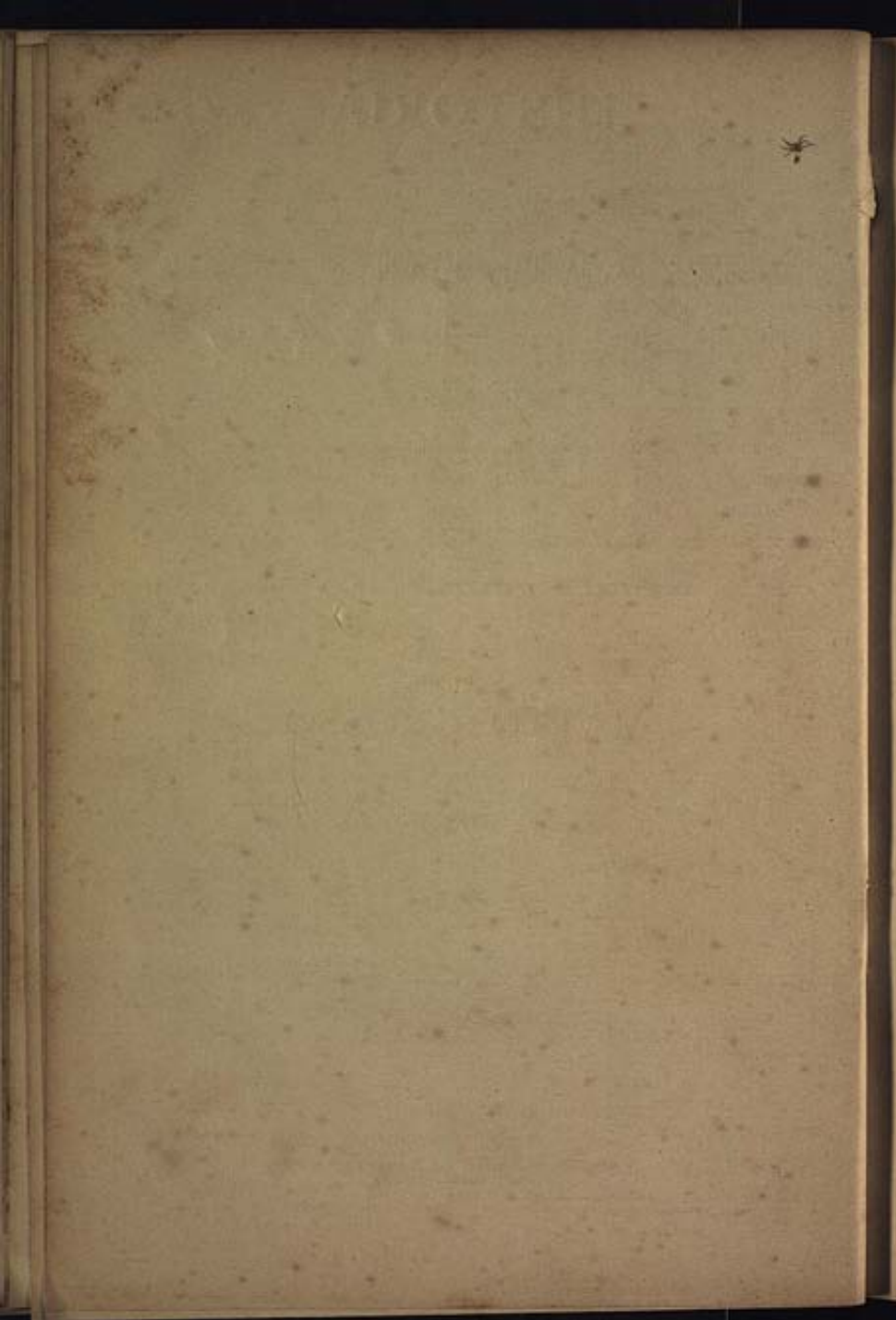
POR

E. C. JOURDAN

38424-3

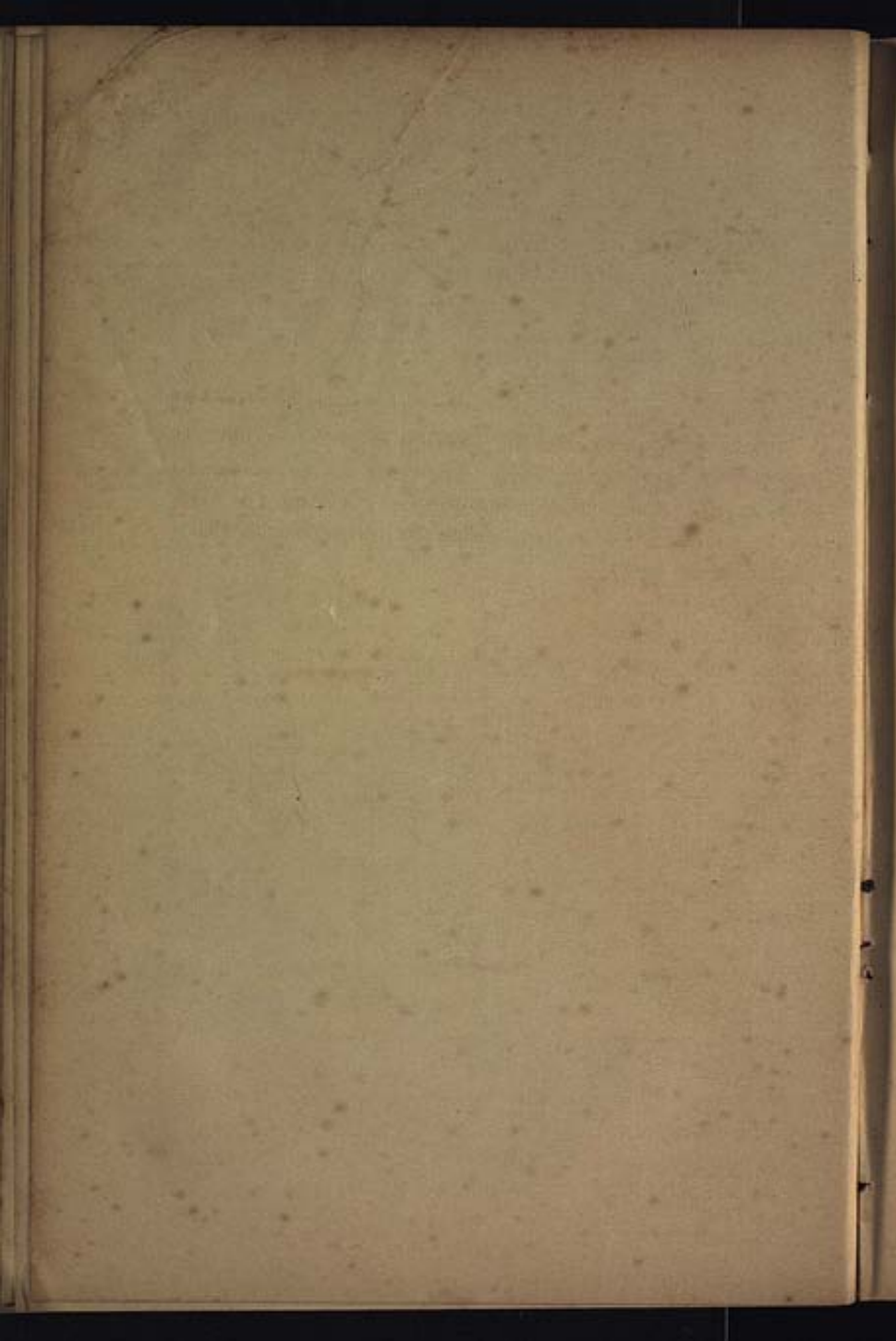
RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1893



NOTA DO AUTOR

Sendo os acontecimentos de Matto-Grosso independentes dos que se deram no Paraguay, foram classificados sob a denominação de — Invasão e campanha de Matto-Grosso — ; e formam a 2ª parte ou 2º volume, embora chronologicamente pertençam aos annos de 1864 - 65 - 66 e 67.



CORRIGENDA RELATIVA AO COMBATE DE PAYSANDU¹

Tendo encontrado as partes officiaes manuscriptas, relativas a este combate, apresso-me a rectificar o engano relativo ás perdas do exercito na tomada de Paysandú.

TENENTE-CORONEL E. C. JOURDAN.

5 officiaes mortos :

Capitão do 3º de infantaria Antonio Fernandes Borges, capitão do 6º Manoel Bento de Andrade, tenente do 4º, José Antonio de Lima Junior, alferes do 3º, C. T. Vieira Maciel, alferes do 6º, Florentino de Oliveira Dias.

13 officiaes feridos :

Coronel Carlos Resin, commandante da 2ª brigada ; capitão do 6º, Joaquim Corrêa de Faria, gravemente ; tenentes do 6º: Manoel José de Magalhães Leal, contuso ; José Manoel Pereira, gravemente ; João de Arruda Moreira, contuso ;

Tenentes do 12º: Antonio de Campos Mello, gravemente ; Manoel Verissimo da Silva, gravemente ;

Tenentes do 13º : Seraphim Felix de Paiva, gravemente ; José Lopes de Barros, contuso ;

Alferes do 6º : Antonio Braz Soares da Camara, levemente ; Antonio Rodrigues Portugal, levemente ; Collatino Ferreira de Azevedo, gravemente ; morreu no hospital ;

Alferes do 13º, Alexandre José da Silva Araujo, contuso.

Praças mortas 74 ;

Praças feridas 163.

PRIMEIRO PERIODO

SEGUNDA PARTE

1864-1865-1866-1867

Precedentes historicos da guerra do Paraguay.

Extractos de relatorios do Ministerio dos Negocios Estrangeiros:

1853 — Paulino José Soares de Souza, Visconde do Uruguay ;

1855 — Limpo de Abreu, Marquez de Abaeté ;

1856 — José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco ;

1857 — Idem ;

1858 — Visconde de Maranguape ;

Mediação offerecida pelo governo do Paraguay a 11 de junho de 1864 ;

Resposta do Ministro Brasileiro a 24 de julho de 1864 ;

Officio do governo paraguayo, sobre o *ultimatum de 4 de Agosto*, em 30 de agosto de 1864 ;

Officio do mesmo governo com relação ao caso do vapor *Villa del Salto*, a 14 de setembro de 1864 ;

Officio do Governo Imperial ao seu ministro em Assumpção, a 22 de setembro de 1864 ;

Officio do governo paraguayo declarando a guerra ao Brazil, dirigido a 13 de novembro de 1864 ao ministro brasileiro em Assumpção ;

Officio da Legação Imperial em Assumpção, dirigido a 13 de novembro de 1864 ao governo paraguayo ;

Officio da Legação Imperial dirigido a 14 de novembro ao governo paraguay ;

Resposta do governo paraguay ao Ministro Brasileiro a 14 de novembro de 1864 ;

Segunda resposta do mesmo ao mesmo, a 14 de novembro de 1864 ;

Trecho de um discurso pronunciado na Camara por um deputado geral por Matto-Grosso em 1858 ;

Extracto do relatorio do Ministerio de Estrangeiros em 1865 ;

Manifesto de guerra ao Paraguay ;

Circular ao governo argentino e ao Corpo Diplomatico de Buenos-Ayres, por José Maria da Silva Paranhos, a 23 de janeiro de 1865 ;

Aprisionamento do vapor *Marquez de Olinda* ;

Proclamação do Presidente Lopez aos corpos expedicionarios ;

Invasão de Matto-Grosso ;

Estado daquelle provincia em 1864 ;

Providencias do Governo Imperial ;

Forte de Coimbra ;

Corumbá ;

Albuquerque ;

Colonia dos Dourados ;

Rio Felo ;

Retirada das forças brasileiras pelos pantanaes, sob o commando dos 2º tenente João de Oliveira Mello e Luciano Pereira de Souza ;

Expedição de Matto-Grosso ;

Retirada da Laguna ;

Retomada de Corumbá e combate do Alegre, 11 de julho de 1867.

PRECEDENTES HISTORICOS

Relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros em 1853:

« Ao nosso encarregado de negocios no Paraguay foi enviado o conveniente projecto, e foram dadas instrucções para celebrar com o governo dessa Republica um tratado de limites, navegação e commercio. Foram feitas todas aquellas concessões, que a respeito de limites pudemos fazer, sem quebra do nosso direito e dignidade.

« A falta de solução das questões de limites com o Paraguay tem embaraçado a de outras tambem de momento, e pôde prejudicar seriamente para o futuro as boas relações que teem subsistido e subsistem entre os dois paizes.

« O tempo que passa vai enredando e difficultando cada vez mais a solução dessas questões, que as nossas antigas metropoles debalde por muitas vezes procuraram resolver. Fixando-se cada uma das partes em pretenções incompatíveis com as da outra, deliberadas ambas a não recuar, é impossivel chegar-se a um accordo, e por isso durante seculos nunca pôde haver. Sómente a guerra poderia não desatar, mas cortar esses difficultades.

PAULINO JOSÉ SOARES DE SOUZA (Visconde do Uruguay). »

Relatorio de Ministerio de Estrangeiros em 1855:

« O Governo Imperial, prestando toda a sua attenção ao estado em que se achavam as relações entre o Imperio e a Republica do Paraguay, segundo vos informei no ultimo relatorio, encarregou de uma missão especial junto do Presidente daquela Republica, o chefe de esquadra

Pedro Ferreira de Oliveira. E' sabido que pelo art. 3º da convenção de 25 de dezembro de 1850, celebrada entre o Governo Imperial e a Republica do Paraguay, obrigaram-se os governos a auxiliar-se reciprocamente, assim de que a navegação do Rio Paraná até ao Rio da Prata ficasse livre para os subditos de ambas as nações. D'esta estipulação resulta que o governo da Republica reconheceu o direito do Imperio á navegação do rio Paraguay, e obrigou-se a franquear-lhe essa navegação, e a do Paraná na parte destes rios que lhe pertence.

.

« O governo do Paraguay, por cuja independencia tanto fez o Governo Imperial, devendo ás alianças e aos esforços do Brazil, sem o menor sacrificio de sua parte, o poder navegar o Paraná até o Rio da Prata, já concedeu a diferentes nações a navegação de seus rios, mas julgou-se com direito e justiça para recusar igual concessão á bandeira brasileira.

« A navegação do Paraná está aberta a todas as nações, pelos actos dos governos de Buenos-Ayres e da Confederação Argentina, que a franquearam; mas o Brazil não pôde aproveitar-se della para chegar á provincia de Matto-Grosso, porque o Paraguay prohibe-lhe a entrada e sahida dos barcos brasileiros pelos seus rios.

LIMPO DE ABREU (Marquez de Abaeté). »

Relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros em 1856.

.

« Depois de inuteis esforços de sua parte, o plenipotenciario brasileiro teve de annuir a que ficasse indecisa aquella questão, e assignou com o da Republica, aos 27 dias de abril do anno proximo passado (1855), duas convenções, uma relativa ao simples transito fluvial, e á navegação e commercio entre os dous paizes, a outra marcando o prazo de um anno para o ajuste de limites.

« A primeira das duas supraditas convenções, segundo uma clausula nella expressa, não podia ter effeito sem que se decidisse a questão de limites; e a convenção relativa a este assumpto apenas

estipulava, como fica dito, que dentro de um anno procurariam os dous governos chegar a um accordo amigavel e definitivo.

« Ambas as convenções, portanto, nada mais eram nem valiam do que uma promessa de cumprimento de obrigações ha muito contrahidas pelos dous governos, continuando no entretanto interdito á bandeira brasileira o uso da navegação dos rios Paraguay e Paraná.

« Sua Magestade o Imperador, attendendo ás razões que ficam expostas, houve por bem não ratificar as referidas convenções, o que se communicou ao governo da Republica por nota de 8 de julho proximo passado

« Na citada nota de 8 de julho, depois de mostrar toda a razão que militava a seu favor, reclamou o Governo Imperial que lhe fosse desde logo reconhecido e respeitado, o que deriva do art. 3º do tratado de 1850: e para que não continuasse adiado o ajuste dos assumptos a que se refere o art. 15 do mesmo tratado, solicitou ao mesmo tempo a vinda de um plenipotenciario paraguayo a esta Corte.

« O governo da Republica respondeu á nossa reclamação em data de 24 de setembro, declarando que enviaria o mais brevemente possivel um plenipotenciario munido das instrucções precisas para tratar e celebrar os ajustes convenientes sobre todas as questões pendentes

« O plenipotenciario paraguayo, o Sr. D. José Borges, apresentou as suas credenciaes a Sua Magestade o Imperador em 5 de março ultimo, e no dia 9 do mesmo mez deu-se começo á negociação, que terminou a 6 de abril.

« Depois de longa discussão, cujos protocolos vos serão opportunamente apresentados, concluiu-se e assignou-se no dia 6 de abril, com o plenipotenciario da Republica, um tratado de amizade, navegação e commercio, que desenvolve os principios estabelecidos no de 25 de dezembro de 1850, e uma convenção pela qual se estipula que, dentro do prazo daquelle tratado, se nomearão novos plenipotenciarios

para examinarem e reconhecerem definitivamente a linha divisória dos dous paizes.

« Sua Magestade o Imperador houve por bem ratificar os referidos ajustes. As ratificações serão trocadas na Assumpção, no prazo de oitenta dias, contados de 6 de abril, ou antes, si for possível

JOSÉ MARIA DA S. PARANHOS (Visconde do Rio Branco).»

Relatorio do Ministerio de Estrangeiros em 1857.

« O reconhecimento desta fronteira funda-se nos mesmos principios adoptados pelo Governo Imperial, para o ajuste de limites com as outras Republicas vizinhas : 1º, o *uti possidetis*; 2º, as estipulações celebradas entre as corôas de Portugal e Hespanha, nos pontos em que ellas não contrariam os factos de possessão, e esclarecem as duvidas resultantes de falta de occupação effectiva.

« O governo paraguayo admittiu a primeira base, mas recusou a segunda.

« A dissidência entre os dous governos versava sobre a fronteira comprehendida entre a margem direita do Paraná e a esquerda do Paraguay.

« No intuito de decidil-a, propoz o governo da Republica, por meio do seu plenipotenciario, como condição indispensavel, que se nomeassem commissarios para examinar os terrenos contestados, e verificar as posses, ou monumentos de posse das duas nações.

« Enquanto esse exame se não fizer, dizia o plenipotenciario paraguayo, a Republica sustentará que a divisa dos dous paizes não pôde ser outra sinão do lado do rio Paraná, o rio Ivinheima, e do lado do rio Paraguay o rio Branco, que corre ao norte do Apa, unidos estes dous rios pelas serras de Maracajú ou Anhambahy, desde as suas cabeceiras, que dellas nascem.

« No entretanto é certo, e o proprio representante da Republica o declarou na segunda conferencia, que a Republica não possui actual-

mente nem uma povoação, estabelecimento ou monumento de posse além do Iguatemy e além do Apa.

« O que o governo paraguayo allegava para pretender a divisa do Ivinheima eram as posses que ali tiveram os hespanhões; e para provar o seu direito ao territorio entre o Apa e o chamado Rio Branco allegava o estabelecimento do forte Olympe, outr'ora Bourbon, que fica fronteiro, sobre a margem direita do Paraguay.

« Fez-se ver, por parte do Governo Imperial, que não era razoavel o adiamento, afim de que commissarios fossem percorrer o terreno e verificar as posses de um e outro Estado.

« Que a questão estava resolvida *a priori*, uma vez que o proprio governo paraguayo declarava que, além do Iguatemy, e além do Apa nada possuia. Que o exame dos terrenos sobre as linhas contestadas nada daria em resultado, porque correm ellas por pontos desertos, despovoados, sem vestigios de occupação.

« Que as occupações hespanholas, a que quiz soccorrer-se o plenipotenciario paraguayo, relativamente á linha do Ivinheima, tiveram logar durante a união de Portugal á Hespanha, e desapareceram logo que se separaram as duas corôas; eram factos muito anteriores aos tratados de 1750 e 1777, que reconheceram e assignaram o *uti possidetis* das duas metropoles, nessa parte de suas possessões limítrophes.

« Que, quando se construiu o forte Bourbon ou Olympe, sobre a margem direita do rio Paraguay, já os hespanhões e portuguezes se achavam ha muito estabelecidos em uma e outra margem daquelle rio, já tinham sido celebrados os tratados de 13 de janeiro de 1750 e de 1 de outubro de 1777, que reconheceram o meio desse rio por fronteira das possessões de Hespanha e Portugal.

« Que portanto aquelle estabelecimento não podia conferir direitos sobre a margem opposta.

« Que a Republica nenhuma posse ou dominio tem no territorio que pretende ou contesta ao Brazil, provam-n'o as propostas feitas pela mesma Republica em 1844, 1847, 1852 e 1853, as declarações do

seu plenipotenciario na segunda conferencia, e os poucos factos sem importancia e eventuaes que foram invocados a titulo de posse effectiva.

« O Governo Imperial, não se aproveitando da proposta, que lhe offereceu a Republica em 1844, pela qual se reconhecia a divisa de 1777 não accetando a cessão do territorio do Aguapehy, que se lhe quiz fazer em 1847; e offerecendo hoje á Republica, como offerecia em 1853, uma linha de limites que cobre todas as suas possessões e estabelecimentos, mais vantajosas do que aquellas que a mesma Republica propeoz em 1847, 1852 e 1853; exceptuando a idéa do territorio neutral, entendeu que era tudo quanto podia fazer, para obter da Republica o reconhecimento da moderação e benevolencia com que se prestava á solução da inveterada questão de limites entre os dous Estados.

« Não sendo possível chegar a um accordo definitivo, convello-se em adiar o ajuste de limites, obrigando-se os dous governos a nomear, logo que as circumstancias o permittam, e dentro do prazo de seis annos, os seus plenipotenciarios para ser de novo examinada a questão, e resolvida definitivamente.

« No entretanto obrigavam-se outrosim ambas as partes a respeitar e fazer respeitar reciprocamente o seu *uti possidetis* actual.

« A troca das ratificações destes ajustes teve logar na Assumpção, aos 13 dias de junho do anno proximo passado (1856).

José M. DA S. PARANHOS.»

Relatorio do Ministerio de Estrangeiros em 1858:

Missão do Sr. conselheiro José Maria do Amaral:

« O Governo Imperial, como fostes informados pelo Relatorio do meu antecessor, do anno proximo passado, reclamou por nota de 26 de janeiro do mesmo anno contra as medidas fiscaes.

« Algumas destas medidas contrariavam o tratado de amizade, navegação e commercio, celebrado com aquella Republica em 6 de abril de 1856, e gravemente prejudicavam o commercio e navegação da provincia de Matto-Grosso.

« O Sr. conselheiro José Maria do Amaral, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador na Confederação Argentina, foi encarregado de sustentar as respectivas reclamações junto do governo da Republica

« A nota de 11 de maio do governo da Republica repellia em todos os pontos as justas reclamações do Governo Imperial e com ella ficou mallograda a negociação confiada ao Sr. conselheiro José Maria do Amaral.

VISCONDE DE MARANGUAPE.»

Mediação offerecida pelo governo do Paraguay em 11 de junho de 1864

« Ministerio de Relações Exteriores — Assumpção, 11 de junho de 1864.

« O abaixo assignado, ministro e secretario de estado das relações exteriores, tem a honra de dirigir-se a V. Ex. para communicar-lhe que a legação oriental nesta cidade solicitou, em nome do seu governo, a amigavel mediação desta Republica para o ajuste das questões confiadas pelo Gabinete Imperial a S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva, em sua missão especial naquella Republica.

« O governo do abaixo assignado se considerará muito feliz si, empenhando a sua cooperação, puder contribuir para um resultado tão satisfactorio.

« O abaixo assignado aproveita esta occasião para offerecer a V. Ex. as seguranças de sua mui distincta consideração e estima.

« Ao Illm. e Exm. Sr. ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros do Imperio do Brazil. — José Berges.»

« Missão especial do Brazil—Montevideo, 24 de julho de 1864.

« Sr. Ministro.
.
.
.

« Aguardando, como me cumpre, as ordens do meu governo, occor-re-me, entretanto, o dever de declarar a V. Ex. que, nutrido as mais fundadas esperanças de obter amigavelmente do governo oriental a solução das mencionadas questões, parece-me, por enquanto, sem objecto a mediação do governo paraguay, sempre apreciada pelo go-verno de Sua Magestade.

« Aproveito a occasião para manifestar a V. Ex. os votos de minha distincta consideração.

« A S. Ex. o Sr. José Berges.

JOSÉ ANTONIO SARAIVA.»

Officio do governo paraguay a Legação Imperial ao ter conhecimento do «ultimatum» de 4 de agosto

« Ministerio das Relações Exteriores.— Assumpção, 30 de agosto de 1864.
.
.

« Penosa foi a impressão que deixou no animo do governo do abaixo assignado a alternativa do *ultimatum* consignado nas notas de S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva, de 4 e 10 do corrente, ao governo oriental.
.
.

« Não menos penosa foi para o governo do abaixo assignado a negativa de S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva á proposição de arbitramento, que lhe foi feita por parte do governo oriental.
.
.

« Não pôde, porém, ver com indiferença, e menos consentir que em execução da alternativa do *ultimatum* imperial, as forças brasileiras, quer sejam navaes, quer terrestres, occupem parte do territorio da Republica Oriental do Uruguay, nem temporaria nem permanentemente e S. Ex. o Sr. Presidente da Republica ordenou ao abaixo assignado, que declare a V. Ex., como representante de sua Magestade o Imperador do Brazil: que o governo da Republica do Paraguay considerará qualquer occupação do territorio oriental por forças imperiaes, pelos motivos consignados no *ultimatum* de 4 do corrente, intimado ao governo oriental pelo ministro plenipotenciario do Imperador, em missão especial junto daquelle governo, como *attentatoria do equilibrio dos Estados do Prata*, que interessa á Republica do Paraguay, como garantia de sua segurança, paz e prosperidade, e que protesta da maneira a mais solemne contra tal acto.

.....
.....
« A S. Ex. o Sr. Cezar Souvan Vianna de Lima, ministro residente de Sua Magestade o Imperador do Brazil.—*José Berges.* »

Officio do governo paraguay ao nosso ministro plenipotenciario em Assumpção, ao ter conhecimento do caso do vapor oriental « Villa del Salto ».

« Ministerio de Relações Exteriores, 14 de setembro de 1834.

« Factos tão significativos como os que a legação oriental denuncia, consummados em apoio de uma rebellião, com olvido dos principios de legalidade, base dos direitos de dynastia dos governos monarchicos, impressionaram profundamente ao governo do abaixo assignado, que não pôde deixar de corroborar por esta communicação as suas declarações de 30 de agosto e de 3 do corrente.—*José Berges.* »

« Ministerio dos Negocios Estrangeiros — Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1864.

« Com o officio de V. S. n. 3 de 3 do corrente, que tenho presente, recebi as cópias, que o acompanharam, da nota que a essa legação passou o governo da Republica, protestando contra qualquer occupação do territorio oriental, que possa vir a ter logar por parte das forças do Imperio em consequencia do *ultimatum* dominatorio do Sr. conselheiro Saraiva; e bem assim da resposta por V. S. dada á referida nota.

« Inteirado o Governo Imperial desta communicação, completamente approva os termos da resposta de V. S., que nada deixam a desejar.

« V. S. em termos habeis usará do referido despacho, para convencer o governo paraguay de quanto são infundadas as apprehensões que revela em seu protesto.

« Ao Sr. Cesar Sauvay Vianna de Lima.

CARLOS CARNEIRO DE CAMPOS.»

Declaração de guerra

« Ministerio das Relações Exteriores — Assumpção, 12 de novembro de 1864.

« Que, comquanto essa legação em sua nota de 1º de setembro, affirmasse em resposta ao protesto deste Ministerio de 30 de agosto, que de certo nenhuma consideração faria sobrestar o Governo Imperial na politica que havia adoptado para com o governo oriental

« E', porém, com profundo pezar que o governo do abaixo assignado vê, que, longe de haver merecido a attenção do Governo Imperial sua moderação, as declarações officiaes de 30 de agosto e a confirmação de 3 de setembro, responde a ellas com actos aggressivos e

provocadores, occupando com forças imperiaes a Villa de Mello, cabeça do departamento oriental do Cerro Largo, no dia 16 do mez proximo passado, sem prévia declaração de guerra, ou outro qualquer acto publico dos que prescreve o direito das gentes

« Em consequencia de uma provocação tão directo, devo declarar a V. Ex. que ficam rôtas as relações entre este governo e o de Sua Magestade o Imperador, impedida a navegação das aguas da Republica para a bandeira de guerra e merconte do Imperio do Brazil, sob qualquer pretexto ou denominação que seja; e permittida a navegação do rio Paraguay para o commercio da provincia brasileira de Matto-Grosso á bandeira mercante de todas as nações amigas, com as reservas autorizadas pelo direito das gentes.

« A S. Ex. o Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima.— *José Berges.* »

« Legação Imperial do Brazil—Assumpção, 13 de novembro de 1864.

« Sr. Ministro.— Neste instante, 9 horas da manhã, fui informado de que o paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, que sahira deste porto para Matto-Grosso ante-hontem, ás 2 horas da tarde, levando a seu bordo o Sr. Presidente nomeado para aquella provincia, se acha desde esta madrugada ancorado no porto de Assumpção e debaixo das baterias do vapor de guerra paraguayo *Taquary*.

« Em taes circumstancias, dirijo-me immediatamente a V. Ex., pedindo-lhe explicação sobre o grave facto que acabo de expôr

« A S. Ex. o Sr. D. José Berges.—*Cesar Sauvan Vianna de Lima.* »

« Legação Imperial do Brazil—Assumpção, 14 de novembro de 1864.

« E' sem duvida devido a esta grave resolução do governo, de que V. Ex. faz parte, o acto de violencia commettido sobre o paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, que se dirigia a Corumbá, levando a seu bordo o Sr. Presidente novamente nomeado para a provincia de Matto-Grosso, acto ácerca do qual apressei-me hontem mesmo a pedir

a V. Ex. explicações, que até este momento ainda não recebi, continuando o commandante, passageiros e tripolação do paquete a permanecer detidos e incommunicaveis com a terra.

« Limito-me a protestar do modo, o mais solemne e em nome do Governo de Sua Magestade o Imperador do Brazil, contra o acto de hostilidade praticado em plena paz contra o referido paquete *Marquez de Olinda*.

« Tendo, portanto, de retirar-me quanto antes desta capital, peço a V. Ex. que se sirva mandar os passaportes para mim, minha familia, o secretario da legação e comitiva, afim de podermos seguir viagem no paquete *Marquez de Olinda*.

« A S. Ex. o Sr. D. José Berges.— *Cesar Sauvan Vianna de Lima.*»

« Ministerio das, Relações Exteriores — Assumpção, 14 de novembro de 1864.

« Recebi a nota que em resposta á deste Ministerio de 12 do corrente V. Ex. me fez a honra de dirigir com data de hontem, protestando contra a detenção do paquete *Marquez de Olinda*, a respeito da qual havia pedido explicações, que diz não ter ainda recebido, attribuindo o facto á enunciada resolução do meu governo e pedindo passaporte para retirar-se quanto antes desta capital com o pessoal da legação.

« Si ao fechar a nota a que respondo, não havia V. Ex. recebido a minha resposta á nota em que pede explicação sobre o facto occorrido no dia 13, a terá comtudo recebido logo depois, e por ella terá sido informado de que não se enganou attribuindo a detenção do *Marquez de Olinda* á minha notificação de 12 do corrente.

« Incluso tenho a honra de remetter a V. Ex. o passaporte que pede, para retirar-se quanto antes desta capital com sua familia, secretario da legação e comitiva.

« A S. Ex. o Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima.— *José Berges.*»

« Ministerio das Relações Exteriores — Assumpção, 14 de novembro de 1864.

« Tenho por escusada qualquer explicação sobre a materia, visto que V. Ex. deve encontral-a na nota que tive a honra de dirigir a essa legação em 12 do corrente.

« A S. Ex. o Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima. — *José Berges.*»

O governo já havia sido avisado pelo deputado de Matto-Grosso, Antonio Correa do Couto, na sessão de 1858.

Este deputado, chamando a attenção do governo sobre o estado daquela provincia, assim se exprimiu na referida sessão :

« Estou convencido que si se dêsse agora o caso de guerra com o Paraguay, além da provincia não estar preparada, o governo se veria embaraçado em mandar para alli o que ainda lhe falta, pois que nada está preparado na provincia, nem para transportes.

« O Sr. Ministro da Marinha respondeu: Temos esperança de que a paz continue.

« Eu particularmente não tenho esta esperança: e si tivesse occasião de fallar nos nossos negocios com relação ao Paraguay, diria a razão.

Relatorio do Ministerio de Estrangeiros em 1865:

« O Paraguay havia allegado que a necessidade de manter o equilibrio das Republicas do Prata o chamava a protestar contra qualquer invasão de forças brasileiras no territorio do Estado Oriental, acto que consideraria como attentatorio da independencia e integridade do mesmo Estado, e o governo de Agulrre, embalado com a idêa de que essa declaração traduzida em facto, importaria um auxilio effcaz contra o Imperio, obstinou-se em suas recusas ás nossas justas reclamações, illudiu todas as propostas para a solução pacifica e amigavel das difficuldades internas da Republica, que complicavam-se e eram causa essencial dos embaraços internacionais que assoberbavam-n'a.

« Mas o tempo não tardou em demonstrar, que a allegação do Paraguay era apenas um pretexto, embora futil, com que procurava colorir, ou antes encobrir as suas verdadeiras intenções contra o Brazil, e além disso um estratagemma a que recorria para distrahir a attenção do Governo Imperial dos projectos que cogitava, afim de melhor levar a effeito seus perfidos intuitos.

« Assim que, deixando a Republica Oriental entregue a si mesma no momento mais critico, ao passo que fazia circular boatos de que vinha em seu auxilio, porventura no intento de illudir ainda as esperanças daquella, e concentrar toda a attenção do Governo Imperial para a lucta em que se achava com a mesma Republica; o governo do Paraguay resolvia e levava a effeito de surpresa a invasão da provincia de Matto-Grosso, prevalecendo-se da proximidade em que lhe ficava a mesma provincia, conhecendo o estado indefeso em que ella se achava, e a immensa distancia que a separava dos recursos de que careceria, além da difficuldade, si não impossibilidade, de nos distrahirnos então da lucta em que nos achavamos empenhados no Estado vizinho.»

Manifesto de guerra ao Paraguay. — Circular ao governo Argentino e ao corpo diplomatico de Buenos-Ayres

« Missão Especial do Brazil — Buenos-Ayres, 23 de Janeiro de 1865.

« O abaixo assignado, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. o Imperador do Brazil, acreditado em missão especial junto á Republica Argentina, recebeu ordem para dirigir ao Sr. ministro de..... o manifesto que faz objecto da presente nota.

« O governo da Republica do Paraguay, surprehendendo a boa fé e moderação do Brazil, declarou-lhe guerra, em alliança com o governo de Montevideo, e já levou suas armas a povoações quasi indefesas da provincia de Matto-Grosso.

« O Governo Imperial deseja que as potencias amigas possam apreciar, em seu imparcial e illustrado juizo, quanto ha de injusto e

mão nesse temerário procedimento de um governo com quem o Brazil se esforçava por cultivar as mais benevolas relações de vizinhança.

« A Republica do Paraguay, Sr. ministro, vivia sequestrada do commercio das outras nações, e ameaçada em sua existencia pelo ex-governador Rosas, quando entre ella e o Brazil se estabeleceram as mais estreitas relações de amizade e reciproca confiança. O interesse que o governo de Sua Magestade tomou pela independencia do povo paraguay foi reconhecido pelo proprio governo da Assumpção, e pôde ser testemunhado por varios gabinetes da Europa e da America.

« Em 1852, alliando-se o Brazil ao Estado Oriental do Uruguay e a uma importante fracção da Republica Argentina, contra os oppressores e inimigos do Imperio, os generaes Rosas e Oribe, o Governo Imperial convidou logo o do Paraguay para essa cruzada de honra e de interesse commum, não pela necessidade de sua cooperação, mas como garantia do futuro reconhecimento de sua independencia pela nação argentina. O governo paraguay, porém, obrigado por pactos preexistentes entre elle e o do Brazil, a tomar parte activa naquella triplíce alliança, apenas prestou-lhe uma adhesão nominal: poupou-se a todos os onus, reservando-se, todavia, o direito de participar dos beneficios que resultassem e effectivamente resultaram dos esforços do Imperio e dos seus alliados.

« Abertos os afluentes do Rio da Prata á navegação dos ribeirnhose de todo o mundo civilisado, o governo paraguay foi o primeiro a utilisar-se da concessão dos alliados, mas por sua parte conservou o alto Paraguay fechado a todas as bandeiras, mesmo ás do Brazil, da Republica, Argentina e do Estado Oriental, ás quaes não permittia passar além da Assumpção.

« Esta denegação do Paraguay não era uma simples falta de reciprocidade, era a postergação de princípios estipulados entre o Brazil e a Republica por um tratado solemne, o de 25 de dezembro de 1750.

« A provincia brasileira de Matto-Grosso, que encerra em si elementos de grande prosperidade, continuou privada da navegação exterior,

como antes estivera a Republica do Paraguay, não já pelo poder ominoso do governador Rosas, mas pela vontade arbitraria do governo da Assumpção. Assim permaneceu aquella provincia desde 1852 até 1856, quatro longos annos depois de franqueada a navegação do Prata e dos seus afluentes por todos os outros ribeirinhos.

«Tão injusto e irritante procedimento do governo paraguayense esteve a ponto de provocar uma guerra com o Brazil; este, porém, a soube evitar pela sua moderação, não obstante os custosos preparativos que já tinha feito para sustentar pelas armas o seu direito. Em 1856 assignaram-se na Córte do Rio de Janeiro duas convenções que puzeram termo áquella conjunctura.

«Uma destas convenções adiava a questão de limites, causa principal da contenda, porque o governo paraguayense já não admitia nenhuma das soluções que antes propuzera, nem outra mais vantajosa á Republica, que então offerecia o Governo Imperial. A segunda assegurava á bandeira brasileira o livre transito pelo rio commum, com esta restricção, a que o Imperio accedeu por amor á paz, que só dous navios de guerra poderiam passar pelas aguas da Republica para o territorio brasileiro do Alto Paraguay.

«Apenas promulgado o referido accordo amigavel, o governo paraguayense annullou-o de facto, sujeitando a navegação commum a regulamentos que eram a negação do estipulado e tornavam impossivel todo o commercio exterior com a provincia de Matto-Grosso.

«E' facil de conjecturar o effeito que a nova provocação devia produzir no animo do povo e do governo brasileiro. A guerra tornou-se mais uma vez imminente, o Brazil foi obrigado a novos armamentos, mas ainda nesta emergencia o Brazil preferiu a paz, e pôde pela sua prudencia evitar decorosamente aquelle recurso extremo.

«O Governo Imperial propoz e assignou de inteira boa fé o accordo que se contém na convenção fluvial de 20 de fevereiro de 1858.

«Esta convenção não foi para o Brazil uma tregua, á sombra da qual pudesse preparar-se com mais vantagem para rompê-la logo que assim lhe conviesse.

«Não; o Governo Imperial, conscio de seus direitos, e certo do civismo do povo brasileiro, nunca quiz ver nos excessivos armamentos

paraguayos mais do que o triste resultado da politica meticolosa desse governo, e do regimen anormal em que ainda permanece a Republica.

« Esperou sinceramente que o tempo e suas benevolas intenções determinassem por fim a conversão daquelle governo aos dictames da razão e da justiça internacional.

« Nestas disposições confiava o Governo Imperial, quando lhe sobreveio o conflicto com o de Montevideo, e viu-se com espanto no Rio da Prata o governo de Assumpção apresentar-se como o mais zeloso defensor da independencia da Republica Oriental do Uruguay, que ninguem seriamente podia julgar ameaçada pelo Brazil, que a defendera contra o poder de Rosas, e sem o concurso a que o governo paraguayo se obrigara no citado pacto de 25 de dezembro de 1850.

« Depois de numerosos actos, pelos quaes o Governo Imperial tem dado provas inequivocas do seu respeito á independencia daquelle Estado limitrophe, quando o governo argentino, que tem com o do Brazil estipulações especiaes a este respeito, fazia justiça ás intenções deste, a simples duvida do governo paraguayo era por si só uma offensa immerecida; mas esse governo foi mais longe.

« Erigindo-se em arbitro supremo entre o Governo Imperial e o da Republica Oriental, dirigia ao primeiro uma notificação ameaçadora, que nada menos importava do que coarctar ao Brazil uma parte dos seus direitos de soberania no conflicto em que se achava com o governo de Montevideo.

« O abaixo assignado refere-se aqui á nota paraguaya, que corre impressa com a data de 30 de agosto ultimo, pela qual pretendeu o presidente daquelle Republica ingerir-se na questão a que era de todo estranho, sob o pretexto de perigo para a independencia do Estado Oriental.

« O governo da Assumpção não definia a natureza e alcance da sua ameaça; envolveu-a em mysteriosa reserva e tornou-a dependente de uma clausula — a occupação do territorio oriental por forças do Brazil — que se não verificou, e que o Governo Imperial havia declarado estar fóra do seu intento de medidas coercitivas contra o governo de Montevideo.

« A resposta a semelhante pretensão e ameaça não podia ser outra senão a que lhe deu o legação imperial na Assumpção, fazendo sentir ao governo paraguayo que o Brazil exercia o direito inherente a todas as soberanias, e que nenhuma consideração poderia detel-o no justo e honroso empenho de defender a sua dignidade e proteger as pessoas e propriedades dos numerosos subditos brasileiros residentes no Estado Oriental.

« A entrada de um exercito brasileiro no territorio da Republica do Uruguay, sem que este praticasse acto algum de occupação, serviu, não obstante, de fundamento para que o Presidente da Republica do Paraguay rompesse as suas relações de paz com o Brazil. A ameaça de 30 de agosto foi allegada como prévia e solemne declaração de guerra, para justificar um abuso inqualificavel de boa fé internacional, com que esse governo encetou as suas hostilidades de guerra contra o Brazil.

« O Sr. ministro tem conhecimento da captura insidiosa do paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, que navegava, como de costume, pacificamente pelo rio Paraguay com destino á provincia de Matto-Grosso, e da prisão afflictiva a que tem sido constrangidos alguns dos inermes passageiros desse vapor, entre os quaes se achou o alto funcionario brasileiro, que ia tomar conta da administração daquella provincia.

« O governo da Assumpção considerou como prisioneiros de guerra, e trata com extrema severidade, a passageiros que simplesmente transitavam pelas aguas da Republica, confiados no estado de paz em que se achavam os dous paizes, e á sombra de um direito incontestavel. Os tempos modernos não offerecem exemplo de attentado igual.

« O conflicto do Brazil com o governo de Montevideo foi, como se vê, um pretexto e uma occasião que o governo paraguayo aproveitou para levar a effeito os seus projectos de guerra.

« Os factos referidos põem em toda a luz o plano de ha muito premeditado por esse governo, e o alvo a que elle se dirige; mas ha outra prova não menos significativa de seus maleficos intentos. Esta prova é a expedição militar que elle enviou ao territorio de Matto-Grosso,

contando com as vantagens da surpresa naquella remota provincia brasileira, victima a esta hora da devastação e atrocidades que vão praticando os seus invasores.

« A' vista de tantos e taes actos de provocação, a responsabilidade da guerra sobrevinda entre o Brazil e a Republica do Paraguay pesará exclusivamente sobre o governo da Assumpção. O governo de Sua Magestade repellirá pela força o seu aggressor; mas, resalvando com a dignidade do Imperio os seus legitimos direitos, não confundirá a nação paraguaya com o governo que assim a expõe aos azares de uma guerra injusta, e saberá manter-se como belligerante dentro dos limites que lhe marcam a sua propria civilisação e os seus compromissos internacionaes.

« O abaixo assignado tem a honra de renovar ao Sr. os protestos de sua mais alta consideração.

« Ao Sr.

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS.»

Embora as declarações officiaes dos principaes órgãos do governo brasileiro desde 1853 provem á saciedade, como se vê pelos *precedentes historicos*, a convicção, que tinha o Governo Imperial de que sómente por meio de uma guerra se acabariam as pendencias que tinhamos com o governo da Republica do Paraguay, elle conservou-se em uma inercia completa e a guerra surpreendeu-nos n'um verdadeiro estado de desarmamento, quer no exercito, quer na marinha.

O governo do Brazil em sua imperial e soberba indifferença dos negocios do Rio da Prata, que sempre entendia resolver pela diplomacia, chegava até a ignorar o estado de armamento do Paraguay; e, no mais criminoso desleixo, deixava a longinqua provincia de Matto-Grosso sem recursos para defender-se de uma invasão repentino, e as fronteiras do Rio Grande do Sul desguarnecidas completamente e sem uma estrada estrategica, siquer, para o caso de uma invasão subita e inesperada, que exigisse uma movimentação rapida de forças brasileiras.

O Paraguay desde muito se preparava para a guerra, e Francisco Solano Lopez, julgando-o prompto¹, declarou a guerra, apoderando-se por um acto de verdadeira pirataria, em plena paz, do vapor *Marquez de Olinda*, navio mercante brasileiro da Companhia de Navegação do Alto Paraguay.

Aprisionado na manhã do dia 12, a 30 milhas acima de Assumpção, pelo vapor de guerra paraguayo *Tacuary*, foi o *Marquez de Olinda* reconduzido, como preza de guerra, ao porto de Assumpção, onde chegou na noite de 12 para 13, ficando sob a guarda dos canhões da esquadra paraguaya, e incommunicavel para a terra.

Este vapor conduzia a seu bordo, além de outros passageiros, o coronel Carneiro de Campos, nomeado, por decreto de 5 de dezembro de 1864, commandante das armas em Matto-Grosso (Ordem do dia do Exército n. 418 de 14 de outubro de 1864).

No mesmo dia 13 pela manhã o ministro brasileiro pediu explicações ao governo paraguayo, e á tarde recebeu em resposta um officio, com data de 12, declarando a guerra ao Brazil.

A 14 o ministro brasileiro protestou contra a inqualificavel violencia do governo paraguayo, declarando *preza de guerra* o paquete *Marquez de Olinda*, a sua tripolação e passageiros; e pediu passaportes para si e para o pessoal da legação.

No dia 14² foram-lhe entregues os passaportes.

De Buenos-Ayres o ministro brasileiro, expulso de Assumpção, dizia ao Governo Imperial :

« Tenho a firme convicção de que o Brazil inteiro se erguerá para lavar esta affronta. »

Em novembro, quando Lopez declarou a guerra ao Brazil, já havia mandado acampar em Itapua, em S. José — mi e em Loreto, territorio de Missões, departamento da Candelaria, entre o Paraná e Uruguay, um exercito de 17.000 homens.

¹ Diz Thompson :

« Lopez acreditava que só a guerra poderia tornar conhecida ao mundo a Republica do Paraguay. »

² Embora estes factos já tenham sido mencionados na 1.^a parte, julguei necessario relembrar-os aqui.

Além disso, já estava acampado desde Humaytá, Passo da Pátria e diversos outros pontos militares à margem do Paraná, outro exercito de 20.000 homens, promptos para invadir a provincia do Rio Grande do Sul e talvez o Estado de Corrientes, da Republica Argentina.

Para a fronteira do Apa havia mandado um exercito de 5.000 homens, com 6 bocas de fogo, prompto a invadir a provincia de Matto-Grosso, apoiado pela sua esquadra, com 51 canhões e 4.200 homens de desembarque.

No dia 12 de dezembro Lopez mandou distribuir pelo seu exercito a proclamação seguinte :

«Aos corpos expedicionarios contra o Brazil :

«Soldados, foram estereis os meus esforços para manter a paz.

O Imperio do Brazil, mal conhecendo o nosso valor e enthusiasmo, provoca-nos á guerra.

A honra, a dignidade nacional e a conservação dos mais caros direitos nos mandam acceita-la.

Em recompensa da vossa lealdade e grandes serviços fixei sobre vós a minha attenção, escolhendo-vos, entre as numerosas legiões que formam os exercitos da Republica, para que sejais os primeiros a dar uma prova da valentia das nossas armas, recolhendo os primeiros louros que devemos reunir aos que os nossos maiores puzeram na corôa da patria nos memoraveis dias de Paraguay e de Tacuary.

A vossa subordinação, disciplina e constancia nas fadigas me respondem pela vossa bravura e brilho das armas, que a vosso valor confio.

Soldados e marinheiros, levai este voto de confiança aos vossos companheiros, que nas nossas fronteiras do norte hão de se vos reunir ; marchai serenos ao campo da honra ; recolhei glorjas para a patria e honra para vós e vossos companheiros ; mostrai ao mundo inteiro quanto vale o soldado paraguayo. — *Francisco Solano Lopez.*»

PROVINCIA DE MATTO-GROSSO EM FINS DE 1864

A população era estimada em

Civilisada	{ livre 35.000 habitantes
	{ escrava 6.000 »
Indigena	24.000 »
Ao todo	(5.000 »

A provincia era dividida em tres comarcas judicarias e 16 freguezias, que tinham no todo 148 eleitores.

Dividia-se militarmente em quatro districtos: Matto-Grosso, Villa Maria, Baixo Paraguay e Miranda.

Os pontos guarnecidos por forças ou destacamentos eram:

A cidade de Matto-Grosso, o Forte do Principe, o da Beira e o de Casalvasco; Villa Maria e Corixo, na fronteira da Bolivia; Corumbá e Forte de Coimbra; Villa de Miranda, Nioac e colonias militares de Miranda e dos Dourados.

O relatório do ministro da guerra de 1864 dá como existente em Matto-Grosso uma força de 1.327 homens (officiaes e praços de todas as armas e categorias).

Era presidente de Matto-Grosso o general Alexandra Albino de Carvalho, homem integro e cumpridor de seus deveres, até o maior sacrificio.

De muito tempo reclamava elle do governo central soldados e dinheiro, pero, no caso de uma guerra com o Paraguay, poder defender a nossa fronteira.

Achando-se doente, havia pedido a 31 de março e a 11 de maio de 1864 exoneração do cargo que occupava, e que lhe foi concedido por decreto de 5 de outubro; dando-se-lhe como successor o infeliz coronel Carneiro de Campos, pouco depois prisioneiro de Lopez.

Sómente em abril de 1865 chegaram ás mãos do general Albino de Carvalho os primeiros actos officiaes do governo, depois da declaração de guerra, e que foram: um aviso ministerial de 24 de dezembro de 1864 e uma carta confidencial, de 31 do mesmo mez, em que o

presidente do conselho de ministros recommendava ao general que continuasse a exercer as funções do cargo de presidente de Matto Grosso, até que se apresentasse o seu successor, apesar de haver-lhe sido concedida a exoneração do cargo.

Sómente depois de conhecidas as ameaças contidas nos officios do governo paraguayo de 30 de agosto e de 14 de setembro de 1864, o Barão de Tomandaré e o ministro brasileiro em Assumpção, Cesar Sauvan de Lima, Barão de Jaurú, preveniram ao general Albino que tomasse providencias, para o caso de uma aggressão provavel do governo paraguayo.

Estas communicações chegaram ás mãos do presidente de Matto Grosso a 10 de outubro de 1864.

O estado da provincia era lastimoso, não obstante as energicas reclamações do general Albino. Para a defesa de uma fronteira de mais de 400 leguas havia apenas uma guarnição de pouco mais de mil homens.

Desta força, toda disseminada em extenso territorio, podia contar-se apenas com 600 homens promptos.

Era commandante das armas o coronel do estado-maior de 2ª classe Carlos Augusto de Oliveira.

A força naval, commandada pelo capitão de fragata F. C. de Castro Menezes, era composta do *Anhambay*, vapor de rodas, com dous canhões e 34 homens de guarnição; do *Paraná*, pequeno vapor sem artilharia e que se estava ainda construindo, e dos vaporzinhos *Cuyabá*, *Corumbá*, *Jaurú* e *Alpha*, sem artilharia e com 100 homens de guarnição.

No mappa annexo ao relatorio do ministro da marinha de abril de 1864, sob n. 14, disse o chefe de divisão Jesulino Lamego Costa o seguinte :

« Estes navios não podem ser considerados de guerra; só poderão servir para paquetes.»

O presidente, no mesmo dia 10 de outubro de 1864, fez seguir o coronel Carlos Augusto de Oliveira, com toda a força de linha disponível, para a fronteira; e ordenou que os vaporzinhos *Jaurú*, *Corumbá* e *Cuyabá* fossem estacionar proximo ao Forte de Coimbra.

A muito custo pôde elle reunir na fronteira do baixo Paraguay e Miranda 583 homens de todas as armas; e em 17 de outubro officiou ao ministro da guerra fazendo-lhe ver o quanto era diminuto o numero da força de linha e misero o estado dos cofres da Thesouraria, onde haviam sómente sete contos de réis, sujeitos ainda a pagamentos!

Mandou estes officios pelo alferes Manoel Estevão de Andrade Vasconcellos, que partiu de Cuyabá a 20 de outubro e chegou ao Rio de Janeiro a 21 de dezembro de 1864.

Mandou o corpo de artilharia da provincia guarnecer o Forte da Coimbra, ficando assim a guarnição elevada a 120 homens; deixou o 2º batalhão de artilharia a pé em Corumbá e fez seguir o casco do batalhão de caçadores da provincia para Miranda, para com alguns guardas nacionaes do 7º batalhão vigiar a fronteira do Apa, sob o commando do tenente-coronel commandante do corpo de cavallaria, José Antonio Dias da Silva.

Providencias do Governo Imperial em relação a Matto-Grosso

O ministro brasileiro em Assumpção recebeu a 13 de novembro á tarde a nota de 12, em que o governo paraguay o fazia sciente de que havia declarado a guerra ao Brazil.

A 15 recebeu seus passaportes; e nos ultimos dias do mesmo mez o Governo Imperial estava já ao facto destes acontecimentos; bem como, por officio do presidente de Matto-Grosso a 21 de dezembro de 1864, sabia tambem do estado de desarmamento da provincia e da falta de recursos para defender a sua fronteira.

A primeira providencia que o governo tomou consistiu na remessa do aviso ministerial de 24 de dezembro de 1864 e na carta confidencial de 31 do mesmo mez, que chegaram a Cuyabá em 13 de abril de 1865.

Depois, por decreto de 16 de janeiro de 1865, foi nomeado presidente e commandante das armas de Matto-Grosso, o marechal Visconde de Camamu.

Emfim, o decreto n. 3331 de 21 de janeiro de 1835 chamou ao serviço de destacamento, na provincia de Matto-Grosso, 3.000 guardas nacionaes de S. Paulo e o decreto n. 3382 de 21 de janeiro de 1835 chamou ao serviço de destacamento, na provincia de Matto-Grosso, 6.000 guardas nacionaes da provincia de Minas Geraes.

A 11 de fevereiro de 1835 o governo declarou que ficava exonerado do cargo de presidente e commandante das armas da provincia de Matto-Grosso, *conforme pediu*, o coronel do corpo de engenheiros Frederico Carneiro de Campos (aprisionado por Lopez a 12 de novembro de 1834, no paquete *Marquez de Olinda*).

Por decreto de 12 de novembro foi nomeado ministro da guerra o marechal Visconde de Camamú; e por decreto de 25 do mesmo mez foi nomeado commandante das armas de Matto-Grosso o tenente-coronel de cavallaria Manoel Pedro Drago.

Promovido a coronel, commandante do 5º de cavallaria em março, marchou de S. Paulo a 10 de abril de 1835, em soccorro de Matto-Grosso, com uma columna composta dos seguintes corpos, além do seu estado-maior e da commissão de engenheiros:

Corpo de artilharia do Amazonas ;

» » guarnição do Paraná ;

» » » de S. Paulo ;

» » cavallaria » » » ;

» » policia » » » ;

Formando ao todo um total de 568 homens.

Ao mesmo tempo o governo ordenava que seguisse de Minas, ao mando do coronel José Antonio da Fonseca Galvão, uma outra columna composta do corpo policial e do 17º de voluntarios; ao todo 1.200 homens, que reuniram-se ás forças do coronel Drago em Uberaba.

Ordenou tambem o governo que seguisse de Goyaz outra força, que juntou-se ás duas primeiras no Coxim, como adiante veremos, a 16 de dezembro de 1835 ; isto é, um anno depois da invasão e subsequente occupação de grande parte da infeliz provincia de Matto-Grosso pelas forças paraguayas.

Invasão de Matto-Grosso

A 14 de dezembro de 1864 zarpuu de Assumpção a esquadra paraguaya, composta dos vapores de guerra *Tacuary*, *Paraguay*, *Igurey*, *Rio Blanco* e *Iporá*, rebocando 3 escunas e 2 lanchas-canhoneiras (chatas) ¹.

A bordo iam como forças de desembarque 4 batalhões de infantaria, com 800 homens cada um, e levando 12 peças raiadas de artilheria á cavallo e foguetes á congrêve de 24.

Em Concepción incorporaram-se-lhe mais os vapores *Salto*, *Rio Apa* e *Marquez de Olinda*, armado em guerra, e uma força de desembarque de 1.000 homens. A esquadra levava 51 canhões.

A expedição ia sob o commando immediato do coronel Barrios, cunhado do presidente Lopez.

Marchava por terra, de accordo com a esquadra, uma forte columna de cavallaria de cerca de 5.000 homens, sob o commando do coronel Resquin, e levava 6 peças de campanha.

Na noite de 26 chegou a esquadra paraguaya á vista do forte de Coimbra, e logo pela madrugada foi percebida pela guarnição do forte.

O commandante do forte era o capitão Benedicto de Faria, e poucos dias antes a guarnição era de 46 homens apenas; mas logo depois da recebida a communicação do ministro brasileiro em Assumpção, ella foi reforçada pelo corpo de artilheria da provincia, commandado pelo major Rego Montelero; havendo assumido o commando da defesa o bravo tenente-coronel Porto Carrero, que era commandante da fronteira.

¹ Embarcação solida de fundo chato, armada com um canhão de 68, atirando no lume d'agua.

Lopez empregou muito este systema simples de lancha-canhoneira durante a guerra.

Para os rios é excellente machina de guerra. Amarrada á margem do rio, em logar de pouco fundo e onde não possam chegar navios, pôde escolher as melhores posições.

As tres escunas foram :

Independencia com 4 peças;

Aquidaban » » » ;

Rosario » 2 » .

FORTE DE COIMBRA

B. ANHAMBÁHY.

P. VAPORES PARAGUAYOS.

G. CHATAS.

A 27 e 28 de DEZEMBRO

de 1865

..... Columnas inimigas ao assalto
De accordo com a planta do chefe Levetzer

E. C. JOURDAN



Long. Oeste Meridiano de Paris

A 14 de dez
guaya, compos
Rio Blanco e
(chatas) ¹.

A bordo far
teria, com 800
lharia á cavall

Em Concep
Apa e Marque
barque de 1.00

A expediçã
cunhado do pre

Marchava p
de cavallaria de
quin, e levava 6

Na noite d
Colmbra, e log

O commanc
dias antes a gu
recebida a com
foi reforçada pe
major Rego M
o bravo tenent
fronteira.

¹ Embarcação
no lume d'agua.
Lopez empreg
guerra.

Para os rios
logar de pouco fu
lhores posições.

As tres escut
Independência
Aquidaban
Rosario

Ancorava no porto o vapor de guerra *Anhambahy*, commandado pelo 1º tenente Balduino José Ferreira de Aguiar.

A guarnição naquela occasião, além dos commandantes da frente e do forte, compunha-se de 10¹ officiaes combatentes do corpo de artilharia da provincia, um cirurgião e 109 inferiores e praças.

A defesa foi coadjuvada por quatro paisanos (civis), quatro vigias da Alfandega, 17 presos e 10 indios cadiúes; ao todo 157 combatentes.

Forte de Coimbra

Apenas teve o commandante conhecimento da approximação do inimigo, dispoz tudo para uma resistencia efficaz e que fizesse honra á bandeira brasileira. Guarneceu 5 bocas de fogo com 35 homens; 6 banquetas com 40, e as seteiras da 2ª bateria com 80 homens.

Quanto a munições de infantaria, só havia no forte 10.000 cartuchos.²

A canhoneira *Anhambahy* forneceu mais 2.000; e o seu valente commandante tomou posição immediatamente no meio do rio para coadjuvar a defesa do forte com as suas duas peças de 32.

Com a canhoneira *Anhambahy* achava-se o vapor *Jaurú*.

A's 8 1/2 da manhã um official paraguayo veio num escaler entregar ao commandante Porto Carrero um officio do chefe da divisão paraguaya, intimando-o a render-se no prazo de 1 hora, sob pena de tomar o forte de assalto e de passar a guarnição pelas armas.

A resposta do commandante foi digna e precisa.

¹ OFFICIAES DO CORPO DE ARTILHARIA

Major Rago Monteiro.

Capitão Ferreira Souto.

» Augusto Conrado.

1º tenente Camargo Bueno.

2º » Oliveira Mello (figura no almanak militar de 1866 como promovido

a 1º tenente em agosto de 1864. Ignorava-se isto em Matto-Grosso.

2º tenentes Monteiro de Mendonça, Paulo Corrêa, Ferreira da Silva, Oliveira

Barbosa e Fernandes de Andrade.

2º cirurgião Pereira do Lago.

² Menos de 100 tiros para cada defensor do forte.

Immediatamente mandou seguir para Corumbá o vapor *Jaurá*, participando o occorrido ao commandante das armas, que alli se achava.

Este vapor alli chegou a 28, pelo meio-dia, e ás 4 1/2 da tarde dizia o commandante das armas em officio ao presidente que o *Jaurá* ia regressar para o forte de Coimbra, levando a bordo o chefe da flotilha e 50 praças com dous officiaes do 2º de artilharia.

Logo que os paraguayos tiveram sciencia da resposta do commandante Porto Carrero, começaram a desembarcar suas forças, para o assalto pela margém direita do rio e para estabelecer baterias que da margem esquerda atirassem sobre o forte.

Nessa occasião o commandante Balduino causou bastante prejuizo ao inimigo, atirando de diversas posições sobre as baterias que procuravam accometter o forte e sobre as columnas que avançavam para assaltar o forte á retaguarda, pela encosta da montanha.

A's 11 horas da manhã os vapores inimigos e suas *chatas* romperam o fogo, porém de tão longe, que seus projectis não alcançavam o forte, á vista do que, o commandante Porto Carrero, querendo poupar munição, mandou cessar o fogo, até que o inimigo chegasse ao alcance do nosso tiro; o que se havendo dado ás 2 horas da tarde, rompeu o fogo geral, tanto de artilharia como de fuzilaria em terra e no rio.

A infantaria paraguaya, avançando pelo lado do sul e pela fralda da montanha, sempre com nutrida fuzilaria, tentou por vezes escalar os parapetos, mas foi sempre entusiasticamente repellida pelos bravos que defendiam o forte e que eram animados pelo valente 2º tenente João de Oliveira Mello e os outros officiaes, que rivalisavam em enthusiasmo com o seu exemplo.

A nossa artilharia respondia constantemente ao fogo simultaneo das duas *chatas*, dos vapores, das tres baterias de artilharia rainada assestadas na fralda do morro, e ao de uma bateria de foguetes a Congreve, assestada á direita do forte.

Os esforços dos nossos bravos artilheiros e infantes e os canhões da *Anhambay* neutralisaram os fogos da artilharia inimiga, e não obstante a bravura e audacia da sua infantaria, bem como a sua grande superioridade em numero, teve de cessar o fogo ás 7 1/2 da noite,

bater em retirada e reembargar suas tropas, com prejuizo de muitos mortos e feridos.

Ao retirar-se o inimigo o commandante verificou que havia gasto na defesa 9.500 cartuchos de infantaria; e em tal emergencia foi necessario que cerca de 70 mulheres que existiam no forte passassem a noite, animadas pelo exemplo da digna esposa do valente Porto Carrero, a fazer cartuchos, enquanto os homens nas trincheiras vigiavam o inimigo.

Trabalharam aquellas dedicadas patriotas toda a noite, conseguindo preparar 6.000 cartuchos para a defesa do dia 28.

Neste dia procurou o inimigo arrombar com balas de 68 o portão principal do forte, e com suas baterias raiadas abrir uma brecha pelo lado da montanha.

Este fogo durou sem interrupção desde as 7 horas da manhã até ás 2 da tarde.

A essa hora a infantaria paraguaya precipitou-se ao assalto, pelo lado das seteiras da 2ª bateria.

A cada momento chegavam inimigos ao parapeito e eram rechagados pelos nossos, no meio de uma gritaria medonha de —rendam-se, de vivas e de morras, sem poder o inimigo, não obstante a superioridade de numero, assoberbar os nossos bravos camaradas.

Às 7 horas da noite, ao escurecer, foram de novo obrigados a bater em retirada, sendo a victoria tanto maior para as nossas armas, quanto não haviamos tido baixa alguma em nossas fileiras, protegidos como eram os nossos soldados pelas muralhas e parapeitos.

Havendo-se retirado o inimigo, o commandante Porto Carrero mandou sahir duas partidas commandadas, uma pelo valente capitão Antonio Augusto Conrado e a outra pelo não menos bravo 2º tenente João de Oliveira Mello, para explorar o terreno.

De volta do reconhecimento trouxeram 18 paraguayos feridos, 85 armas, muitos bonets e referiram que ainda ficavam muitos feridos no matto e que haviam encontrado mais de 100 cadaveres.

Pouco depois as sentipellas verificaram que se approximava nova e numerosa força de infantaria, cavallaria e artilharia; sem duvida para dar novo assalto pela madrugada ou alta noite.

Verificado o estado das munições, viu o commandante que sómente restavam-lhe cerca de 1.000 cartuchos; e reconhecendo que o pessoal estava exausto pela resistencia e pela vigilancia sem descanso, que durava já dous dias e duas noites, e vendo ao mesmo tempo que as pobres mulheres eram incapazes de novo esforço igual ao da noite passada, reuniu os officiaes em conselho, inclusive o bravo commandante do *Anhambahy*, e expoz francamente as condições criticas em que se achavam.

Ouido então o conselho, resolveu-se não sacrificar inutilmente a guarnição, e, fazendo-a embarcar toda no *Anhambahy*, abandonar o forte, que não resistiria a novo assalto, pela falta de munições para repellil-o. Isto resolvido, embarcou toda a guarnição no *Anhambahy* e retirou-se sem o inimigo presentir.

O forte de Coimbra foi tomado pelo inimigo pela imprevidencia do commandante das armas, que devia ter accumulado alli todos os meios de defesa, mandando para o forte o 2º batalhão de artilharia e mais pessoal disponível, com munições de infantaria e artilharia em quantidade sufficiente para resistir ao ataque das forças paraguayas.

Junto ao *Anhambahy* deviam ficar os outros navios da flotilha; ainda que para servir sómente de transporte de tudo quanto precisassem os defensores do forte.

Na occasião da retirada, já rio acima, o *Anhambahy* encontrou o *Jaurá* e o *Corumbá*, que traziam soccorros para o forte e 52 praças do 2º de artilharia a pé.¹

Este soccorro vinha demasiado tarde, e tiveram que voltar todos para Corumbá, ficando parte da força em Albuquerque.

¹ NOMES DOS OFFICIAES QUE DEFENDERÃO O FORTÉ DE COIMBRA

Tenente-coronel Hermanegildo de Albuquerque Porto Carrero.

Major Rego Monteiro.

Capitão Benedicto de Faria.

Dito Ferreira Souto.

Dito Augusto Conrado.

1º tenente Camargo Bueno.

2º tenente João de Oliveira Mello.

Dito Monteiro de Mendonça.

Dito Paulo Corrêa.

Dito Ferreira da Silva.

Dito Oliveira Barbosa.

Dito Fernandes de Andrade.

2º cirurgião Pereira do Lago.

Está verificado que no ataque do forte de Coimbra o exercito paraguay teve um prejuizo superior a 300 homens fóra de combate; e que si a resistencia se houvesse prolongado por mais alguns dias, os navios paraguayos teriam voltado para Assumpção, sem ousar ir até Corumbá.

Resquin, neste caso, teria limitado a sua acção em assaltar e destruir Dourados, Nibac, a colonia de Miranda, arrebanhar todo o gado das fazendas do baixo Paraguay e fazer o deserto nesta região, para recolher-se depois ao Paraguay com os despojos.

O forte de Coimbra era a chave da provincia; nenhum navio inimigo podia ir a Corumbá sem dar combate a essa importante posição e vencel-a. Por isso Lopez mandou aquella grande força de mar e terra, para tomal-a de assalto ao primeiro embate.

A falta de munições obrigou a diminuta guarnição a abandonar o forte, depois de dous dias de uma resistencia heroica; e entretanto a poucas leguas de distancia, em Corumbá, havia grande cópia de munições, bem como o 2º batalhão de artilharia, e lá estavam o

PRAÇAS QUE MAIS SE DISTINGUIRAM

Foram condecoradas

2º cadete sargento ajudante Manoel Eagenio Barbosa.
2º sargento Firmino Cezario Monteiro.
1º sargento Antonio Luiz Vieira.
Amanense da polleia, Manoel Nonato da Costa Franco.
Guarda da Alfandega, Alexandrino Urbano de Araujo.
Dito Justino Urbano de Araujo.
Dito Laurindo Antonio da Costa.
Dito Manoel Sabino de Mello.
Dito Evaristo Paes de Barros.
Passano Americo de Albuquerque Porto Carrero.
Guarda nacional Melchíades de Oliveira Garcia.
Dito Estevão Antonio.
Dito Caetano Paes Rodrigues.
Dito Francisco de Campos.
Operario Amaro Francisco dos Santos.

¹ O 2º batalhão de artilharia a pé viera da capital para Corumbá a 13 de outubro e guarnecia a cidade desde o dia 17. No dia 2 de janeiro compunha-se de:

Commandante tenente-coronel Carlos de Moraes Camisão, 1º tenente-ajudante Joaquim Maria do Espírito-Santo, quartel-mestre Paulo de Araujo Lima, capitão Leonidio Luiz Manoel de Jesus, capitão Sebastião da Costa d'Eça e Cortes, capitão Tito Manoel de Jesus, 2º tenente Luciano Pereira de Souza, 2º tenente Sabino Fernandes de Souza, 2º tenente João Izidoro Chaves, 2º tenente Manoel Joaquim de Paiva, 2º tenente José Sabino Manoel Monteiro, capellão-alferes Manoel Thomaz da Silva e 230 inferiores e praças; ao todo 247 combatentes.

commandante das armas da provincia, coronel Carlos Augusto de Oliveira, e outras autoridades militares de terra e mar!!

Deviam estar no forte de Coimbra não 120 combatentes do exercito, mas 367; e delli teria retrocedido o exercito paraguay, depois de uma boa lição.

Colonia dos Dourados

Ao mesmo tempo que os paraguayos occupavam Coimbra, uma força de 300 homens de cavallaria, do exercito de Resquin, ia destruir a colonia militar de Dourados.

Este ponto occupado e fundado em 1861, a 12 leguas ao sul de Miranda, na cordilheira que separa as aguas do rio Apa das do Ivinheima, era commandado pelo tenente de cavallaria Antonio João Ribeiro, com uma força de 29 praças. Alli haviam já 10 colonos estabelecidos.

Sabendo da approximação das forças paraguayas, o tenente Antonio João resolveu resistir.

Immediatamente mandou retirar os colonos e as praças casadas, com suas familias, em direcção a Santa Rosa; mandou um inferior, com duas praças, participar ao tenente-coronel Dias da Silva a invasão paraguay, e com 15 companheiros resolutos foi ao encontro do inimigo na estrada da colonia.

Intimidado a render-se pelo commandante paraguay, respondeu arrogantemente que tinha forças consideraveis, e protestava, como brasileiro e soldado, contra a invasão paraguay.

Em seguida travou-se o combate, em que, depois de uma lucta de mais de uma hora, succumbiram sob o peso brutal do numero o bravo tenente Antonio João Ribeiro e 12 dos seus valentes companheiros, não sem matar bom numero de inimigos.

O presidente Couto de Magalhães, havendo comprado para o Estado o vapor *Conselheiro Paranhos*, da companhia Fluvial de Matto-Grosso, deu-lhe o nome de Antonio João, em honra a este herde.

A perda de Dourados teve logar a 29 de dezembro de 1864.

Ao mesmo tempo Resquin mandava uma columna de 2.000 homens de sua cavallaria, com 6 bocas de fogo, tomar Nioac e Miranda.

Ataque do rio Feio

Estava acampado em Nioac o tenente-coronel commandante do corpo de cavallaria de Matto-Grosso, José Antonio Dias da Silva, que, prevenido das ameaças do governo paraguayo, havia reunido 130 homens, e tinha comsigo o capitão Pedro José Rufino, o tenente Manoel Pereira de Mesquita, o alferes José Felipe Santiago, o sargento quartel-mestre João Baptista de Arruda Penteado e o cadete José Gonçalves de Oliveira.

A' sua diminuta, mas resoluta força, juntaram-se os voluntarios paisanos Victorino Baptista Dias Prestes, José Maria Anselmo Tavares e Pedro Troz.

No dia 30 de dezembro constou-lhe o ataque á colonia de Dourados e a marcha da columna inimiga sobre Nioac. Nada soube, porém, com relação á vinda da esquadra, nem da tomada do forte de Coimbra.

Immediatamente deu ordem para que se retrinhassem do povoado as familias, para as quaes haviam sómente 4 canoas e 3 carros.

Mandou ordem para que de Miranda viesse o casco do batalhão de caçadores.

Mandou um alferes com seis praças para a frente a verificar a marcha do inimigo, e horas depois marchou com o corpo ao seu encontro.

Havendo passado o rio Nioac mandou o capitão Pedro José Rufino com o alferes Silva e 20 homens fazer de vanguarda; e com a sua força chegou ás 8 horas da manhã do dia 31 de dezembro ao rio Desbarancado.

Alli soube que a columna inimiga se achava dalli a meia legua, além do rio Feio, e para lá marchou immediatamente.

Adeante mandou uma praça com um officio dirigido ao commandante das forças paraguayas, protestando contra a invasão em plena paz e pedindo uma entrevista para scientificar-se das intenções do commandante paraguayo; chegando ao rio Feio, recebeu do commandante paraguayo o seguinte officio: « Sr. Comandante de la fuerza brasileira. Su entrevista conmigo será inutil, y debo intimar a U. rendicion con

toda su tropa dentro de media hora, ó sinó será perseguido con los rigores de la guerra.— *Francisco G. R.*»

O tenente-coronel Dias respondeu: «Sr. commandante da força paraguay. Recebi a sua contestação sobre a minha proposição; não me posso render na meia hora precisa, como desejais, porque também tenho forças para defender-me.

«Quanto á sua entrada no territorio, protesto contra ella; e de tudo vou levar conhecimento ao meu governo. Rio Feio, 31 de dezembro de 1864.— *José Antonio Dias da Silva*, tenente-coronel commandante.»

Poucos momentos depois rompeu o fogo do inimigo, começando pela artilharia. Dias da Silva foi tiroteando em retirada, vagarosamente para áquem do rio Santo Antonio; e conhecendo que o inimigo procurava envolver a sua pequena força pela esquerda e cortar-lhe a retaguarda, accelerou sua retirada, fazendo sempre fogo, e conseguiu cortar e destruir a ponte do rio Desbarrancado.

Neste dia, Dias da Silva teve 8 mortos: 2 cabos, 5 praças e o voluntario Pedro Troz; e deu ao inimigo um prejuizo de mais de 80 homens.

Reconhecendo a incontestavel superioridade da força inimiga, deixou o capitão Pedro José Rufino com ordem de vir se retirando com o corpo, tiroteando, de modo a ganhar tempo; e com poucos companheiros o tenente-coronel Dias da Silva dirigiu-se a Miranda.

Alli estava o casco do batalhão de caçadores com o archivo e bagagens.

Mandou em seguida evacuar a villa e transferir os archivos e bagagens dos dous corpos para o Salobre, dali a 3 leguas pelo rio abaixo; e tomando uma canôa seguiu em direcção a Albuquerque, havendo deixado o commando ao major da guarda nacional Caetano da Silva Albuquerque.

No dia 4, sabendo enfim da noticia da tomada do forte de Coimbra, voltou immediatamente a Miranda e reunindo toda a gente que pôde o todos os particulares que quizeram, retirou-se em direcção ao Aquidauana.

Com elle reuniram-se sete officiaes, um padre, medicos e familias, 37 praças do corpo de cavallaria e 63 praças do batalhão de caçado-

res ; e com o 1º sargento Elias Leite do Nascimento juntaram-se-lhe mais 16 praças do batalhão de caçadores.

A columna paraguaya invadiu e occupou successivamente todos os povoados brasileiros do districto militar de Miranda ; incendiando, destruindo o que podia, saqueando as casas particulares e roubando todo o gado.

Calcula-se em mais de 80.000 cabeças de gado vaccum, sem contar a cavallada, que foram arrebanhadas para o Paraguay.

O commandante Dias da Silva, sem recursos e sem soccorros, viu-se obrigado a bater em retirada a principio para o Taquary, nova colonia do Coxim, depois pela estrada de Sant'Anna do Paranahyba.

Os paraguayos em sua expedição de devastação chegaram até o Coxim, onde entraram a 24 de abril de 1864.

Alli estiveram 6 dias e depois contramarcharam sobre Miranda, Nioac e a fronteira do Apa, deixando tudo arrasado e destruido em sua vandalica passagem.

Corumbá

Depois da occupação do forte de Coimbra, cuja resistencia havia impressionado os paraguayos, seguiram alguns dos seus navios pelo rio acima, assolando tudo em sua passagem.

No dia 1 de janeiro de 1865 chegaram á despovoada e inerme villa de Albuquerque ; e a 3 de janeiro chegaram á cidade de Corumbá, que estava abandonada.

Quando os defensores do forte de Coimbra chegaram a Corumbá no dia 30 de dezembro de 1864, encontraram tudo em alvoroço e um terror panico parecia ter-se apoderado não sómente do povo, como das autoridades militares.

Nenhuma resolução se tomou no sentido da resistencia, e constando que a esquadra paraguaya vinha subindo rio acima, o commandante das armas, coronel Carlos Augusto de Oliveira, mandou, contra a opinião do chefe da flotilha, embarcar, ás pressas, a guarnição e muitos particulares nos navios da esquadrilla e na escuna *Jacobina*.

Esta retirada precipitada e desastrosa effectuou-se na manhã de 2 de janeiro.

O vapor *Anhambahy* conduzindo, entre outros passageiros, o commandante das armas e o da flotilha, e parte do 2º batalhão de artilharia a pé, pôde trazer os incolumes até o Porto do Sará, na margem direita do S. Lourenço.

Alli os desembarcou e voltou o commandante do *Anhambahy* em soccorro dos mais fugitivos, que vinham na escuna *Jacobina* e em diversas canoas.

Na descida encontrou dous vapores inimigos, que lhe deram caça, e depois de grande prejuizo no pessoal ¹ foi tomado o vapor *Anhambahy* por abordagem.

Parte da guarnição lançou-se ao rio, conseguindo escapar-se pelos pantaneos.

Dehi seguiram os vapores inimigos, com a sua preza, ao porto de Sará, mas não encontraram mais a força brasileira, que já se havia internado.

Retirada dos fugitivos de Corumbá

Pelo relatorio ² do valente e benemerito 2º tenente João de Oliveira Mello, que já se havia distinguido na defesa de Coimbra, e que conseguiu salvar 479 fugitivos de Corumbá, vê-se que :

No dia 2 de janeiro, na retirada das forças militares de Corumbá, elle achava-se no vapor *Anhambahy*, quando, pelas 9 horas da manhã, este passou pela escuna *Jacobina*, que estava encostada á margem direita e na qual se achava quasi todo o corpo de artilharia da provincia, 51 praças do 2º de artilharia, 7 artifices, guardas da Alfandega, paisanos, mulheres e crianças.

¹ Foram mortos o piloto José Israel Guimarães, commandante do navio, o commissario Fiuza, o medico Dr. Albuquerque e muitos marinheiros.

² Este relatorio acha-se em original no Archivo Publico do Rio de Janeiro. E' de notar que o bravo João de Oliveira Mello, que em todos os documentos officiaes figura como 2º tenente, havia sido promovido a 1º tenente na promoção de 24 de agosto de 1864; ignorava-se, porém, esta promoção em Matto-Grosso. (*Almanak Militar* de 1865.)

Ao ver passar o vapor, reclamaram os bravos combatentes de Coimbra, com grande vozeria, a vinda do 2º tenente Mello para a escuna.

João de Oliveira Mello, querendo dar a estes bravos camaradas uma prova de estima e de amizade, pediu ao commandante das armas para ir na escuna dirigir as praças em sua retirada. O commandante das armas, havendo-lhe negado esta licença, o 2º tenente Mello retorquiu-lhe: « Sr. commandante das armas, aquellas praças ainda não almoçaram até a estas horas, 9 $\frac{1}{2}$ da manhã; não teem generos nenhuns para a viagem, e demais, são praças de meu corpo e não teem junto dellas, sequer, um official. »

Com isto teve a licença, e o vapor, continuando sempre a andar, fez descer um escaler, no qual embarcaram o 2º tenente João de Oliveira Mello, o 2º tenente Antonio Paulo Corrêa e o sargento quartel-mestre Antonio Baptista da Cunha, que voluntariamente offerceram-se para acompanhar-o, e que foram todos lançados na barranca do rio.

Logo ao saltar, o tenente Mello mandou matar tres rezes e conduzir a carne para a escuna.

Em seguida voltou em um escaler para Corumbá e conseguiu de dous negociantes farinha, sal e bolachas; e indo ao quartel onde havia estado o 2º de artilharia, fez inutilisar grande porção de cunhetes de cartuchos e de barris de pólvora, que elle soube lá existir (tanta falta fez aquella munição para a defesa de Coimbra)!

Depois voltou para a escuna *Jacobina*, que alcançou ás 5 $\frac{1}{2}$ horas da tarde, e continuou a viagem rio acima.

Navegou toda a noite á vara e a espías e continuou do mesmo modo no dia 3, até ás 3 horas da tarde, occasião em que, soprando algum vento, pôde andar á vela até ás 5 horas.

A's 5 $\frac{3}{4}$ o vigia do mastro de prôa deu parte que vinha subindo um vapor paraguay, e ás 6 horas outro, que fundearam ambos em Corumbá.

Não ventava mais; a marcha tornou-se lenta, e, conhecendo que breve os vapores lhes dariam caça, Mello desembarcou toda a gente ás 7 $\frac{1}{2}$ horas da noite, e mandando rodar a escuna e o escaler, e tapar

o lugar do desembarque, pôz sentinellas e, acampando longe do rio, passou allí a noite.

No dia 4, ás 5 horas da madrugada, começou a retirada pelos pantanaes.

Marchou até o dia 13, em que chegou á fazenda do Pantanal, onde ficou acampado até 17, dia em que se retirou e formou acampamento a uma legua da fazenda.

Verificando que só existiam 223 cartuchos, viu, por conseguinte, que não podiam offerecer combate aos paraguayos, no caso de um encontro.

A 24, querendo saber si o caminho estava livre para Dourados,¹ de onde lhe constava que se haviam retirado os paraguayos depois de uma explosão, em que foram victimados um official paraguayo e 23 soldados, e esperando allí encontrar ainda cartuchame e espoletas, foi para a fazenda de Salvador Corrêa da Costa.

Allí soube que os paraguayos se achavam de novo em Dourados.

Cahio doente naquella occasião e sómente a 27 de janeiro pôde voltar ao acampamento, onde havia deixado a sua gente. Antes, porém, de lá chegar, soube que 300 paraguayos com um capitão, um tenente e dous alferes estavam occupando a fazenda.

Chegando ao acampamento ás 7 horas da noite, vio que estava abandonado, e poz-se a caminho, em busca das praças.

A's 10 ¹/₂ da noite encontrou 23 soldados com algumas mulheres e crianças. Allí dormiu; e havendo dado suas ordens a estas praças para irem esperal-o em um ponto dado, poz-se a campo em busca do resto da força; e nesta lida levou até 13 de fevereiro, conseguindo reunir de novo toda a força, á excepção de 4 soldados, tres dos quaes se extraviaram e um unico que desertou para o inimigo.

No dia 14 marchou definitivamente, subindo o rio Taquary com 479 pessoas.

A 26 refez-se de viveres na fazenda do Bracinho e seguiu por terra, passando por S. Bento Gonçalves, Piquiry, Santa Luzia, Corrente,

¹ Estabelecimento militar na margem do rio, que não se deve confundir com a colonia militar dos Dourados.

Santo Antonio do Paraizo, Itiquira, Tacho de Couro, S. Lourenço, Tamanduá, Rebojo, Itaculumi, Aricá da Villa Mendes, Aricá e Coxipó, onde chegou a 29 de abril.

Entrou em triumpho na capital no dia 30, com 230 praças de todas as armas, 4 presos do forte de Coimbra, 1 cabo paraguayo, Francisco Sarnié, que aprisionara, 2 guardas da Alfandega, 1 amanuense de policia e multos particulares, mulheres e crianças.

Em seu relatorio o tenente Mello cita, como havendo-o muito coadjuvado, os 2^{os} tenentes do 2^o de artilharia Manoel Joaquim de Paiva e João Izidoro Chaves; e por se haverem distinguido por sua coragem e disciplina os seguintes inferiores: sargento quartel-mestre Antonio Baptista da Cunha, 1^o sargento Luiz Antonio Vieira, sargento Sabino José Rodrigues, forriel José Pereira dos Guimarães, 1^o sargento Manoel Gomes de Menezes, 2^o sargento Bellarmino de Hollanda Cavalcanti e o 2^o sargento de cavallaria José Lemos de Almeida Falcão.

A 16 de abril havia chegado a Cuyabá o 2^o tenente do 2^o batalhão de artilharia a pé, Luciano Pereira de Souza, que na retirada do porto de Sará fôra incumbido de reunir e gular as praças dispersas pelos pantanos. Conseguiu juntar na fazenda do Bananal, no rio S. Lourenço, 57 praças do 2^o de artilharia a pé, e com ellas apresentou-se em Cuyabá.

Em officio n. 48 de 17 de maio, disse o general Albino:

« Por estes documentos verá V. Ex. o importantissimo serviço prestado pelo valente e esforçado 2^o tenente Mello, que já muito se havia distinguido na defesa do forte de Coimbra, pelo que muito o recommendo á Munificencia Imperial, por se fazer este official digno e merecedor de augmento em sua carreira, e de uma condecoração. »

O Visconde de Taunay em seu estudo historico, sobre a cidade de Matto-Grosso, assim exprime-se:

« Na evacuação de Corumbá, cresceu de importancia o papel do tenente João de Oliveira Mello. Pondo-se ostensivamente á testa dos inferiores e soldados, que a fraqueza e irresolução dos chefes

deixaram á mercê da sorte, fez elle embarcar essa gente, com suas mulheres e filhos e muitas familias de paisanos, em uma escuna e navegou á espiá como pôde, até ver que ia ser victima dos vapores paraguayos, cuja fumaça nos voltas do rio denunciava a aproximação.

Abicando então á terra, procedeu ao desembarque no Bananal,¹ antes do Sará e, desenvolvendo qualidades excepçionaes de energia e espirito de ordem, que de prompto lhe asseguraram as regalias de completa força moral sobre aquella columna de fugitivos, preparou-se para seguir pausadamente e com toda a cautela pelos pantanaes de S. Lourenço em direcção á capital de Cuyabá.

O que foi aquella terrível marcha durante quatro mezas (de 2 de janeiro a 30 de abril) por paúes quasi invadeaveis, em sólo sempre encharcado, cortado de fundas corixas (valles ou sangradouros de lagôas) na estação mais rigorosa do anno, debaixo de continuos aguaceiros, por logares nunca transitados, sem guia, vencendo enormes distancias e rios caudalosos, que todos deviam transpor, desde os mais fortes e impacientes até os mais debeis e retardatarios, passa os limites da descripção.

Só mesmo alma de heróe, empenhada em sacrosanta missão. Sabia, que nada menos de 400 vidas, homens, mulheres, crianças e velhos dependiam só unicamente da sua serenidade e coragem, e dessa convicção tirava recursos para encarar sem desfallecimento as mais cruels e desesperadoras conjuncturas. Tambem severissima e meticulosa disciplina reinava naquella misera columna, a que se haviam juntado não poucos indios terenos, laianas, quinquinaos e guanás e os castigos não eram poupados ao mais leve delicto—caso de salvação publica.

Começada em principios de janeiro essa curiosa retirada, cujas peripecias dariam para livro bem emocional, foi só a 30 de abril que erminou, quando o 2º tenente João de Oliveira Mello triumphalmente entrou em Cuyabá.

¹ Ha engano, o Sará fica na foz S. Lourenço a 38 leguas acima de Corumbá, a denominação de Bananal é muito commum.

Em peso veio a cidade encontrá-lo no Coxipó e levado em braços no meio das aclamações delirantes do povo, foi até a matriz, onde o bispo o recebeu á porta, cantando em seguida solemne *Te-Deum*.

Durante muitas semanas esteve em festas a capital, pasmos todos da milagrosa salvação de tantos entes, graças á dedicação e valentia de um só homem, que tambem salvou alguma cousa de seu, de bem seu, o nome, na triste historia da invasão de Matto-Grosso pelos paraguayos.

Com effeito, no meio de muitos successos deprimentes, pôde a posteridade descansar os olhos nos dous episodios em que figuraram *João de Oliveira Mello* e *Antonio João Ribeiro*, este commandante da estacada de Dourados, que morreu no seu posto com bravura espartana, renovando, simplesmente com dez ⁴ camaradas, o glorioso sacrificio de Leonidas e seus immortaes companheiros.

A 22 de janeiro de 1866 foi Oliveira Mello condecorado com o habito do Cruzeiro.

Capitão a 1.^a de julho de 1867, graduado em major a 14 de julho de 1871, exerceu longo tempo o cargo de commandante do districto militar de Matto-Grosso e da fronteira do norte. Foi promovido a tenente-coronel do estado-maior de 2.^a classe, a 17 de julho de 1884, e em fins de 1890 foi reformado, a seu pedido, no posto de coronel.

Oliveira Mello não era cortezão, nem soube se fazer recommendar, por isso ficou esquecido nos fundos sertões de Matto-Grosso, quando devia figurar na lista dos generaes de mais serviços.

A retirada de Oliveira Mello percorreu 125 kilometros de pantanaes, 175 de navegação do rio Taquary e 350 kilometros de caminho terrestre até Cuyabá; total 650 kilometros.

Por decreto n. 3492 de 8 de junho de 1865 o Governo Imperial concedeu o uso de uma medalha á guarnição que defendeu o forte de Coimbra nos dias 27 e 28 de dezembro de 1864.

⁴ Leverage e Albino de Carvalho accusam 12 camaradas mortos nos Dourados: procedel os nomes, não encontrei.

O governo provincial e a invasão

O brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho, em seu relatório de 4 de agosto de 1865, e o chefe de esquadra Augusto Leverger, em seu relatório de 17 de setembro do mesmo anno, provam o estado de abandono a que estava entregue a provincia de Matto-Grosso naquella época.

Em 9 de janeiro de 1865 o presidente chamou ás armas toda a população, conseguindo mobilisar no rio Aricá, em fins de abril, duas brigadas, e mandou policiar as cidades pela guarda nacional.

A noticia da occupação do forte de Coimbra chegou a Cuyabá na tarde de 6 de janeiro.

O 1º batalhão da Guarda Nacional pegou logo em armas; improvisou-se um corpo de voluntarios cuyabanos e reuniram-se o 2º, 3º e 4º batalhões da Guarda Nacional.

O presidente tomou activas providencias e resolveu occupar e fortificar o extremo Sul das cochilhas do Melgaço, no rio S. Lourenço.

A 20 de janeiro nomeou commandante superior ao chefe de esquadra Leverger, que nesse mesmo dia partio a fortificar o Melgaço.

Esta nomeação inspirou confiança; o Melgaço fortificou-se; o povo voltou ás suas casas, e o inimigo não se atreveu a subir até á capital da provincia.

Até 14 de março Leverger conservou-se no Melgaço, deixando-o fortificado e guarnecido por 520 homens.

Em julho achavam-se em armas 4.074 homens, entre Exército e Guarda Nacional, da qual se achavam aquartelados seis batalhões.

Os paraguayos, que dominavam do S. Lourenço para o Sul, saqueavam e destruíam tudo em sua passagem.

Levaram 61 peças de artilharia e cerca de 1.400 pessoas como prisioneiros.

A impressão causada no Rio de Janeiro pela noticia da invasão foi fulminante! Ficou patente o desleixo e o egoismo dos nossos governos, que mais cuidavam de eleições e das luctas pelo poder do que das necessidades do paiz.

O annotador da obra de Schneider assim se exprime sobre este mesmo assumpto :

« Sirva-nos isto de lição para procurarmos seriamente pôr esta provincia em communicação directa com a Capital do Imperio, sem dependencia de via fluvial por entre paizes estrangeiros.»

A imprensa de Goyaz, em 24 de fevereiro de 1865, exclamava :
« Somos filhos do Brazil, pertencemos a esta grande familia. Entretanto lá se vão sete longos mezes que nenhuma communicação temos do governo ! A ultima data official é de 22 de julho de 1864 e as notas de ameaças do Paraguay são de 30 de agosto !.....»

O correspondente do *Jornal do Commercio*, em Cuyabá, dizia a 18 de março de 1865 : « Completam hoje dous mezes e vinte dias que Coimbra foi atacada e occupada pelo inimigo, e ainda não temos do governo nem sequer um signal de animação »

Até hoje nem uma arma, nem um soldado, nem uma ordem !

Si se tratasse de eleições, teria já vosdo um proprio para cá, como succedeu em certa occasião, em que se expediu um, com ordens francas para comprar quantos cavallo quizesse ; de sorte que em 30 dias tivemos noticias da Côte. »

A 4 de março o brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho suspendeu do cargo de commandante das armas ao coronel Carlos Augusto de Oliveira, por ter esse abandonado Corumbá ; e nomeou para occupar interinamente este cargo ao tenente-coronel Carlos de Moraes Camisão, e havendo sido a 14 do mesmo mez exonerado, a seu pedido, o chefe de esquadra reformado Augusto Leverger do commando das forças do Melgaço e do commando superior da Guarda Nacional, foi confiado o commando das forças do Melgaço ao mesmo tenente-coronel Camisão, e o da Guarda Nacional ao Barão de Aguapehy.

A 13 de abril de 1865 chegou o primeiro recurso mandado do Rio de Janeiro a Cuyabá : foram 500:000\$ para despesas da provincia.

A 17 do mesmo mez o presidente publicou uma proclamação ¹ e

¹ Vide paginas 25 e 26 do relatório do brigadeiro Albino de Carvalho, na occasião de entregar a presidencia ao chefe de esquadra Augusto Leverger, em agosto de 1865.

promoveu a criação de um corpo de voluntarios da patria, de accordo com o decreto n. 3371 de 7 de janeiro de 1865.

Em fins de março de 1865 a situação em Matto-Grosso era a seguinte : O districto de Miranda e o Baixo-Paraguay estavam em poder dos paraguayos.

A 20 de março o general Barrios retirou-se para Assumpção com os vapores *Tucuary* e *Marquez de Olinda*, *Paraguay* e *Igurey* e 1.600 praças, e já anteriormente elle havia mandado para Assumpção o *Rio Blanco* e o *Iporá*, com cerca de 1.000 homens.

Deixou nos Dourados o *Anhambay*, com uma guarnição de 50 paraguayos e 200 praças em terra.

Em Corumbá ficaram 400 homens com 4 canhões de campanha na trincheira e 2 peças no morro, á beira do rio, pouco acima de Corumbá.

Em Albuquerque ficaram o *Salto de Guayra* com 4 peças de 12, o *Rio Apa* com 2 morteiros e 100 praças em terra.

Em Piraputanga ficaram 100 praças. Em Coimbra 80 homens, e no rio Miranda 2 lanchões com uma peça de calibre 3 cada um.

As forças do general Resquin deixaram guardas em Miranda e Nioac e guarnecida a fronteira do rio Apa e Conceição com cerca de 1.000 homens.

O resto da divisão recolheu-se ao Paraguay, levando os despojos da provincia de Matto-Grosso.

A 2 de fevereiro, graças ás providencias do brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho e do chefe de esquadra reformado Augusto Leverger, achavam-se guarnecendo o Melgaço o 3º batalhão da Guarda Nacional, com 500 homens, um contingente de 98 praças de linha, a companhia de artifices, com 67 praças, e estavam em bateria 6 peças de 6 e 2 obuzes de 4 1/2 pollegadas.

No porto estavam os vaporzinhos *Cuyabá*, *Corumbá* e *Jaurá*, com dous rodízios cada um.

Pouco depois vieram tambem alli acampar o 1º batalhão da Guarda Nacional, com 300 homens, e o 2º com 200; o que completou uma força de 1.165.

Achando-se fortificado o ponto, veio commandal-o o tenente-coronel Camisão, alli ficando uma guarnição de 520 praças e reti-

rando-se o resto para a capital, com o chefe de esquadra Augusto Leverger.

A 22 de maio, sabendo o presidente da chegada de forças paraguayas a Tacuary, e receiando um ataque á Capital, por via terrestre, mandou mobilisar a força existente da Guarda Nacional e de tropa de linha, em numero de 2.400 homens, formando 2 brigadas, sob o commando do tenente-coronel Carlos de Moraes Camisão, e acampar no lugar denominado Aricá, ha 5 leguas ao sul de Cuyabá.

Mandou fazer o serviço da guarnição da capital por 200 guardas nacionaes da reserva, por 500 em Villa-Maria e Poconé, e por mais de 100 na cidade de Matto-Grosso.

A 17 de junho de 1865 o brigadeiro Albino declarava em seu officio n. 60 que nenhuma noticia tinha a respeito de seu successor, nem de forças que viessem a soccorrer a provincia, e que nem havia recebido instrucção alguma do governo desde a época em que recebera os 500:000\$ para despesas da provincia ¹, e que esta quantia estava esgotada.

A 19 de junho ordenou que o capitão Antonio Maria Coelho fosse, com 250 praças, occupar o ponto do Coxim; e não tendo este official cumprido esta ordem, ordenou ao commandante das armas a 1º de julho que procedesse, conforme a lei, contra este capitão.

Na mesma data mandou occupar o referido ponto pelo corpo de artilharia da provincia, e recommendava ao tenente-coronel commandante do batalhão de caçadores de Goyaz e ao commandante do esquadraão de cavallaria da mesma provincia, que acabavam de chegar, que fossem acampar tambem naquelle ponto.

As forças de Goyaz, cujo presidente era o Dr. Augusto Ferreira França, foram as primeiras que chegaram em soccorro a Matto-Grosso.

Tendo o presidente recebido, a 6 de agosto, o decreto de sua exoneração, datado de 1º de outubro de 1864, remettido por aviso ministerial de 24 de janeiro de 1865, entendeu o brigadeiro Albino de

¹ Estes 500:000\$ haviam sido remettidos do Rio a 24 de dezembro de 1864. O governo ignorava que naquelle momento mesmo marchava o exercito paraguayo a invadir Matto-Grosso. Sabia apenas, que com o *Marquez de Olinda* haviam os paraguayos aprisionado 400:000\$, dinheiro remettido para as despesas da provincia.

Carvalho, que devia deixar de funcionar e passar a administração ao vice-presidente, que era o chefe de esquadra Augusto Leverger.

A 9 de agosto, pois, empossou no cargo de presidente e commandante das armas ao vice-presidente Augusto Leverger.

Relatorio Albino de Carvalho

Gabinete do Ministro — Ministerio dos Negocios da Guerra — Rio de Janeiro, 3 de março de 1875 — Illm. e Exm. Sr.

O Governo Imperial ha muito tempo que não recebe noticias de Matto-Grosso.

A invasão pelos soldados paraguayos, a tomada do forte de Colmbra, Miranda, etc., as depredações horrosas praticadas pela ferocidade do inimigo, nada tem servido de incentivo para que V. Ex. empregasse os maximos esforços para dar conhecimento ao governo das occurrencias momentosas que se estão dando, pondo mesmo o governo na indeclinavel necessidade de ajuizar dos tristes successos pelas noticias suspeitas vindas por via do Paraguay e Rio da Prata, ou communicadas por algum particular, que dessa provincia tenha chegado, accrescendo que, quando um cidadão notavel pôde fazer com rapidez a viagem de Corumbá a esta Côrte, acompanhado de sua familia, a administração presidencial não soube fazer partir um ou mais proprios com a sua correspondencia ! Semelhante procedimento é inacreditavel, mas infelizmente não pôde ser escurecido. Na presença disto tudo, sou obrigado a fazer-lhe sentir quão estranhavel tem sido o seu descuido, e determinar-lhe mui positivamente que não conte com os correios ordinarios para remessa da correspondencia importante, antes empregue em conduzir-lhe proprios de confiança, bem montados e bem pagos, e com aquelles intervallos aconselhados pela maior ou menor gravidade das circumstancias.

Deus guarde a V. Ex. — *Visconde de Camamu*. — Sr. Alexandre Manoel Albino de Carvalho.

O general respondeu convenientemente ao ministro, que o accusava desta fórma, parecendo querer lançar ao presidente a culpa de não haver o governo do Rio de Janeiro providenciado como devia.

Em sua resposta descreve todos os seus officios, participando os acontecimentos e pedindo providencias.

1º, sob n. 192 de 17 de outubro de 1864.

2º, sob n. 196 de 11 de novembro de 1864.

3º, sob n. 201 de 17 de dezembro de 1864.

4º, sob n. 5 de 11 de janeiro de 1865.

5º, sob n. 11 de 18 de janeiro de 1865.

6º, sob n. 12 de 21 de janeiro de 1865.

7º, sob n. 13 de 25 de janeiro de 1865.

8º, sob n. 14 de 26 de janeiro de 1865.

9º, sob n. 16 de 11 de fevereiro de 1865.

10, sob n. 18 de 18 de fevereiro de 1865.

11, sob n. 21 de 28 de fevereiro de 1865.

12, sob n. 27 de 18 de março de 1865.

13, sob n. 30 de 5 de abril de 1865.

14, sob n. 34 de 22 de abril de 1865.

15, sob n. 35 de 24 de abril de 1865.

16, sob n. 36 de 25 de abril de 1865.

17, sob n. 43 de 3 de maio de 1865.

18, sob n. 44 de 8 de maio de 1865.

19, sob n. 48 de 17 de maio de 1865.

20, sob n. 49 de 21 de maio de 1865.

21, sob n. 52 de 27 de maio de 1865.

Todos estes officios foram recebidos.

«Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex. a inclusa cópia autentica do extensissimo officio, datado de 28 do mez proximo passado, que dirigiu-me o coronel Carlos Augusto de Oliveira, depois que chegou a esta Capital dando os motivos do fatal abandono, que fez da povoação de Corumbá, e da peregrinação em debandada em que andou por espaço de dous mezes com a força que devia defender o dito ponto.

«Dessa exposição se conhece que o coronel Carlos Augusto de Oliveira, então commandante das armas da provincia, ou não esperava

os paraguayos na fronteira do Baixo-Paraguay, ou não tinha intenção de repellir-os, porque nenhuma providencia efficaz deu para isso, e nem soube utilizar-se dos recursos de que podia dispor para uma heroica defesa.

« E' muito de notar-se que, estando á sua disposição os armazens de Coimbra, de Miranda, dos Dourados e de Corumbá, nos quaes havia grande cópia de munições de guerra, fosse o forte de Coimbra evacuado por falta de cartuchos de fuzilaria, tendo o dito coronel chegado a Corumbá em outubro, e sendo aquelle forte atacado em fins de dezembro.

« Ora, si 150 homens mataram no forte de Coimbra mais de 500 inimigos, alguma cousa se poderia fazer em Corumbá com mais do quadruplo desta força, que alli podia estar reunida; mas nem ao menos quiz avistar o inimigo quem para isso devia estar preparado e disposto.

« E' tambem de notar-se que, oppondo-se o commandante da flotilha a que se abandonasse o ponto de Corumbá, tomasse o coronel Carlos Augusto de Oliveira sobre si a resolução de abandonal-o sem o parecer de um conselho de officiaes.

« Ainda mais: Tendo o mencionado coronel chegado, como disse, em outubro á povoação de Corumbá, sahindo desta Capital, onde ha um arsenal de guerra, com o 2º batalhão de artilharia a pé, só conhecesse que não havia cartuchos sufficientes na occasião em que devia empregal-os contra o inimigo, havendo-os allás em muito grande abundancia nos Dourados, por onde passou, e em Miranda, onde esteve.

« Levando desta Capital operarios, não pôde em dous mezes reparar alguma artilharia de Corumbá, onde deixou para o inimigo 20 e tantas bocas de fogo.

« Polvora não podia faltar-lhe, porque até mandou em um hiato para cima a que julgou não ser-lhe precisa.

« Emfim, á vista do referido officio, V. Ex. melhor ajulizará do que deixo exposto.»

Relatorio do Ministerio das Relações Exteriores de 8 de maio
de 1865

INVASÃO DE MATTO-GROSSO

« A 27 de dezembro effectuou-se o ataque do forte de Coimbra.

« Depois de uma heroica e brilhante resistencia da parte de sua guarnição, em numero apenas de 120 homens, mas habil e valentemente auxiliada pelo bravo official que commandava a canhoneira *Anhambaty* que se achava alli estacionada, na noite de 28 para 29, aproveitando a suspensão do fogo do inimigo, viu-se forçado o commandante do forte a retirar-se para Corumbá.

« A parte official dada em 30 de dezembro por este commandante, o tenente-coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, contém as razões do abandono daquelle ponto.

« De posse do forte de Coimbra, assaltaram os paraguayos e tomaram no dia 2 de janeiro a povoação de Corumbá.

« A canhoneira *Anhambaty* prestando nessa occasião os socorros a seu alcance á população indefesa daquelle lugar, seguiu, entretanto, com direcção a Cuyabá, quando á entrada do S. Lourenço conseguiram alcançá-la quatro vapores paraguayos, e da lucta immensamente desigual, que alli se travou no dia 6, resultou ser batido e aprisionado aquelle vapor, commettendo o inimigo, segundo consta, horrorosos attentados.

« Apoderaram-se tambem os paraguayos dos estabelecimentos dos Dourados, Miranda e Nioac.

« Estes novos actos de aggressão veem expostos no officio do presidente da provincia de 28 de fevereiro ultimo, e as atrocidades praticadas pelas forças invasoras acham-se mencionadas no officio da mesma data do chefe de policia e depoimentos que o acompanham.

« No dia 11 de janeiro, tendo noticia official do ataque do forte de Coimbra, o presidente da provincia nomeou commandante superior da Guarda Nacional o chefe de esquadra Augusto Leverger, e deu as necessarias providencias para defesa da Capital.»

Entretanto lê-se no relatório do Ministerio da Guerra do mesmo dia 8 de maio o seguinte :

Relatório do Ministerio da Guerra de 8 de maio de 1865

EXERCITO DE OPERAÇÕES

« Devo nesta occasião confessar-vos que reprehensivel se torna o silencio, ou a nenhuma actividade nas primeiras autoridades de Matto-Grosso, nenhuma das quaes tem procurado informar o governo de quanto ha alli occorrido.

« O que sabemos consta de cartas particulares ; e do movimento e ponto, em que se acham as forças organizadas na Capital da provincia, nada tem ao certo chegado ao conhecimento do governo, sendo atrozada a correspondencia recebida.

« Ordens se expediram para mais rapida e segura communicação daquella provincia com esta Côrte e a todo momento esperam-se respostas e officios da presidencia.»

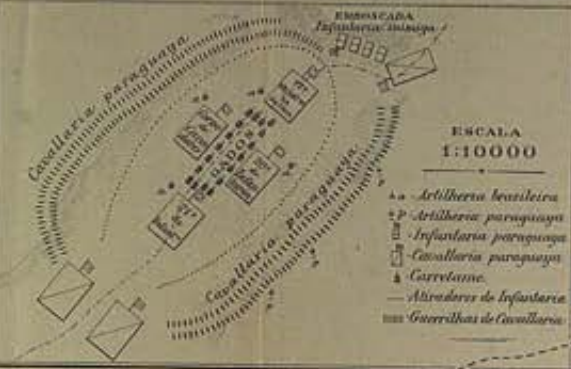
Em seguida á transcrição destes officios, em seu relatório, disse o general Alexandre Manoel Albino de Carvalho :

« Li e reli estas duas peças ministeriaes e declaro a V. Ex. que não posso comprehender o nexo que necessariamente deve haver entre ellas, e si não o ha, ainda não posso atinar com a causa de tão singular occurrencia.»

O ministro da guerra era o mesmo Visconde de Camamu, nomeado em 16 de janeiro presidente e commandante das armas da provincia de Matto-Grosso !

O coronel Carneiro de Campos era prisioneiro de Lopez desde 12 de novembro de 1864 ; sómente teve successor nomeado em 25 de fevereiro de 1865 na pessoa do coronel Manoel Pedro Drago, que foi exonerado por decreto de 1 de outubro, sendo emfim nomeado o chefe de esquadra reformado Augusto Leverger, Barão de Melgaço, presidente legal de Matto-Grosso.

Combate das Forças em retirada no dia 11 de Maio de 1867
mostrando a formação da columna em marcha de 8 a 30 de Maio.



PLANTA

RELATIVA à INVASÃO
Expedição do Matto Grosso

RETIRADA DA LAGUNA

DE 1864 A 1867

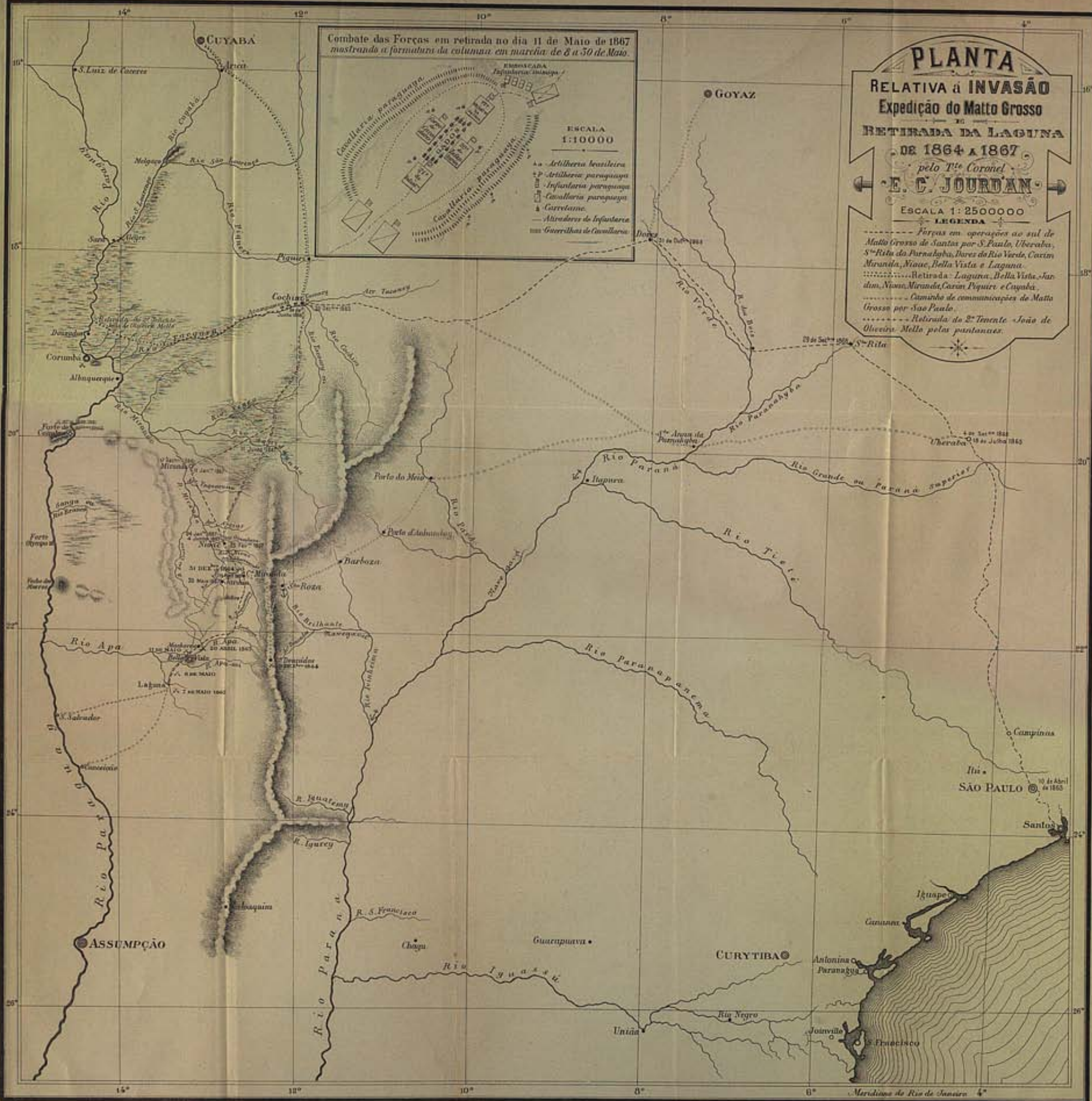
pelo 1º Coronel

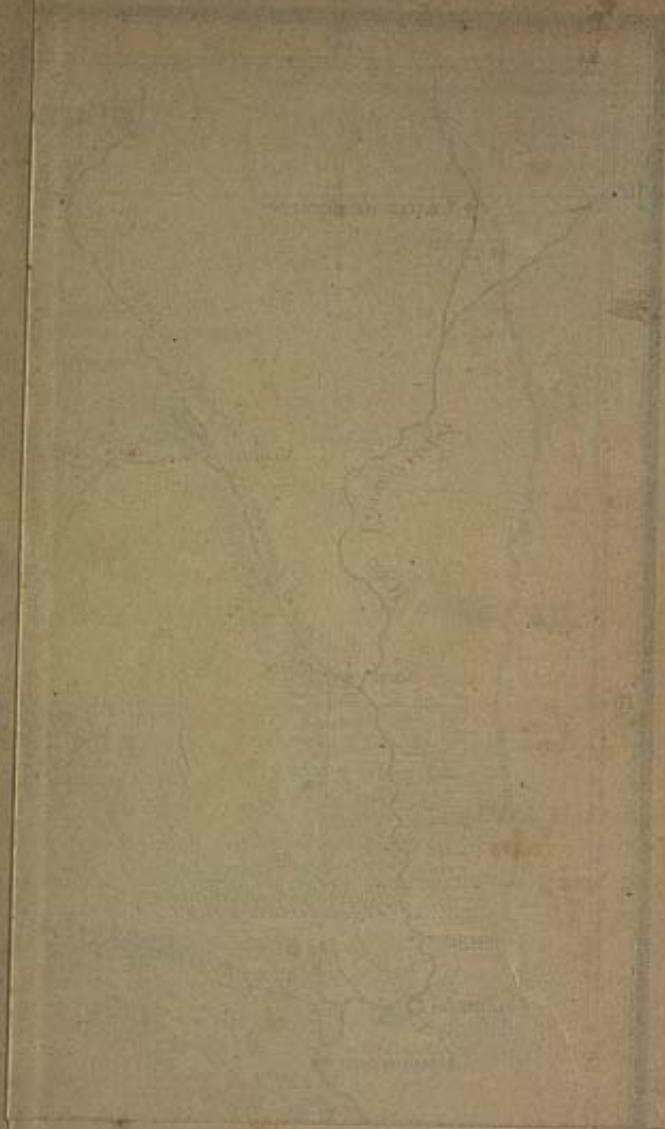
E. C. JOURDAN

ESCALA 1:2500000

LEGENDA

Forças em operações ao sul de
Matto Grosso de Santos por S. Paulo, Uberaba,
S. Rita do Paranaíba, Dorez do Rio Verde, Carim,
Miranda, Nioque, Bella Vista e Laguna.
Retirada: Laguna, Bella Vista, Jar-
dim, Nioque, Miranda, Carim, Piquete e Cuyabá.
Caminho de comunicações de Matto
Grosso por São Paulo.
Retirada do 2º Tenente João de
Oliveira Mello pelas pântanos.





1871

Expedição de Matto-Grosso

A 10 de abril de 1865 marchou de S. Paulo, sob o commando do coronel Drago, uma columna com 568 homens, que chegou a Uberaba a 18 de julho.

Desta diminuta força desertaram até áquella data 166 praças, e morreram 6 de bexigas.

Nesses 99 dias haviam percorrido cerca de 500 kilometros.

A expedição demorou-se 45 dias em Uberaba, durante os quaes desertaram mais 76 praças e morreram 13.

Havendo recolhido alguns contingentes durante a viagem, ficou, mesmo assim, reduzida a 366 homens a columna que partiu de São Paulo.

Em Uberaba fez ella junção com a columna mineira, commandada pelo coronel Galvão e composta do 17º batalhão de voluntarios da patria sob o commando do então tenente do exercito e tenente-coronel em commissão Antonio Enéas Gustavo Galvão, do corpo fixo de Minas e do corpo policial da mesma provincia.

Esta força, organizada em brigada, contava 1.209 homens, de modo que no dia 4 de setembro, ao sahir de Uberaba, a expedição era de 1.575 combatentes, entre officiaes e praças, e levavam 12 bocas de fogo.

A 23 de maio de 1865 o Governo Imperial, sciente de todas as circumstancias da invasão da provincia, e constando-lhe que o tenente-coronel Dias da Silva ainda se achava proximamente ao Taquary ou colonia do Coxim, recommendava, por aviso confidencial, que se reunissem em Uberaba ás forças de S. Paulo e Minas e dalli seguissem por Sant'Anna do Parahyba ao Coxim para soccorrer as forças de Matto-Grosso.

A 27 e 28 de maio e a 9 de junho repetia com instancia a mesma recommendação ao coronel Drago.

A 3 de setembro o coronel Drago, sabendo da occupação e destruição da colonia do Coxim a 27 de abril, officiaava ao governo, dizendo que, embora as vantagens que se apontava em seguir por Sant'Anna do Parahyba, resolvia seguir pela estrada do Rio Claro, para ganhar

a estrada de Cuyabá, e alli reforçar a columna com os elementos que pudessem reunir nas provincias de Matto-Grosso e de Goyaz.

Dizia ainda em seu officio:

« Pretino ao governo de não fazer remessa alguma de generos por essa estrada (Sant'Anna do Paranyhyba), visto que está muito sujeita aos assaltos de nossos inimigos. »

Em consequência desta determinação, a columna expedicionaria marchou em direcção a Santa Rita do Paranyhyba.

Quando a columna partiu de S. Paulo, a commissão de engenheiros, que a acompanhava, era composta do tenente-coronel José de Miranda da Silva Reis, como chefe, do capitão Pereira do Lago e dos tenentes J. Fragoso, E. Barbosa, Chichorro da Gama, Escagnolle Taunay e Catão Roxo.

A 24 de julho reuniu-se á expedição o tenente-coronel Juvencio Manoel Cabral de Menezes, que assumiu o cargo de chefe da commissão de engenheiros, por haver sido nomeado o tenente-coronel Miranda Reis deputado do ajudante general.

A 4 de setembro seguiu a expedição de Uberaba em direcção a Santa Rita do Paranyhyba, onde chegou a 29 do mesmo mez.

De 9 a 23 de outubro a expedição esteve effectuando a passagem do rio dos Bois, e a 19 de outubro o coronel Manoel Pedro Drago entregou o commando da expedição ao coronel José Antonio da Fonseca Galvão e retirou-se para a Côrte. ¹

¹ Ministerio da Guerra Gabinete do ministro — Rio de Janeiro, 1.^o de dezembro de 1865.

Havendo sido nomeado o coronel Manoel Pedro Drago commandante das armas da provincia de Matto-Grosso, e tendo-se-lhe ordenado que seguisse para o seu destino com as forças de S. Paulo, e as de Minas Geraes e Goyaz, . . . devendo operar contra os destacamentos e forças paraguayas que tinham invadido a dita provincia de Matto-Grosso, tomando para semelhante fim a direcção de Sant'Anna do Paranyhyba, seguiu. . . o Governo Imperial, mais de uma vez notou-lhe a urgente necessidade de partir sem demora. . . ainda que fosse só. Não obstante, porém, continuou o mesmo coronel na sua viagem vagarosa, de sorte que em outro aviso de 14 de julho proximo passado foi ordenado ao coronel José Antonio da Fonseca Galvão, que sem esperar a força do coronel Drago seguisse em sua marcha. Esta ordem, porém, só foi recelada pelo coronel Galvão em Uberaba, a 18 de julho, e não pôde ser cumprida, por já se achar alli o coronel Drago, o qual conservou-se naquella localidade tanto tempo quanto se havia demorado em Campinas, até que, em data de 3 de setembro proximo findo, commu-

Por decreto de 1º de outubro de 1865 havia sido exonerado o coronel Manoel Pedro Drago e nomeado o chefe de esquadra reformado Augusto Leverger, agraciado com o título de Barão de Melgaço, havia pouco, para presidir e commandar as armas na provincia de Matto-Grosso.

De Uberaba até o rio dos Bois a expedição havia percorrido 385 kilometros.

Continuando a marcha, a columna chegou á villa das Dores do Rio Verde : a 31 do mesmo mez, tendo havido falta de mantimentos, e falhas em consequencia.

Em Dores foi assassinado o capitão Alexandre Magno de Jesus, do corpo policial de S. Paulo, por um forriol.

Pelo *Diário* da commissão de Engenheiros vê-se que houve falta de mantimentos, porque o governo havia anteriormente mandado formar depositos de viveres pela estrada de Sant'Anna do Paranyhyba, que fôra designada a principio para itinerario da expedição.

Continuando a marcha, chegou a columna ao lugar denominado Polvora a 8 de dezembro de 1865, havendo percorrido mais 616 kilometros desde o rio dos Bois, e 1.001 kilometros desde Uberaba.

Alli o commandante da expedição recebeu uma communicação em que o Barão de Melgaço lhe dizia que era necessario mandar alguns membros da commissão de Engenheiros reconhecer e examinar a estrada que pelo Pequiry vai a Cuyabá, para determinar com exactidão quaes os pontos que deveriam ser occupados, afim de proteger a Capital, no caso de uma demonstração offensiva do inimigo sobre Cuyabá.

nico ao governo que, em vez de seguir a estrada de Sant'Anna do Paranyhyba, tomara a do Rio Claro.

Havendo o Governo Imperial exonerado aquelle coronel do commando das armas de Matto-Grosso por decreto de 1º de outubro.
o Governo Imperial, julgando indispensavel a sua justificação, tem resolvido que elle responda a conselho de guerra, procedendo-se quanto antes ao de investigação, para o qual são nomeados : presidente, o brigadeiro Henrique de Beaupaire Rohan, e vogaes os coronéis Sebastião Francisco de Oliveira Chagas e Alexandre Maria de Carvalho Oliveira.

Deus guarde a V. S. — Angelo Muniz da Silva Ferraz — Sr. Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão.

¹ Vulgarmente chamada Villa das Aboboras.

No dia 15 começaram-se a encontrar os primeiros vestígios da invasão no correjo Jaboty (casas e plantações incendiadas e destruídas).

A 16 de dezembro a columna expedicionaria fez junção com as forças vindas de Goyaz; e até 20 desse mez levou-se passando o rio Taquary e formando depois acampamento no Coxim¹, antiga colonia militar, destruída pelos paraguayos.

A expedição havia avançado mais 105 kilometros; o que, com o percurso anterior, perfazia o total de 1.106 kilometros de Uberaba áquelle ponto, desde 4 de setembro a 20 de dezembro de 1865; e isto devido á enorme volta que se havia feito inutilmente por Santa Rita do Parnahyba!

Si a expedição houvesse seguido pela estrada de Sant'Anna do Paranahyba, como ordenara o governo anteriormente, teria chegado ao Coxim com um percurso de menos 200 kilometros, e com a vantagem de não ser obrigada a tantas falhas por falta de mantimentos, pois nessa estrada não somente havia depositos de viveres de antemão preparados para o exercito, como tambem a zona era mais rica de recursos e não tinha pantanos.

Do porto de Santos, donde mandaram alguns recursos para a expedição, e donde havia marchado por terra parte della, contavam-se 1.742 kilometros² até o Coxim, por causa da volta em desvio do primeiro itinerario designado.

Si de Uberaba a expedição seguisse para o Coxim pela estrada de Sant'Anna do Paranahyba, seria isso um erro funesto, porque tambem traria a consequencia inevitavel da travessia pela zona alagadiça e pestilenta a que foi obrigada a expedição do Coxim a Miranda; mas mesmo assim encurtaria a jornada de cerca de 200 kilometros e evitaria muitas passagens de rios.

Indubitavelmente o melhor itinerario a seguir teria sido de Uberaba, pela estrada de Sant'Anna do Paranahyba, em direcção a Santa Rosa, no rio Ivinhelma, passando por Porto do Meio, no Rio Pardo, Porto da Cachoeira, no rio Anhanduhy-guassú, e de Santa Rosa, base

¹ Hoje S. José de Herculanea.

² Nessa época não existia estrada de ferro em S. Paulo.

de operações, onde podia a expedição receber recursos, por terra e por agua, das provincias do Paraná e de S. Paulo; mandar occupar de novo o Nioac e Dotrádos a poucas leguas da fronteira inimiga.

Finalmente, a expedição teria evitado a longa e mortífera marcha de 2.650 kilometros até Nioac, a que foi forçada.

Si houvesse seguido este ultimo itinerario, teria alcançado esse ponto objectivo com uma travessia de menos de 2.000 kilometros, por terrenos melhores, mais conhecidos, mais salubres e mais facilmente abasteciveis de recursos pela via fluvial navegavel do alto Paraná e de seus affluentes.

Calcula-se que a força reunida no acampamento do Coxim em dezembro de 1835, entre a força de S. Paulo, de Minas e de Goyaz, e contingente de Matto-Grosso, era de 2.080 combatentes.

Felizmente para a historia, a commissão de Engenheiros era composta de moços illustrados e escravos do dever.

Pelos seus relatorios e memorias ella tornou facil a tarefa do historiador; o que não se dá com relação aos factos da invasão da provincia, cujos documentos ou foram perdidos ou desapareceram.

O historiador da expedição de Matto-Grosso e da retirada da Laguna, o Dr. Alfredo d'Escagnolle Taunay, então 2º tenente-ajudante da commissão de Engenheiros, celebrizou aquelles factos.

Dos seus numerosos e bem elaborados trabalhos sobre as scenas que presenciou, faço alguns extractos, a que me autorizou.

A expedição, acampada um pouco além da confluencia dos rios Coxim e Taquary¹, estava dividida em duas brigadas:

A primeira, de 1157 praças, compunha-se do 17º de Voluntarios de Minas, sob o commando do tenente-coronel Antonio Ennéas Gustavo Galvão, do 21º de infantaria de linha, commandado pelo major José Thomaz Gonçalves e do corpo de artilharia do Amazonas, commandado pelo então major João Evangelista Nery da Fonseca.

A segunda brigada, de 914 praças, comprehendia o esquadrão de cavallaria de Goyaz, com duas companhias, commandadas pelos capitães Joaquim Alves de Oliveira e João Damasceno de Albuquerque, o

¹ Junto à corredeira de Beningo.

20^o de linha da mesma provincia, os voluntarios e a policia de S. Paulo e Minas Geraes.

Commandava em chefe o coronel José Antonio da Fonseca Galvão, pouco depois brigadeiro graduado, que tinha sob suas ordens as repartições de Ajudante General, de Quartel Mestre General, do corpo de saúde, da commissão de Engenheiros, do auditor militar, que era o Dr. Antonio Gonçalves de Carvalho, e a repartição fiscal.

Havia ao todo 34 officiaes no estado-maior desta pequena columna, que realmente contava pouco mais de 2.000 combatentes.

Quasi todos os recursos vinham de Goyaz, cujo presidente, o Dr. Ferreira França, distinguia-se por uma energia e actividade taes, que a elle se deve não ter sido victimada inteiramente esta columna.

Diz Taunay :

« Aqui e em toda parte devo declarar-o bem alto: sem a dedicação infatigavel deste distincto brasileiro, a expedição teria seguramente succumbido toda inteira, depois de medonhos horrores ¹; e como este serviço de tanta importancia não tem sido conhecido e devidamente apreciado, nem pela Nação, nem pelo governo, por isso esforçar-me-hei de rememoral-o.

Achava-se, pela força das circumstancias (estação chuvosa), detida a columna, bem que o coronel Galvão ardesse em desejos de expellir o inimigo do districto de Miranda, ainda por elle occupado.

Por isso acolheu pressuroso as informações de alguns fugitivos de Miranda, sobre a possibilidade de abrir uma trilha, que, seguindo a base da serra, desviasse os pantanaes até o Aquidauana.

O commandante ordenou que dous engenheiros seguissem a reconhecer aquelles terrenos, informando sob a praticabilidade da viação e procedendo a uma cuidadosa exploração daquella fralda de serra. Tocou esta penosa commissão ao capitão Antonio Pereira do Lago e ao 2^o tenente A. d'Escagnolle Taunay.

¹ Taunay faz allusão aos bravos restantes da expedição que, perseguida pelos paraguayos até o dia 8 de maio, do Taquarussu, chegaram ao porto de Canuto, no Aquidauana, no dia 11, onde felizmente encontraram os recursos mandados de Goyaz, e alli tudo perfeitamente organizado pelo coronel Lima e Silva; de modo que a expedição refer-se um pouco de tantos soffrimentos, antes de atravessar do novo os pantanaes para ir ao Coxim.

No dia 11 de fevereiro fôra expedida a ordem ; apromptaram-se e a 13 partiram.

A exploração destes dous distinctos engenheiros prolongou-se de 13 de fevereiro a 2 de abril e estendeu-se até o Aquidauana ; havendo elles chegado até ás avançadas paraguayas, proximo ao Porto Pires, onde o inimigo tinha ainda um destacamento de 100 praças.

No dia 13 de fevereiro haviam atravessado o Taquary, que tem alli 150 metros de largura ; e a 26 atravessaram em Pelotas ¹ o rio Negro, que tem alli cerca de 60 metros de largura, com uma velocidade de 0^m,70 por segundo e 2^m,50 de profundidade.

Em seu relatório indicavam elles os pousos que deviam servir para a marcha da expedição:

1^o — O pouso dos Buritys a 18 kilometros do acampamento do Coxim ;

2^o — O ribeirão da mata, a 16 kilometros.

3^o — O ribeirão verde, a 12 kilometros.

4^o — Legoadinho a 15.500 kilometros.

5^o — Corrego da volta a 21.300 kilometros.

6^o — Corrego Fundo a 15 kilometros.

7^o — Rio Negrinho a 18.500 kilometros.

8^o — Rio Negro a 19.200 kilometros.

Eram, portanto, do acampamento das forças no Coxim até o Rio Negro 135.500 kilometros por estimativa dos engenheiros da exploração.

A respeito do acampamento das forças no Coxim diz o *Relatório geral da comissão de engenheiros nas forças em operações ao sul da provincia de Matto-Grosso, 1866, pag. 48 (anexo ao relatório do Ministerio da Guerra, 1867)*:

« Neste estado desesperado a força achou-se a braços com a mais completa mingua.

¹ Na America do Sul, para atravessar um rio onde não ha embarcação alguma, unem-se em circulo as pontas ou garras de um couro secco, formando assim uma especie de sacco estanco, no qual se acocora o viajante, que ficando com os braços de fora, puxa a agua até transpor o rio.

E' a isso que chamam *pelotas* ; e, si algum dos viajantes é nadador, vai a pelota por elle puxada por meio de uma corda.

Reduzida a simples carne, por espaço de mais de mez, muitas vezes faltou-lhe aquella alimentação exclusiva, que deu em resultado o apparecimento de varias molestias.

Os generos de primeira necessidade chegaram a preços exorbitantes, aproveitando-se a ganancia e o espirito de lucro abusivo da desgraça, a que todos se viam reduzidos. Um conjunto, obtudo, de factos tão tristes fez mais realçar as virtudes que imperam no soldado brasileiro, patenteando o seu caracter eminentemente soffredor e resignado, á subordinação e disciplina, que lhe são naturaes.

Depois de dias, em que nada se distribuia, nenhuma queixa se erguia, nenhuma exigencia se ouvia, todos se penetravam das difficuldades que presidiam a qualquer providencia que tomar, e calmos esperavam pelo que lhes reservava a sorte.

Não nos compete a apreciação dos factos que deram em resultado esta ordem de cousas: consignamos simplesmente as phases por que passou a expedição, nas quaes sempre presenciámos o comportamento altamente recommendavel do pessoal que a compunha; galhardo nas marchas e prompto para todos os trabalhos, supportando, enfim, as maiores privações, a que pôde ser sujeito o homem na guerra, sobretudo nas condições difficeis que proporcionam distancias immensas e sertões inhospitos.

Depois da mais penosa marcha por centenaes de leguas, rodada de perigos e incommodos, na qual de continuo luctava-se com circumstancias imprevistas, acompanhadas de innumer as afflicções, veio a estada prolongada do Coxim pôr á prova a abnegação e o sentimento intimo do dever, de que tantos exemplos brilhantes tem dado o brasileiro que enverga os distinctivos da vida de privações e de soffrimento.»

Em suas «Scenas de viagem» diz o Sr. Taunay, á pag. 150, sobre este trecho do relatorio: — «Quadro exacto da triste situação que apresentava a expedição de Matto-Grosso, atirada a um canto da provincia, que vinha soccorrer, reduzida á inacção por obstaculos invenciveis de um lado, de outro pelos poucos meios de que dispunha para, sómente sobre si, emprehender a offensiva. De nenhum consolo lhe servia o titulo pomposo com que, a pedido, a haviam agraciado.

Forças lhe faltavam; operações era uma ironia cruel para um espirito philosophico, e o sul da provincia de Matto-Grosso é tão vasto, tão medonhamente erigido de difficuldades, sobretudo naquella epocha, quanto o eram os sinistros paizes da Germania em que se abysmaram as bizarras legiões de Varo. Assim, pois, não nos iludiamos sobre o presente; e o futuro, como derivação natural, não nos abria horizontes de flôres.»

Havendo passado o Rio Negro, os engenheiros continuaram o seu reconhecimento e entraram na zona dos terrenos alagados.

Ahi conseguiram, depois de passar dias de fome, tendo como unico alimento algumas frutas silvestres, chegar no dia 10 de março ao rio Tabôco; e no dia 11 ao arranchamento do cidadão João Pacheco de Almeida, um dos fugitivos da invasão paraguaya.

Reconheceram que antes de maio, isto é, sómente depois da retirada das aguas, poderia a expedição atravessar aquella região medonha.

A distancia entre o Rio Negro e o acampamento de João Pacheco era de 168 kilometros de pessimo terreno, era já o pantanal.

Depois de alguns dias de descanso imprescindível, continuaram, a 24 de março, o seu reconhecimento para o Aquidauana, havendo feito ainda 151 kilometros, no fim dos quaes verificaram que ainda estava occupado e guarnecido o Porto de Souza por 200 paraguayos com uma bocca de fogo e entrincheiramentos.

Do porto de Souza até Nioac haviam ainda 210 kilometros a percorrer.

Si, porém, a expedição fosse em direcção a Nioac sem passar por Miranda e atravessando o Aquidauana no porto de Dona Maria Domingas, 4 leguas acima do porto de Souza, teria sómente 138 kilometros a percorrer.

Nessa exploração certificaram-se elles de que o unico contingente que podia esperar a expedição, para preencher os claros que a febre abria em suas fileiras, era o de 85 guardas nacionaes sob as ordens do tenente-coronel Albuquerque e 275 indios, sendo 216 da tribu dos Terenas, com o seu capitão José Pedro, 39 Quinquinaós e 20 Lalanos.

Como recursos existiam ainda nas fazendas de Joaquim Alves, de Filho, do capitão Pires, que era prisioneiro dos paraguayos e de José Alves de Arruda cerca de 13.000 rezes, que haviam escapado ás *razzias* dos paraguayos; mas este gado era de tal modo bravo e arisco, que sómente com bons cavallos ou a tiros podia ser apanhado para o consumo.

Quanto ao sal, sómente haviam de 2 a 3 alqueires, e vendia-se á razão de 600\$ o alqueire ou 15\$ o litro.

Quanto a cereaes, sómente se podia contar com 447 alqueires.

Os nossos engenheiros tiveram tambem informações positivas sobre as posições ainda occupadas por forças paraguayas no districto de Miranda, que o inimigo já havia considerado como conquista sua, classificando-o officialmente sob a denominação de Districto Militar do Mbotety.¹

Elles tinham em

Dourados e Miranda	100	praças
Brilhante	100	"
Sete Voltas	10	"
Vaccaria	100	"
Agua Fria	30	"
Nioac	500	"
Taquarussú	200	"
Porto do Souza	200	"

Ao todo. 1.240 homens.

Tinham além disso guarnições na fronteira do Apa, e occupavam ainda Corumbá, Albuquerque e o forte de Coimbra.

Terminaram a exploração no Aquidauana a 2 de abril de 1866 e remetteram poucos dias depois o seu relatorio ao commandante da columna.

A 25 de abril o brigadeiro Galvão marchou á testa da primeira brigada e chegou no dia 8 de maio ao Rio Negro, ahi esperou a 2ª columna que tinha ficado no Coxim, com o reforço de um

¹ O rio Miranda é denominado Embotety (Mbotety), tambem Aranhahy ou Quaxihy. Alguns portuguezes o chamam de Mondego.

batalhão de voluntarios, que vinha de Goyaz, e sómente chegou completa ao Rio Negro em meados de maio; a columna contava então 2.700 homens.

Infelizmente as condições atmosphericas estavam inteiramente mudadas.

Chuvas repentinas, torrencias, cahiam noite e dia, os brejos augmentavam, as aguas cresciam e a columna achou-se prisioneira numa especie de ilha cercada de pantanos.

O que soffreram alli, de fome, de desespero, de angustia e de molestias, não se pôde descrever.

Frutas silvestres durante oito dias foram a unica alimentação de cerca de 3.000 pessoas!

E nem esperanza havia de soccorros.

Dous engenheiros, Chichorro e Fragoso, se arriscaram através dos obstaculos para procurar uma sahida e voltaram sem tel-a achado, ambos atacados de beri-beri.

O primeiro falleceu e o segundo, mais robusto, pôde escapar, voltando para o Rio de Janeiro.

Assim decorreram o mez de maio e o principio de junho. As chuvas diminuíram, mas os pantaneos ainda eram intransitaveis.

O general Galvão não pôde resistir a tantas contrariedades, e no dia 13 de junho elle entregava a Deus sua alma de velho e valente soldado.

Tomou o commando o tenente-coronel Joaquim Mendes Guimarães, como mais antigo em graduação; e no dia 24 de junho a columna, com um arranco de desespero, lançou-se através dos brejos e altos macegaes, retomando a sua marcha.

No Corixo da Madre foi a columna detida por uma valla de 30 braças de largura e com muito fundo.

Por todos os lados lama e pantano perfido, lama preta fetida, insondavel.

A testa da columna pôde passar sobre fachinas dispostas por soldados arvorados em pontoneiros; mas o resto... achou tudo empantanado, desconcertado e doudos de desespero, furiosos, irreflectidos, lançaram-se naquelle oceano de vasa.

O que se passou então é indescritível. Uma porção de homens atolou-se até ao pescoço e alli ficou; os carros foram ao fundo, mulheres perderam seus filhos, e naquella abyssmo ficaram mais de cem victimas.

Adeante, no corixo da Cangalha, a mesma scena reproduziu-se.

Emfim, depois de dez dias de uma marcha medonha, a columna chegou ao Tabôco (Bocca dos pantanaes), mas em que estado, homens quasi nus, sujos, mortos de cansaço e de fome, uma verdadeira caravana de esfarfapados.

Um mez de abundancia e de descanso retemperou aquelles homens, que a desgraça nunca pôde curvar, nem abater. Honra a esses brasileiros! (*Taunay*).¹

A expedição chegou a esta localidade no dia 3 de julho, e a 13 do mesmo mez tomou o commando o coronel José Joaquim de Carvalho, vindo de Cuyabá para este fim.

A 5 de setembro seguiu de Tabôco a expedição; entre as mais illustres victimas havia fallecido de paralytia reflexa o distincto 1.º tenente Joaquim José Pinto Chichorro da Gama, um dos membros da commissão de engenheiros.

Do dia 7 ao dia 13 a expedição fez a passagem do rio Aquidauana, e a 14 passava pelo acampamento abandonado dos paraguayos, que se iam retirando e recolhendo-se á sua linha do rio Apa.

A 17 chegou a expedição a Miranda, com 5.15 dias de marcha; desde Santos, havia percorrido 2.480 kilometros.

¹ Este episodio veridico prova tambem que na passagem destes pantanaes o chefe que vinha na frente da columna não soube ordenar os trabalhos precisos nem manter uma rigorosa e necessaria disciplina. Si o inimigo estivesse no Tabôco quando a columna sahia dos brejos naquella estado, e sem a sua artilharia, que havia ficado no pantanal, ella estaria irremediavelmente perdida.

A estrada do Chaco, construida em 1898, é um exemplo do que pôde a disciplina e a boa direcção de um general.

A expedição atravessou por aquelles brejos 168 kilometros em nove dias. Do Coxim ao Rio Negro a expedição commandada pelo general Galvão levou 14 dias para avançar 135 kilometros.

Galvão, em melhores condições, fez a média de 9.640 metros por dia, ao passo que Mendes Guimarães, em pessimas condições, fez a média de 18.660 metros por dia.

Isto não foi uma marcha, foi uma fuga, não perante um inimigo victorioso, nem para fugir a um frio de morte, como em Moscow, mas para fugir dos pantanaes e de todo o cortejo de horrores e de males que imperam naquella pestilenta região.

Foi uma verdadeira fuga, pela qual escaparam os fortes, sem importarem-se, como deviam, com os mais fracos. — Nota do autor.

No acampamento do Coxim e nos successivos até Miranda a columna foi extraordinariamente dizimada pelas febres e paralyasia reflexa.

A 11 de Janeiro de 1867, quando sahiu de Miranda a expedição, o seu pessoal estava diminuido de 1.100 homens e reduzido a 1.600 combatentes, entre officiaes e praças.

A 1º de Janeiro de 1867 chegou ao acampamento o novo commandante em chefe, coronel Carlos de Moraes Camisão, para substituir ao coronel Joaquim José de Carvalho, que dera parte de doente e se havia retirado a 28 de dezembro de 1866.

Este chefe deu nova organização ao seu pequeno corpo de exercito. Formou de tudo uma brigada de 1.600 homens, composta dos batalhões:

21º de Minas Geraes.

20º de Goyaz.

17º de Minas e de um corpo de caçadores a pé (os cavallos haviam morrido de peste na travessia do Coxim a Miranda), e este corpo era composto de praças dos corpos de cavallaria de S. Paulo, de Goyaz e de Matto-Grosso, que haviam escapado á epidemia)

Levava ainda comsigo quatro peças raiadas, puxadas por bois, na falta de outros animaes de tracção. ⁴

A villa de Miranda, onde a expedição demorou 113 dias, é quasi inhabitavel, cercada de baixios que ficam alagados com o minimo aguaceiro e que seccam rapidamente aos raios ardentes do sol tropical: é tida como logar de epidemias de origem palustre.

A agua potavel é pessima.

⁴ Foi um novo erro a ida da expedição a Miranda.

Devia de Tabão ter marchado directamente para Nioac, localidade muito mais saudavel do que Miranda. A distancia entre Tabão e Nioac, passando por Miranda, é de 246 kilometros e directamente é de 190 kilometros.

A marcha por Miranda occasionou 113 dias de demora, a morte de muitos dos nossos miseros companheiros e o sacrificio do resto da nossa cavallada e das mulas.

Qual a vantagem que o coronel Joaquim José de Carvalho pensava auferir indo a Miranda, não podemos saber. Seria devido á facilidade do fornecimento pelo rio ? Não, porque as canoas podiam ir a Nioac. Seria com esperanza de junção de sua expedição com a que o presidente Couto de Magalhães estava preparando, e que retomou Corumbá a 13 de Junho de 1867?

Na época em que occupamos Miranda, ainda a parte inferior do rio era dominada pelos paraguayos. E' tanto mais incomprehensivel a marcha que ordenou o commandante, coronel Joaquim José de Carvalho, quanto o reconhecimento dos engenheiros Pereira do Lago e Tannay indiana, como preferivel, a ida a Nioac, sem passar por Miranda.

A villa fôra incendiada pelos paraguayos, e foram saqueadas e destruidas as melhores casas, bem como a propria igreja, de onde levaram até os sinos para o Paraguay.

Antes de seguir com a expedição, o commandante mandou adeante a dous officiaes de engenheiros, Catão Roxo e Escragnoille Taunay, para examinar o estado da estrada até Nioac, e tomar algumas medidas relativas ao acampamento, recebimento de doentes, etc.

A 10 ordenou a marcha, e a 11 seguiu a expedição, acompanhando a infantaria as quatro peças de artilharia puxadas por bois. ¹

A marcha para Nioac foi feita na melhor ordem e regularidade. Alguns doentes foram levados em redes, outros em padiolas (cacolets).

Ao chegar a Nioac morreu o capitão Lomba do 21º batalhão, que vinha atacado da epidemia reinante desde Miranda.

A 24 de janeiro chegou a expedição a Nioac; havendo percorrido 210 kilometros desde Miranda em 14 dias, na média, ou 15 kilometros a marcha por dia.

Os paraguayos já haviam abandonado a povoação desde 2 de agosto de 1866, havendo antes incendiado e destruido quasi tudo. Sómente pouparam a igreja e duas pequenas casas.

A expedição acampou alli mesmo em frente ao antigo povoado, deixando as duas casas para hospital e a igreja para deposito de munições.

O coronel Camisão desejava ardentemente vingar as affrontas recebidas dos paraguayos.

Além disso não podia elle esquecer-se de que, sendo commandante do 2º de artilharia a pé, a opinião publica o havia censurado, pelo abandono de Corumbá cuja responsabilidade queriam os seu desaffelçoados que elle partilhasse conjunctamente com o então commandante das armas Carlos Augusto de Oliveira.

¹ Do antigo corpo de artilharia do Amazonas se havia formado um corpo provisório de artilharia.

Era commandado pelo major em commissão João Thomas Cantuaria, e comprehendia duas companhias, com 7 officiaes e 132 inferiores e soldados.

Alguns dos adjuntos da commissão de engenheiros serviam no corpo, accumulando ambos os serviços do corpo e da commissão.

No dia 11 de janeiro de 1867 era o seu effectivo, entre officiaes e praças, de 140 combatentes.

Impressionavam-no, por um lado, a fraqueza do seu pequeno corpo de exercito, a falta de cavallaria e as pessimas vias de communicação, e por consequente as difficuldades de aprovisionamento para a expedição, por outro lado a incerteza das operações dos exercitos allados ao sul do Paraguay, e que elle julgava auxillar poderosamente com uma diversão pelo norte; podendo assim cobrir-se de glórias, bem como á pequena expedição que commandava.

Occorria-lhe tambem a idéa de que, si o inimigo deixava Matto-Grosso desguarnecido, depois de havel-o invadido e saqueado, seria provavelmente porque dalli não receiava perigos, e empregava melhor as suas forças ao sul.

Momentos havia em que julgava de seu dever avançar e invadir o territorio paraguay; e ao mesmo tempo a sua experiencia de militar veterano reprimia os impetos da sua bravura natural, e se lhe affigurava ser loucura invadir o territorio inimigo com tão diminuta e mal constituida expedição.

O governo da provincia, longe de lhe fazer partilhar a responsabilidade do abandono de Corumbá, o havia nomeado, em seguida, commandante interino das armas da provincia e das forças do Melgaço.

O Governo Imperial o havia promovido a coronel e lhe tinha confiado o commando das forças em operações ao sul de Matto-Grosso.

Elle viu neste commando o meio de rehabilitar-se no conceito publico, e resolveu não sómente repellir o inimigo do territorio nacional, bem como invadir o Paraguay, quaesquer que fossem as consequencias desse arrojo, em lugar de guarnecer a fronteira e de conservar-se na defensiva, apoiando-se nas forças da provincia, que iam tratar de repellir os paraguayos da villa de Corumbá e do forte de Coimbra.¹

Estas idéas, que o dominavam cada vez mais, não obstante a indecisão natural do seu character, acabaram por levar-o a novos infortunios.

¹ Singular coincidência:

No dia em que o major José Thomaz Gonçalves, sexto commandante da expedição, publicava sua ordem do dia aos sobreviventes desta malfadada columna, expellidas pelos paraguayos além do Aquidauana, as forças de Cuyabá cobriam-se de gloria retomando Corumbá de assalto, matando quasi toda a guarnição e tomando seis canhões e duas bandeiras ao inimigo.

Encontrou nos archivos da expedição um officio do Ministerio da Guerra, recommendando a marcha sobre o rio Apa, logo que as circumstancias o permittissem, e viu nesta communicação não o que ella continha, isto é, uma indicação puramente condicional e facultativa, mas uma ordem positiva de atacar.

Ao mesmo tempo via que os nossos soldados já estavam reconfortados, livres da epidemia, que desaparecera de todo em Nioac, cheios de enthusiasmo, bem aguerridos, pelos frequentes exercicios que elle ordenava, e que desejava marchar ao encontro do inimigo.

Conhecia, entretanto, que a sua pequena força sómente representava uma verdadeira vanguarda do exercito em operações, e então renasciam em seu espirito as mesmas duvidas e receios; e quando chegava o dia que elle mesmo havia designado para a marcha, elle detinha-se, protelava, e adiava a partida sob qualquer pretexto.

Conferenciava a miudo com um velho sertanejo que vivia desde a sua mocidade nos sertões ao sul de Matto-Grosso e norte do Paraguay e que conhecia os menores accidentes do terreno em que ia operar a expedição. Era o velho José Francisco Lopes, cuja familia havia sido aprisionada pelos paraguayos, em sua ausencia da fazenda onde morava.

Elle sabia que os paraguayos haviam-na internada na villa Horqueta, a 7 leguas de Conceição.

Na esperanza de libertar os seus, offereceu-se voluntariamente para guiar a expedição, e o commandante, conhecendo a honradez e experiencia do velho, na qualidade de explorador, accellou com prazer esta coadjuvação, que elle considerava como um dos elementos de successo e de bom exito para a expedição.

Deu-se ordem para a marcha, o corpo expedicionario só levava o material que julgava necessario para um mez de ausencia, e as mulheres ficaram em Nioac, á excepção de duas ou tres, que tambem seguiram.

A columna moveu-se a 25 de fevereiro de 1867, e foi acampar a uma legua á margem do rio Nioac. A 26 chegou a Canindé, e a 27 ao Desbarrancado.

Falhou a 28 de fevereiro e a 1.^a de março, e chegou no dia 2 ao rio Feio, onde ficou durante o dia 3.

PLANTA
DA ANTIGA
Colonia de Miranda

ONDE ESTÃO ACAMPADAS AS FORÇAS EM OPERAÇÕES NO SUL DE MATTO-GROSSO

LEVANTADA E DESENHADA

PELO ENGENHEIRO 2.º TENENTE

B.º Alfredo d'Escagnolle Tannay

21 de Março de 1867

B. 21 — *Infanteria de linha*

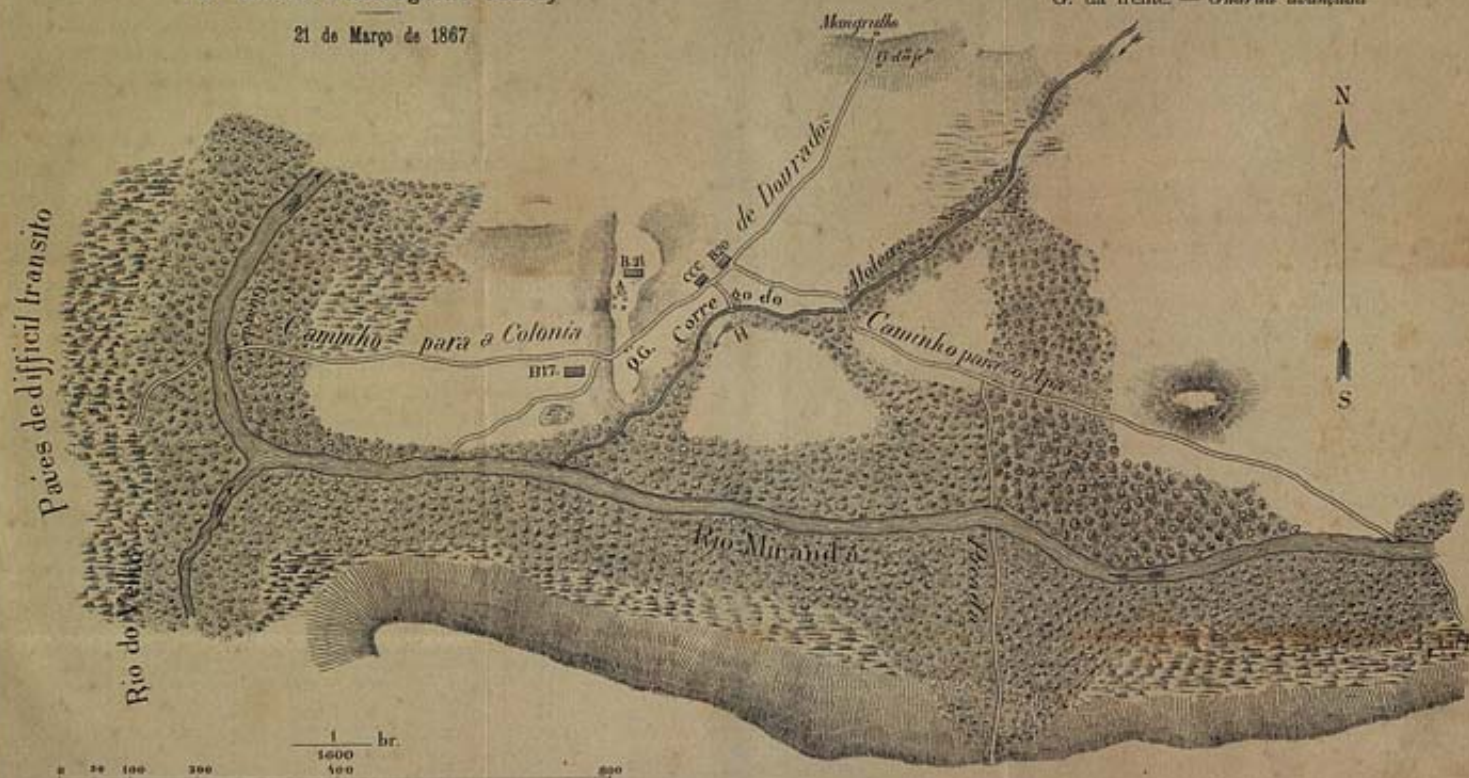
B. 20 — *Infanteria de linha*

B. 17 — *Voluntarios da patria*

CCC. — *Corpo de caçadores, cavallaria a pé*

Q. G. — *Quartel general*

G. da frente. — *Guarda avançada*



Falhou a 23 de fevereiro e a 1º de março, e chegou no dia 2 ao rio Feio, onde ficou durante o dia 3.

Foi neste lugar que a 31 de dezembro de 1864 o tenente-coronel Dias da Silva, com 133 homens, enfrentou com uma columna de mais de 2.000 paraguayos, contra os quaes sustentou um forte tiroteio em retirada, até passar uma ponte, que cortou immediatamente, no Desbarancado.

No dia 3 chegou José Francisco Lopes com 250 rezes, que fôra buscar á sua fazenda do Jardim, para o abastecimento da expedição.

A 4 chegámos á colonia militar de Miranda, que fôra destruida na invasão. Alli foram encontrados ainda alguns vestigios das casas incendiadas.

O coronel fez logo examinar as estradas que alli vinham dar; mandou reconhecer todos os logares que podiam prestar-se a emboscadas e fez occupar as estradas do lado do rio Apa e as entradas da colonia por fortes destacamentos, bem como a frente e retaguarda do acampamento.

A' pag. 29 da *Retirada da Laguna*, Taunay diz: «O que se devia ter feito era avançar com presteza sobre as fortificações paraguayas e tomal-as.

Na primeira confusão desta surpresa podia-se prejudicar fortemente o norte da Republica e tomar esta desforra, antes que o governo de Assumpção tivesse dado providencias; mas o inimigo teve tempo de conhecer a direcção e a força ¹ da empreza.»

Entretanto a fome estava sempre imminente.

Uma nova remessa de 200 rezes, que o velho Francisco Lopes havia ido buscar em seus campos, estava quasi acabada. O consumo diario excedia a 20 rezes, e não havia a necessaria economia; muita gente que não pertencia ás fileiras, e acompanhava a expedição, sustentava-se tambem de um ou outro modo.

Nestas circumstancias extremas renasceram as duvidas do commandante, que por vezes chegou mesmo a admittir a necessidade de voltar a Nioac e abandonar os seus projectos de offensiva.

¹ O governo do Paraguay, perfeitamente informado da força e dos recursos da expedição, contentou-se em oppor-lhe 1.600 homens de cavallaria, do districto da Conceição, e mandar que se fizesse o deserto ao redor della.

Querendo, portanto, afastar de si a responsabilidade de tal acto, por meio de um documento official que em occasião propicia elle pudessem apresentar ao governo, dirigiu a 23 de março um officio ao tenente-coronel Juvencio Cabral de Menezes, chefe da commissão de engenheiros, dizendo-lhe que desejava conhecer a opinião da commissão sobre a possibilidade e oportunidade de um movimento offensivo da columna e sobre o melhor modo de executal-o.

O tenente-coronel Juvencio reuniu os seus companheiros e leu-lhes o officio do coronel commandante da expedição.

Tres dos distinctos membros da commissão esforçaram-se varias vezes, durante a discussão, para resumir fielmente as condições da situação critica em que se achava a expedição, fazendo ver que havia falta absoluta de meios de transporte e locomoção, falta de cavallaria, pouca munição, falta de mantimentos, e finalmente nenhuma esperanza havia de reforço de soccorros para a pequena expedição. Dahi concluiam a probabilidade de que a expedição em breve teria de effectuar uma retirada forçada, em pessimas condições e que podia acabar por um desastre irremediavel, que traria ainda a deploravel consequencia de chamar as forças inimigas a invadir de novo o territorio nacional.

Sem duvida alguma a razão estava com estes officiaes; mas dous dos seus companheiros, considerando a questão sob um ponto de vista diverso, e não sob o ponto de vista pratico, pretendiam que aquella expedição tinha uma missão a cumprir e que devia leval-a a effeito a todo custo; que a sua marcha e diversão pelo norte da republica fazia parte do plano geral das operações de guerra; que sem duvida a columna era fraca e pequena, e podia em taes circumstancias succumbir; mas que o faria utilmente e com gloria, e que ao menos dir-se-hia que ella era composta de generosos filhos do Brazil.

Os membros da commissão eram todos jovens e este modo de encarar a questão fez infelizmente derivar a discussão para o terreno das personalidades e coragem de cada um.

O tenente-coronel Juvencio, que até então não havia fallado, resumiu a sua opinião pessoal, collocando-se no terreno pratico, e disse que a expedição não podia seguir sem viveres, e que o gado estava acabado.

Neste mesmo momento deu-se um destes incidentes que, lançados na balança dos acontecimentos humanos, determinam o seu curso.

Entrava no acampamento, no meio do barulho costumado, um grande magote de gado, que o infatigável Lopes, a pedido do commandante, havia ido reunir nos campos de sua propriedade.

Então o tenente-coronel levantou a sessão, ordenando ao Dr. Alfredo d'Escragno Taunay, secretario da commissão, que communicasse ao commandante do corpo de exercito que a commissão era unanime em reconhecer a possibilidade da marcha para a fronteira inimiga, e apressava-se em offerecer para isso todo o concurso de sua boa vontade.

Em seguida a estas palavras, o chefe da commissão exclamou : « Deixarei uma viuva e seis orphãos, mas hão de herdar um nome honrado . »

A 25 de março o tenente-coronel Juvenio fez um reconhecimento para a frente com o 21º batalhão de infantaria e chegou ao lugar denominado Retiro, a 26 kilometros de distancia, não havendo avistado o inimigo.

A 10 de abril o 17º batalhão de infantaria, commandado pelo tenente-coronel Antonio Enés Gustavo Galvão, fez um outro reconhecimento mais para a fronteira, acompanhado do guia Francisco Lopes e de um grupo de indios.

O corpo estava admiravelmente disciplinado, e sahio para a exploração com musica e bandeira desfraldada.

No dia seguinte appareceram em nosso acampamento 10 cavalleiros: eram 10 brazileiros e entre elles o filho e um genro do velho Francisco Lopes. Havendo sido prisioneiros dos paraguayos e internados na Horqueta, souberam da approximação do exercito brazileiro, e apossando-se de bons cavallos paraguayos, seguiram sempre pelo matto até atravessar o rio Apa, e passando depois pela fazenda do Jardim, vinham agora se nos reunir.

Informaram elles que as fortificações melhores do Apa eram apenas umas simples estacadas de madeiras, em Bella-Vista, e que eram guardadas por cem a duzentos homens commandados por um major Martino Urbieta; que as outras fortificações do Apa estavam

ainda mais fracas, mas que o governo paraguayo, prevenido da expedição brasileira, ia mandar já reforços e havia recommendado que os destacamentos se retirassem sem accellar combate, destruindo tudo que não pudessem levar consigo.

Logo que estas noticias circularam no acampamento, foi geral na soldadesca e nos officiaes o mesmo sentimento, que se traduzia por estas palavras — « Vamos ao Apa. »

O coronel, depois de conferenciar com o genro de Lopes, para tirar ainda gado da fazenda do Jardim, ordenou a marcha para a fronteira. No dia 14 o corpo expedicionario avançou.

Na vanguarda marchava o corpo de caçadores, depois vinha o batalhão 21º, com uma bateria de 2 peças raíadas puxadas por bois, em seguida o batalhão 20º com outra bateria igual á primeira, e finalmente o batalhão n. 17 de voluntarios da patria.

Em seguimento ao grosso do exercito vinham as bagagens, os negociantes com seu pessoal e suas carretas. No flanco esquerdo marchavam os carros de munições de guerra e de bocca e o gado para o consumo da expedição.

Pouco depois passou-se o rio Miranda, uns pelo passo que dava váo, outros pela ponte que foi construida rapidamente pelo 2º tenente Nobre de Gusmão, do corpo de artilharia.

A 16 de abril acampou-se no Retiro, encontrando vestigios da recente passagem de pequenas partidas paraguayas, e tambem signaes de que vigiavam e acompanhavam a nossa expedição.

A 17 a expedição acampou no lugar onde havia existido a fazenda de João Gabriel. Dahi pela primeira vez avistou-se ao longe para oeste a fronteira do Apa.

No dia 18 uma partida de cavallaria paraguaya veio reconhecer a nossa força e retirou-se, vendo avançar o batalhão n. 17, com duas baterias, uma commandada pelo major Cantuaria, outra pelo 1º tenente Marques da Cruz.

A 19 levantou-se o acampamento e continuou a marcha, fazendo vanguarda o batalhão n. 21.

Os paraguayos estavam acabando de destruir a ponte do Taquarussu, quando a nossa vanguarda, alli chegando, fez uma descarga

sobre elles, que retiravam, ferindo um delles, que cahiu do cavallo, mas que foi levado na garupa de outro de seus companheiros.

No fim de uma hora de trabalho a ponte foi restabelecida e a marcha continuou.

Ao sahir a expedição das mattas que encobrem as aproximações do rio achou-se toda a expedição a descoberto em frente de um morro baixo, onde se achava um forte destacamento de cavallaria paraguayos.

Até então, conforme constava pelos refugiados, os paraguayos podiam ter a convicção de que a força brasileira era de cerca de 6.000 homens, mas ahí elles conheceram a fraqueza do corpo expedicionario, que atrevia-se a invadir o Paraguay pela fronteira do Apa, sem base de operações, sem recursos, sem cavallaria e sem esperança de reforços.

O destacamento paraguayos, como para manifestar o seu valor, pouco caso ou desprezo pelas forças que tinha á vista, apeou-se e sentaram as praças, com o maior socego, á sombra das arvores, fazendo alguns delles pastar os seus animaes.

Por fim, o commandante Camisão se decidiu a mandar lançar uma granada, pela peça de Marques da Cruz, no meio do grupo.

Quando a primeira granada fez explosão no meio delles, o destacamento montou a cavallo, á toda a pressa, e desapareceu, acompanhado em sua disparada por mais alguns tiros.

Sómente se encontraram de novo os paraguayos quando chegou-se á Machorra, na fronteira.

A' noite scampou a expedição proximo á confluencia do Sombreiro com o rio Apa, fronteira do Brazil com o Paraguay.

Dous officiaes brasileiros, que vinham por Camaquan partilhar os nossos perigos, alcançaram-nos ahí; e no dia seguinte sua escolta de poucos homens chegou junto com um negociante, por nome Joaquim Augusto.

No dia 20 avançou-se pela margem direita do Apa, fazendo a vanguarda o 17º. Este batalhão, tendo-se adiantado ao resto da columna, retardada pelo máo estado dos caminhos, e pelos embaraços das carretas que acompanhavam o exercito, achou-se repentinamente em frente á fazenda da Machorra, que parte dos paraguayos estavam

destruindo e queimando, quando uma forte linha fazia-nos frente, tirando com os nossos.

De accordo com o tenente-coronel Juvencio, que acabava de unir-se á vanguarda, resolveu o commandante do 17º occupar a posição; e fazendo transpôr o arroio da Machorra, por uma ponte, levou sua gente a acampar no recinto da fazenda, donde com a nossa aproximação se retiraram a toda pressa os inimigos, incendiando as casas, carregando o que podiam e levando comsigo todo o gado e cavallada.

A Machorra era uma fazenda de que Lopez mandava tratar pelos seus guardas da fronteira.

No dia seguinte a expedição passou o rio Apa, em frente á posição paraguaya da Bella Vista.

Os paraguayos, ao approximar-se a columna brasileira, lançaram fogo ao quartel e ás casas do povoado junto, e se retiraram, indo parar no campo, donde observavam os nossos movimentos.

A columna brasileira veio em boa ordem occupar Bella Vista, e o commandante mandou que o 2º de infantaria seguisse em direcção á força paraguaya; mas esta retirava-se lentamente, sem esperar a chegada dos nossos, como si quizesse attrahir-os a alguma emboscada.

Assim passou-se o dia 21 de abril, em que toda a força acampou em territorio paraguayo.

Dahi o commandante mandou officios para o Rio de Janeiro, Matto-Grosso e Goyaz, participando a marcha e a entrada da expedição em territorio inimigo; razão pela qual começou a ser designada officialmente pelo titulo de *Forças em operações ao Norte do Paraguay*.

As forças paraguayas vigiavam com o maior cuidado os movimentos das forças brasileiras, que, sem cavallaria, nada podiam fazer para arrebanhar gado afim de abastecer-se.

O inimigo, com a sua boa cavallaria impossibilitava de todo que os nossos infantes cercassem gado.

Assim, no dia 23, o coronel Camisão mandou fazer uma grande batida, em mais de uma legua de campo, sem tirar delle o menor resultado.

Esta operação infructifera trouxe-lhe a convicção de que seria impossivel sem cavallaria abastecer o exercito á custa do inimigo.

No outro dia as avançadas paraguayas vieram de novo observar os movimentos da columna.

No dia 25 seguiu, por ordem do coronel Camisão, o batalhão 17º de voluntarios, com a proclamação seguinte, que deixou amarrada em uma bandeira branca, a legua e meia de Bella Vista :

« Aos paraguayos :

« A expedição brasileira falla-vos como amigos. Seu fim não é levar a devastação, a miseria e as lagrimas ao vosso territorio. A invasão do norte, assim como a do sul de vossa Republica, não tem outro fim sinão de reagir contra uma injusta aggressão de nacionalidade. Será bom que um dos vossos officiaes venha entender-se connosco. Poderá retirar-se quando quizer ; bastará para isto o declarar. O commandante da expedição jura sob a sua honra e sobre a religião que ambos os povos professam, que garantirá a plena segurança para o homem de coragem que terá esta confiança. Havemos, como inimigos, atirado sobre vós com os nossos canhões ; agora queremos communicar convosco na qualidade de amigos, que podemos vir a ser.

Apresentai-vos com a bandeira branca, e sereis recebidos com todas as atenções que as nações civilisadas devem-se umas ás outras, mesmo estando em guerra. »

Não podemos comprehender o fim do coronel Camisão, mandando semelhante proclamação !

No dia seguinte achou-se esta resposta :

« Ao commandante da expedição brasileira :

« Os officiaes do exercito paraguay sempre estão promptos para receber todas as communicações que se lhes queira mandar ; mas no estado de guerra aberta, tal qual existe entre a Republica e o Imperio, é sómente com a espada na mão que nos é permitido tratar convosco. Vossos tiros de artilharia não nos offendem ; e quando recebermos a ordem de fazel-os calar, ha no Paraguay terreno bastante para as manobras dos exercitos republicanos. »

A 27 de abril o commandante enviou o batalhão 21º para procurar gado ; todo o esforço foi inutil, e, embora na exploração não perdesse um só homem no tiroteio com a cavallaria inimiga, trouxe a triste certeza de nada poder fazer, sem cavallaria, para abastecer-se de gado.

Em consequencia, o commandante Camisão resolveu ficar por enquanto em Bella Vista, e mandou um proprio a Nioac com ordens para de lá virem munições, generos, roupa para os soldados e os archivos da expedição.

Mas a falta de gado, base da alimentação dos soldados, já tornava a estadia em Bella Vista insustentavel. As distribuições de viveres já eram parciaes; já havia penuria.

Era preciso sem mais tardar tomar uma resolução: ou avançar procurando o inimigo, para batel-o, affim de poder depois obter gado sem opposição, ou retroceder para os districtos vizinhos da fronteira, onde havia ainda alguns recursos.

Foi então que os refugiados fallaram de uma fazenda chamada « Laguna » situada a 4 leguas dalli. Ella fazia parte das propriedades particulares do presidente Lopez; e lá achavam-se grandes magotes de gado. Em seguida, como esta idéa parecia do agrado do commandante, alguns officiaes que se achavam junto d'elle enthusiasmaram-se e disseram: « Por que não iríamos a Conceição, já que os paraguayos desafiam-nos¹? Não viemos até aqui para recuar; basta um quarto de ração, e nenhum homem hesitará em seguir seus chefes. » Taunay diz: « Á testa dos mais audaciosos estava o capitão Pereira do Lago, cujo character exaltado fez ter certamente a maior parte nas nossas imprudencias; mas tambem na retirada, nos dias mais difficeis, soube sempre fazer face a todos os perigos e necessidades do momento, e muito auxillou-nos a sua actividade, o seu golpe de vista, e o seu genio inventivo. »

O coronel Camisão decidiu a marcha sobre Laguna. Levantámos o acampamento a 30 de abril e fomos fazer alto nas margens do Apa-mi, dahi a uma legua.

No dia 1º de maio chegámos á fazenda da Laguna que achámos completamente destruida e incendiada pelo inimigo. Por conselhos dos

¹ O commandante havia recebido uma folha de couro mandada pelos paraguayos, com os seguintes escriptos: Avança, careca; infornado o general, que vem por si buscar a morte. Os brasileiros pensam estar na Conceição para as festas. Os nossos á os esperam com baionetas e chumbo.

guias avançou a expedição mais meia legua até uma invernada ou potreiro, mas lá ainda o inimigo, havendo reunido o gado e a cavallada, os internara, enquanto as suas avançadas observavam os nossos movimentos.

Sómente o 21º conseguia apossar-se de um magote de 50 cabeças, e nos dias 2 e 3, embora se fizessem maiores esforços, nada mais se pôde arrebanhar.

No dia 4 soube-se por um negociante italiano, que chegou com duas carretas de generos, que achava-se em marcha, entre Nioac e o Apa, um grande comboio de mantimentos.

Na tarde do mesmo dia desertou um soldado do 17º de voluntarios, e o commandante ficou receioso de que por este miseravel o inimigo soubesse exactamente da posição precaria da expedição. Já Camisão reconhecia a necessidade de um movimento retrogrado em direcção á fronteira do Apa, e quiz ao menos acobertal-o por um golpe de mão glorioso—, que provasse, quer aos inimigos, quer aos seus desaffectedos, que se retirava, mas não forçado pela superioridade do inimigo. Resolveu tomar de surpresa um acampamento paraguay, que se achava dalli a duas leguas, e designou, para execução deste plano, o 21º, o corpo de caçadores e o contingente auxiliar dos indios Terenas e Guaycurús.

Commandava o 21º o capitão de infantaria, major em commissão, José Thomaz Gonçalves, e o corpo de caçadores o bravo capitão do corpo de cavallaria de Matto-Grosso, Pedro José Rufino, que havia commandado a retirada do Desbarrancado, de Nioac e Miranda, em 31 de dezembro de 1884. Ambos eram conhecidos pela sua intrepidez e audacia. No dia 7 pela madrugada marcharam sobre o inimigo, e ao romper do dia, antes de serem presentidos, assaltaram o acampamento inimigo de surpresa: quem não foi morto ou ferido, fugiu. Em seguida, não recebendo ordem em contrario, os dous corpos começaram o seu movimento de retirada para o acampamento, sendo de longe acompanhados pela artilharia inimiga, que, depois de alguns tiros das nossas peças, calou-se e retirou-se.

Nesta surpresa pouca gente tivemos fóra de combate, ao passo que o inimigo teve perdas consideraveis.

Retirada da Laguna

Vamos, portanto, começar a nossa retirada; o combate do dia 7 havia provado a superioridade militar da columna brasileira, e os nossos soldados acceitaram a necessidade da retirada, sem murmurar. No dia 8 de maio de 1867 começou esta medonha retirada, que foi denominada da Laguna, por partir da fazenda deste nome.

O corpo de caçadores estava de vanguarda; depois vinham as bagagens e carretas; em seguida os corpos de infantaria com a artilharia, e nos flancos o gado que ainda tínhamos.

Repentinamente a nossa vanguarda foi atacada por um piquete de infantaria, posto de emboscada em uma matta que orlava o caminho. As primeiras descargas produziram alguma confusão, principalmente entre um grupo de mulheres que iam á par dos soldados.

Nossos homens, porém, lançaram-se resolutamente ao inimigo, desalojaram-o da emboscada, e o levaram até o começo da subida do alto, onde ficava a fazenda da Laguna.

Ahi os paraguayos fazendo alto resistiram algum tempo; depois, enquanto uns nos faziam frente, outros montavam á cavallo e, continuando a tirotear em retirada, paravam frequentemente, recebendo reforços e procurando levar para longe do grosso da columna esta parte do corpo de caçadores que, entusiasmados pela apparente retirada do inimigo, iam cada vez mais isolando-se.

O capitão José Rufino, que vinha com o grosso do corpo á frente da bagagem, reconheceu logo o estado perigoso daquella força e, depois de mandar um official pedir reforços, deu ordem de avançar, e á frente do corpo correu para onde o combate parecia mais renhido. Chegou no momento preciso, pois os paraguayos, depois de evoluções fingindo a fuga, faziam todos, a uma vez, meia volta e carregavam com toda a furia sobre a nossa extrema vanguarda.

A principio os soldados ficaram surprehendidos e perturbados; porém á voz do capitão Pedro José Rufino reuniram-se e formaram quadrados ao redor de seus officiaes.

Então destes agrupamentos partiu densa fuzilaria, que inutilisou o intento do inimigo. Neste turbilhão de homens, cercados por esquadrões

de cavallaria, que redemoinhavam ao redor dos pequenos quadrados, os nossos bravos caçadores trataram de conjunctamente apolarem-se a uns *capões de matto*, o que conseguiram avançando e combatendo.

Nesta lucta encarniçada e quasi toda a ferro frio, houve de parte a parte muitos mortos e feridos.¹

Emfim, chegou a *marche-marche* o reforço pedido, no momento em que o cartuchame começava a rarear; e a primeira companhia que entrou em linha trazia uma peça de artilharia, cujo primeiro obuz foi felizmente rebentar no mais numeroso grupo da cavallaria inimiga.

O effeito foi, como sempre, immediato, pondo a desordem em toda a força inimiga, já hesitante com a chegada do novo reforço; e pouco depois toda a cavallaria inimiga desapareceu, abandonando o seu acampamento.

Neste combate tivemos 14 mortos e 61 feridos.

Entre estes ultimos estava um joven soldado, Laurindo José Ferreira, que havia combatido contra quatro inimigos, com a sua espingarda unicamente: estava litteralmente retalhado a espada e a lanças-das em todo o tronco do corpo.

Conseguiu a muito custo curar-se de tantos ferimentos.

Graças ás providencias do commandante, os nossos feridos puderam receber os soccorros precisos; e nesta dolorosa retirada de muito valeram-nos os cuidados dos Drs. Quintana e Gesteira, medicos militares que ainda tinhamos comnosco.

Calculámos a perda do inimigo em 30 mortos e não pequeno numero de feridos, que levaram em sua retirada.

Depois de enterrados os mortos, continuámos a nossa marcha.

Ainda o corpo de caçadores fazia de vanguarda, mas havia-se-lhe juntado uma bocca de fogo. O batalhão 17º de voluntarios formava a retaguarda da columna, tambem com uma peça, e no centro o 20º e 21º cada um com uma peça escoltavam á direita e á esquerda as bagagens em uma longa fileira guarnecida de um e outro lado por duas linhas

¹ O fiscal do corpo de caçadores, capitão Antonio da Cunha, teria sido morto, si não fosse o valor de um seu commandado, que o salvou, quando luctava com quatro paraguayos. O capitão Costa Pereira, do mesmo corpo, ao ser insultado por um cavalleiro inimigo, sahio do quadrado e pol-o em fuga.

de carretas puxadas a bois. O conjunto figurava um grande quadrado, que tinha um pequeno quadrado sobre cada face. Esta disposição era tanto mais vantajosa quanto não tínhamos cavallaria, e que a força inimiga era a bem dizer composta desta arma. Emfim, cada corpo estendia linhas de atiradores nos flancos exteriores.

A cavallaria paraguaya achava-se em toda parte, ao redor da columna; mas as descargas da nossa gente, quando elles approximavam-se, os continham á distancia, e lhes causavam não pequeno damno. Os paraguayos acompanhavam tambem a nossa marcha com uma bateria de calibre 3, que successivamente iam assestar nas pequenas alturas que ladeavam a baixada em que segulamos; mas o seu tiro pouco nos incommodava, enquanto nossas peças La Hitte, raladas, de calibre 4, bastante os prejudicavam com seus certos tiros.

João Thomaz de Cantuaria, Marques da Cruz, Napoleão Frelre e Nobre de Gusmão rivalisavam de *entrain* e já contavam entre as guardiões de suas peças com excellentes visadores.

Marchámos assim todo o dia, com grande barulho, no meio das aclamações dos nossos, dos gritos e alarido do inimigo, do mugir dos bois, do trovejar da artilharia e do crepitar da fuzilaria, em uma atmosphera de polvora e de poeira.

Ao pôr do sol, distinguu-se claramente o morro da Margarida. Havíamos feito 17 kilometros sob um fogo continuo e estafante, embora pouco mortifero.

Havia sido designada para o acampamento da noite a matta da margem direita do Apa-mi, mas já os paraguayos se achavam com sua bateria em frente á nossa vanguarda, e enfiavam com seus tiros a margem onde estávamos cercados, pois que, depois de passarem para o outro lado, haviam destruido a ponte.

Era tempo de chegarem as nossas quatro peças, que assestadas em frente á altura occupada pelo inimigo, com poucos tiros desmontaram uma peça paraguaya e fizeram calar a bateria.

Tivemos um homem morto e alguns feridos do batalhão 20º, que estava de promptidão á bateria. Este batalhão era commandado pelo capitão Pereira Paiva, e se compunha de gente de Goyaz.

Durante este fogo de artilharia, os engenheiros restabeleceram a ponte, trabalho que se fez com presteza, e todo o corpo expedicionario passou então para a margem direita do Apa-mi. Já era noite e noite escura, os piquetes da cavallaria paraguaya estavam em nossa frente, ninguém armou barracas, foi um simples *bicac*.

Pela meia-noite um barulho espantoso ouviu-se e um grito unisono ressoou « cavallaria paraguaya ». As avançadas faziam fogo.

Um terror panico havia-se apossado do gado em seu pastoreio e essa era a causa do barulho, augmentado pelos tiros de nossas avançadas e os gritos de muitos. Logo que a causa foi conhecida, cessou como por encanto a confusão, e sómente ficaram a rir-se uns dos outros.

No dia 9 marchou a expedição, assim como no dia 8, sempre acompanhada pelo inimigo, e acampou á noite na altura da Bella Vista.

Era com o mais profundo sentimento de desgosto que os officiaes da expedição viam o momento de deixar o territorio inimigo sem nada haver-se feito em beneficio da causa da patria, isto depois de sacrificadas tantas existencias, antes de chegar á fronteira inimiga, para nada poder fazer em quanto lá chegados, pela absoluta falta dos elementos necessarios. Embora o guia José Francisco Lopes asseverasse que podia ainda reabastecer a expedição caso ella quizesse dahi voltar ao Paraguay, embora fossem esperados, a todo o instante, os comboios annunciados, a verdade não tardou a mostrar-se claramente.

A' noite chegou ao acampamento o tenente da Guarda Nacional Víctor Baptista, o mesmo bravo que voluntariamente, na época da invasão, havia combatido com os 130 companheiros do tenente-coronel Dias da Silva e feito frente aos paraguayos no rio Feio e no Desbarrancado.

Elle vinha da colonia de Miranda com 12 soldados, sem terem encontrado paraguayos. Declarou que de Nioac nenhum comboio de viveres havia seguido. Sómente um certo numero de carretas de commercio, com mercadorias, haviam chegado a Machorra, algumas ainda lá esperavam-nos, mas a maior parte, sabendo dos nossos encontros com o inimigo e de nossa retirada, havia retrogradado em direcção a Nioac, julgando-nos perdidos.

O commandante, recelando que o comboio de Machorra cahisse em mãos do inimigo, resolveu mandar participar ao comboio a ordem de não se demorar em Machorra e de seguir immediatamente para Nioac.

Mandou o tenente Victor Baptista, que se offereceu, com mais tres companheiros, entre os quaes o filho de Lopes, levar esta ordem á Machorra, que ficava distante 10 kilometros.

Destes quatro devotados companheiros, sómente no fim de uma hora appareceu o filho de Lopes, ferido e quasi nũ, que contou que haviam sido cercados pelos paraguayos e que Victor Baptista e os irmãos Hippolyto e Manoel Ferreira haviam sido mortos, podendo elle escapar-se ferido por dentro da matta e pelo rio.

Construiu-se uma ponte pouco segura sobre o rio Apa, para a passagem da columna, mas felizmente o rio havia baixado e dava vao.

A's 6 horas da manhã do dia 11 começou a passagem do rio Apa, e ás 9 1/2, estando toda a expedição em territorio brasileiro, o pontilhão foi destruido pelo tenente Catão Roxo e a marcha se regularizou, sempre com o inimigo á vista.

O 17º formou a vanguarda; o 21º, a retaguarda; á direita, no centro, o 20º, e á esquerda o corpo de caçadores, conservando a mesma ordem que no dia anterior. ¹

O inimigo por toda a parte tiroteava com os nossos atiradores. Já eram 11 horas da manhã quando repentinamente de uma baixada que contornava a estrada sahio uma força de infantaria paraguaya, atravessou a nossa linha de atiradores e atirou-se ao 17º batalhão da vanguarda. O commandante Enéas Galvão, com o batalhão formado em linha, rapidamente se preparou a receber o ataque da columna paraguaya, que os nossos atiradores atacavam pela retaguarda, e que por esta fórma ficou um instante entre dous fogos, quando grupos numerosos de cavallaria se mostraram e, lançados a todo o galope, derribavam tudo que encontravam por diante. Foi uma confusão terrivel, em que se combatia a ferro frio em toda a linha.

Mas nesta occasião o 17º não hesitou, embora pudessem seus fogos matar alguns dos nossos. Após suas descargas, o chão ficou

¹ Ver a planta do combate de 11 de maio.

alastrado; e a cavallaria paraguaya recuou rarefeita, para de novo formar-se a alguma distancia.

Todos os corpos formaram quadrados; e a artilharia, assestada nos angulos, começou um fogo bem dirigido e nutrido.

Neste momento o gado, assustado pelo fogo (o mais forte que até então houvera), foi tomado de um terror panico, e derribando seus vaqueiros e soldados se precipitou contra as fileiras do batalhão da retaguarda, e produziu alli uma desordem, que foi logo aproveitada pelo commandante paraguayo.

Toda a sua cavallaria, dividida em duas columnas e ladeando as faces exteriores dos quadrados da vanguarda e do centro, veio convergir sobre o quadrado da retaguarda, para aniquillal-o. A nossa infantaria, porém, com seus fogos cruzados e suas baionetas, causou grande damno ao inimigo, que, tendo notavel prejuizo, renunciou ao seu ataque contra os quadrados e contentou-se em cercar e arrebanhar os nossos bois, que corriam desabridamente pelo campo.

Assim cessou o combate, em que os paraguayos deixaram 184 homens mortos no campo. ¹

Entre os mortos paraguayos havia dous officiaes.

Tambem tivemos grande prejuizo entre mortos e feridos, entre outros o tenente Joaquim Mathias de Assumpção Paestrina do 17º, que commandava a linha de atiradores da vanguarda, foi morto; o tenente Raymundo Monteiro recebeu oito lanças, mas este valente mineiro ficou bom.

O unico paraguayo prisioneiro tinha uma perna quebrada.

Interrogado respondeu, que o commandante paraguayo chamava-se Martino Urbietta; que o corpo que havia chegado de reforço era de 800 homens, e que dahi a pouco chegaria outro de igual numero.

Perguntado si Curupaity havia sido tomado? respondeu « Não » — e Humaitá? — « Jamais ». Assim, a guerra não está proxima a terminar? — A terrivel guerra está adormecida! ...

Tivemos 145 homens mortos.

¹ Uma cruz, que alli mandou erigir o commandante paraguayo Urbietta, declara haverem alli morrido 184 homens.
(Taunay — Retirada da Laguna.)

Este combate foi o mais importante da retirada e calcula-se que a força engajada no combate, entre brasileiros e paraguayos, era de cerca de 3.000 homens, sendo 1.400 paraguayos e 1.600 brasileiros.

Eramos victoriosos, mas havíamos perdido o nosso gado.

O caminho que tínhamos a percorrer se dirigia para L. durante seis leguas; depois seguia para o N. até à colonia de Miranda, com mais 8 leguas, e dalli com 10 leguas para N NO. chegava a Nioac.

Sómente lá, a 24 leguas do Apa, podíamos esperar refazer-nos de gado; e, visto a lentidão de nossa marcha, eram necessários 15 dias, pelo menos.

O inimigo conhecia perfeitamente este caminho e devia, não sómente preceder-nos, como chegar antes de nós a Nioac, o que era extremamente perigoso para a expedição.

Praticamente, esta marcha era inexequivel. Lembraram-se então de que o guia Francisco José Lopes havia proposto, como preferivel a todo e qualquer caminho, conduzir a expedição pela sua fazenda do Jardim, que ficava a 3 1/2 dias de viagem ao S O. de Nioac, e dizia que do Jardim ao Apa havia sómente 6 leguas pela planicie.

O conselho do velho Lopes havia sido desprezado naquella occasião, mas, nas criticas circumstancias em que se achava a expedição brasileira, o coronel Camisão foi o primeiro a pedir ao velho guia que dirigisse a marcha de modo a passar pela sua fazenda do Jardim.

Sem resentimento, o velho sertanejo, sempre prompto a sacrificar-se, declarou ao commandante que em cinco ou seis dias poderia alcançar a fazenda, e que dalli chegaríamos a Nioac, com tres dias mais, e antes do inimigo ter occupado a villa.

A 1 hora da tarde começou a marcha. Os batalhões em quadrado, o commandante Camisão no centro do 2º.

Depois de um quarto de legua, os paraguayos começaram o fogo do alto das coxilhas, o que obrigou-nos a evolucionar em columnas. Nosso guia deixou então repentinamente a estrada da Machorra e dirigiu-se à esquerda para o pé de um morro, donde podíamos assestar bateria. Dahl tomámos direcção ao N., subindo o terreno em declive pouco forte.

O inimigo pareceu-nos então extremamente perplexo e duvidoso quanto á marcha. Durante algum tempo ainda a sua bateria acompanhò o nosso movimento, acabando, porém, por se retirar, sem que dalli por diante nos apparecesse mais.

O maior obstaculo á nossa marcha era o alto e espesso macegal, o que a tornava muitissimo penosa.

Nesta tarde os paraguayos tentaram atear fogo ao macegal, mas isso não nos prejudicou naquelle dia.

A' tarde acampámos proximamente ás nascentes do ribeirão José Carlos, e sómente se pôde matar quatro bois, em lugar de 22, como era de costume; era a fome que começava. O commandante, querendo proporcionar maiores commodidades aos feridos, mandou distribuir viveres para quatro dias, desembaraçando assim alguns carros para accommodal-os; muitos soldados, porém, em lugar de economisar suas provisões, as comeram no mesmo dia.

No dia 13 partimos ao romper do dia, e a marcha recomeçou penosa pelo alto macegal.

Adiantámo-nos sempre aos paraguayos, que agora acompanhavam nossa força á retaguarda.

A' tarde o estado de cansaço do gado, que puxava as carretas e a artilharia, obrigou-nos a parar numa pequena collina, onde havia um capão de matto e uma nascente de agua.

Apenas alli descansavamos quando o inimigo, aproveitando o vento sul, que soprava fortemente, lançou fogo ao macegal e, não obstante a prodigiosa actividade, a experiencia e o tino do guia que, com parte da gente, tratou logo de cercar o fogo, ficou a misera expedição completamente cercada e envolvida pela fumaça, respirando um ar abraçado e asphyxiante, até que a violencia do incendio se extinguisse por falta de combustivel.

Tivemos um homem morto por asphyxia e varios com quelmaduras.

Logo que voltaram os homens que haviam trabalhado em cercar o fogo, alguns delles foram á fonte proxima, para se desalterarem, mas alli encontraram os paraguayos emboscados, e foi necessario que duas companhias fossem desalojal-os.

Toda esta successão de soffrimentos e de transtornos abelava profundamente o moral da expedição; o gado mal podia ter-se em pé, mais do que nunca era preciso diminuir a bagagem, para augmentar as parelhas dos armões e das peças.

Então os officiaes unanimemente sacrificaram suas bagagens, ficando reduzidos á roupa do corpo; e as mulas da bagagem passaram a carregar cartuchame.

Grande numero de soldados tambem tinham sómente a roupa do corpo, por terem abandonado até os capotes, para ficarem mais leves, perseguindo o inimigo.

A noite do dia 12 foi tempestuosa e grandes aguaceiros vieram ainda augmentar os horrores daquella situação. Não havia em todo o acampamento nem aguardente, nem cousa alguma que pudesse reconfortar, e com a chuva os fogos haviam sido apagados.

No dia 13, continuando a chuva, não se pôde avançar.

No dia 14 ainda chovia pela manhã, mas muito menos, e continuou a marcha sob a direcção do guia, que fez então a columna obliquar para oeste, avançando pelo meio de uma matta, afim de desnortear os paraguayos, que occupavam um desfiladeiro, por onde teria a expedição de passar, a seguir a direcção norte.

Ao meio-dia encontrou-se pela frente um cerrado de taquaras, do qual a expedição só pôde sair depois de tres horas de trabalho em abrir picada.

A's 5 horas a columna continuou em direcção a uma collina situada a um quarto de legua, onde alguns capões de matto indicavam uma fonte.

Já se achava alli um forte destacamento de paraguayos; mas dous tiros de nossa artilharia os obrigaram á retirada e alli acampámos.

No dia 15 seguimos, ao romper do dia, e os paraguayos todo o dia tirotearam-nos, pondo-nos dous homens fóra do combate, e de novo lançaram fogo nos macegaes, causando intoleraveis soffrimentos a todo o pessoal da columna. A' tarde, quando exhausta de forças, ella acampava, veio de novo o fogo, ameaçando envolver o nosso acampamento, e ao mesmo tempo um troço de infantaria inimiga atacou pelo flanco a nossa vanguarda.

Felizmente os nossos bravos companheiros, por um esforço desesperado, rechaçaram o inimigo pelo meio das chammas, causando-lhe grande prejuizo e dando tempo assim aos nossos soldados para cercar o fogo.

No dia seguinte continuou a marcha com os mesmos soffrimentos de fome e de fogo.

A força passou aquelle dia o ribeirão das Cruzes.

A 17 continuou a marcha, cada vez mais penosa para estes homens enfraquecidos pela fome e por toda a sorte de misérias.

Os animaes de tiro recusavam a todo instante puxar; de modo que as marchas se iam encurtando diariamente. A 18 choveu todo o dia e a 19 foi preciso passar um riacho que, com as chuvas, estava convertido em forte torrente.

Desde 16 circulavam no acampamento boatos sinistros sobre a apparição de um terrivel flagello, « o cholera ». No dia 18, tres homens foram atacados dessa epidemia, com os mais graves symptomas, e desde então os Drs. Gesteira e Quintana, que já haviam advertido ao commandante, não puderam mais esconder nem dissimular a verdade.

No dia 20 já varias carretas estavam cheias de doentes, e os primeiros atacados haviam succumbido. Naquelle dia morreram mais nove e cahiram vinte doentes; entre elles o chefe dos indios Terenas, Francisco das Chagas.

No dia 21 continuou a marcha, com os mesmos horrores de fome, fogo, cholera e inimigos.

A 22 a columna não pôde andar mais de tres quartos de legua e parou, por causa do gado, nas margens do rio da Prata, primeiro affluente sul do rio Miranda.

O coronel Camisão, sabendo que pela matta que orla o rio da Prata e que communica com o matto da margem do rio Miranda se podia ir até Nioac, sem ser assaltado pelo inimigo, enviou, por dous homens de confiança, uma ordem escripta ao commandante de Nioac, para fazer transportar para logar seguro as munições, os viveres, os archivos e as bagagens que lá estavam; e para mandar o capitão Martinho, com toda a gente disponível, emboscar-se nas mattas antes de Nioac, para ahí deter o inimigo.

Estes dous portadores chegaram á colonia de Miranda a 24 e a Nioac a 27, com os officios do commandante.

No dia 23 a expedição avançou uma legua e pouco, com grande custo, pois grande parte dos doentes eram levados em padiolas pelos seus companheiros, e ainda teve que lutar contra o fogo e repellir um ataque de atiradores inimigos.

Desde este dia, em que o cholera fez maior numero de victimas, começaram as deserções, desaparecendo muitos soldados, que se escondiam nos capões de matto.

No dia 24 choveu torrencialmente, e á noite, sómente depois de atravessar varios brejos gelados, com agua pela cintura, foi que acampou a expedição; ainda neste dia repelliu-se um ataque da força paraguaysa, que tambem havia diminuido bastante.

Pelas 10 horas da manhã do dia 25 começou a passagem do rio da Prata.

Havia 86 padiolas a carregar, atravessando o rio com agua pela cintura. Cada padiola precisava de oito homens, que se revezavam. Todos desanimados, com os pés ensanguentados, sómente com as ordens terminantes dos officiaes, de espada na mão, prestavam este penoso serviço.

Naquelle dia haviam-se enterrado 20 cholericos e com elles o tenente Guerra, e já se contavam as perdas pelo cholera em cerca de 200 homens.

Às 2 horas da tarde, á força de trabalho, estava toda a expedição do outro lado do rio. O ultimo carro acabava de ser queimado e seus bois mortos para o consumo.

Durante a tarde e á noite os casos de cholera augmentaram de mais de 50.

O commandante, mandando fazer novas padiolas, levou ao desespero os soldados válidos, que diziam que os cholericos eram votados á morte, e que fazel-os transportar pelos homens ainda sãos era sacrificar-os a todos; que neste caso era melhor ir pelo matto a Nioac, onde alguns haviam de chegar.

Os paraguayos, que estavam occupando o nosso acampamento de 24, destacaram uns atiradores que foram repellidos.

Com os oculos de alcance nós os viamos cavar as sepulturas, onde havíamos deixado os nossos companheiros fallecidos do cholera, e, tirando dos cadáveres a roupa, se vestirem com ella. Um obuz, cahindo no meio delles, os afugentou daquelle contaminado local.

Neste dia o commandante Camisão consultou varias vezes os commandantes de corpos, medicos e a commissão de engenheiros, para saber de sua opinião a respeito do transporte dos doentes, que se estava tornando impossivel.

Pela terceira vez, á meia-noite, mandou chamar de novo os commandantes e declarou que era urgente uma marcha rapida, para a frente; sem o que todos estariam perdidos, e que reconhecia a impossibilidade de fazel-o pelo encargo de transportar os doentes, e por isso tomava sob a sua propria responsabilidade, e de accordo com o rigor que considerava um dever para elle, abandonar neste mesmo acampamento todos os cholicos, com excepção dos convalescentes.

Nenhuma voz se levantou contra esta resolução, cuja responsabilidade o commandante chamava toda a si.

O Dr. Gesteira, sendo consultado como medico, declarou que não podia approvar nem desapprovar; que o seu juramento de medico, por um lado, e o seu cargo de empregado publico, pelo outro, achavam-se em contradicção, e que por isso sómente lhe compellia guardar silencio.

Então o commandante, como fóra de si, ordenou immediatamente que com archotes se fosse abrir no capão vizinho um claro, em que se podessem deixar os cholicos.

Immediatamente assim se fez e foram postos alli 122 cholicos, com um escripto :

« Graças para os cholicos. »

Pela madrugada foi atacado tambem pela epidemia o tenente-coronel Dr. Juvencio Cabral de Menezes, e quasi no mesmo instante suicidava-se a sentinella do quartel-general, por ter sido tambem atacada do terrivel mal.

Nesta madrugada morreu o filho do velho José Francisco Lopes; o qual foi por seu pae e companheiros transportado para as terras da fazenda de seu pae, para ser alli sepultado.

A 26 começou a marcha abandonando-se na matta os 122 moribundos.

Pouco depois ouviu-se uma forte fuzilaria; eram os paraguayos que fuzilavam os doentes.

Soube-se por um destes pobres soldados que varios dentre elles se haviam levantado convulsivamente e corrido atraz de nós; e que sómente elle tinha podido escapar e foi salvo por um verdadeiro milagre, pois escapou não só do inimigo como do cholera.

No descanso daquelle dia cahiu tambem doente o commandante Carlos de Moraes Camisão, que foi então transportado sobre um armão ao lado do tenente Silvio, que já agonisava.

Pouco depois morreu o 2º tenente Miró, nos braços do capitão Deslandes.

Em seguida foi atacado da mesma epidemia o guia José Francisco Lopes.

Acampou-se á noite, depois de quatro leguas, num potreiro da fazenda do Jardim.

O commandante Camisão, o tenente-coronel Juvencio e o velho Lopes ficaram deitados num galpão aberto.

Ainda quizo Dr. Gesteira medicar o commandante, mas este oppoz-se, dizendo:

Vá tratar dos soldados, doutor; eu sou um homem morto.

Na manhã de 27 ainda os paraguayos se approximaram, mas a attitude do batalhão 17º os conteve e não se atreveram a atacar-nos.

Emfim chegámos á margem do rio Miranda. José Francisco Lopes morreu á vista de sua casa, que se divisava do outro lado do rio.

O rio Miranda, alli muito largo e com grande correnteza, fazia uma enchente de beira a beira, e não havia esperanza de dar vão em poucos dias.

Os paraguayos ainda estavam em vedetas a observar-nos. Era preciso atravessar o rio, a fome estava se fazendo sentir cada vez mais; não havia possibilidade de estabelecer uma ponte e nós parecíamos, conforme a expressão dos paraguayos, uma porção de gado encurtalado, para ir ao açougue.

Não obstante o aspecto medonho do rio, alguns nadadores intrepidos se lançaram á agua e conseguiram alcançar o outro lado. Não encontraram vestígio algum de inimigos, mas sómente a habitação de José Francisco Lopes cercada de uma bella plantação de laranjeiras e fruteiras.

Um dos nadadores, que haviam atravessado o rio, teve a coragem de reatrevessal-o e de vir dar parte da abundancia de laranjas que havia do outro lado.

No primeiro momento alguns lançaram-se n'agua e foram victimas. O commandante, embora quasi morto, deu ordem que o corpo de caçadores passasse o rio e, indo guarnecer o outro lado, impedisse a pilhagem da propriedade, devendo-se fazer uma justa distribuição do que havia. O capitão Pedro José Rufino lembrou-se da construcção de uma jangada, mas não sómente os materiaes como os operarios faltavam.

Sabia que todo o seu corpo sómente conhecia disciplina e procurava por todos os meios, ainda com risco de vida, cumprir as ordens do seu commandante.

Viu seus soldados rivalisando em presteza para facilitar a passagem dos officiaes. Elle proprio, confiado na disciplina, foi o primeiro a embarcar numa *pelota*,¹ e levado por um nadador passar para o outro lado á frente do seu corpo.

Assim felizmente conseguiu o capitão Pedro José Rufino atravessar o rio com todo o corpo de caçadores.

A 28, o cholera ainda fez maior numero de victimas nos que haviam ficado na margem esquerda do Miranda.

No dia 29 ainda o rio não havia baixado, quando morreu o commandante Carlos de Moraes Camisão. As suas ultimas palavras foram: « fazei seguir as forças, eu vou descansar ».

A's 3 horas da tarde morreu tambem o tenente-coronel Juvenício Cabral de Menezes.

O coronel foi enterrado uniformizado, debaixo de uma grande arvore, na matta, e á sua direita o tenente-coronel Juvenício.

¹ Já foi, numa nota anterior, dito o que é uma *pelota*.

Acabavam de fallecer os dous commandantes da expedição, e era preciso saber qual dos commandantes de corpos assumiria o commando em chefe. O commandante do 17º de voluntarios, o tenente-coronel em commissão Antonio Enéas Gustavo Galvão, era tenente do exercito. O major em commissão José Thomaz Gonçalves, commandante do 21º, era capitão do exercito.

O official de maior graduação e o mais antigo dos que alli se achavam, devia naturalmente tomar a responsabilidade do commando.

De seu lado, disciplinador e soldado, como sempre foi, o então tenente Antonio Enéas Gustavo Galvão comprehendeu que nesta occasião a commissão do posto de tenente-coronel, que elle havia recebido, com o commando do 17º de voluntarios, não devia ser obstaculo a uma medida de beneficio geral, e nobremente deu parte de doente, passando o commando do 17º ao official do mesmo batalhão, a quem competia. Este nobre procedimento foi geralmente louvado e apreciado por toda a officialidade.

Ao meio-dia reuniu-se o conselho dos commandantes, o major José Thomaz Gonçalves participou a morte do coronel Camisão e a do tenente-coronel Juvencio, donde resultava a obrigação, para elle, como capitão mais antigo, de tomar o commando das forças em operações. Foi depois dada em ordem do dia a parte de doente do tenente-coronel em commissão Enéas Galvão, assumindo o commando do 17º de voluntarios o seu fiscal, major em commissão José Maria Borges.

O rio havia baixado e offerecia vão, embora ainda perigoso, pela fortissima correnteza das aguas. O commandante mandou amarrar um cabo de uma margem á outra e então ficou estabelecida a communicação; as laranjas vieram em abundancia; a epidemia diminuiu e cessou quasi completamente com o uso desta fruta.

O commandante José Thomaz Gonçalves, apenas de posse do commando, mandou publicar uma ordem do dia, na qual appellava para a coragem e a honra de cada um, afim de conjurar o perigo de todos.

Assignalava como urgente uma marcha rapida para Nioac.

Esta proclamação levantou o moral abatido de toda a força.

Ordenou que os clarins dessem o toque de ordem e ás horas

precisas mandou fazer o toque de recolher. Do corpo de caçadores, já do outro lado do rio, correspondiam os clarins a estes toques; e assim em seguida ficou a regra militar restabelecida, provando que a disciplina ainda existia, e a confiança reapareceu em toda a expedição.

No dia 30 effectuou-se a passagem com a maior ordem e disciplina.

O batalhão 20º foi o primeiro que atravessou o rio; depois passaram os doentes, as armas e o cartuchame foram levados em *pelotas*.

A 31 passou a artilharia pelo cabo; e sómente uma peça, desatando-se, cahiu no rio.

Um soldado, por nome Damazio, conseguiu, mergulhando, amarra-la e trazer-a á superficie, fazendo-a seguir para a outra margem.

No dia 1º de junho achava-se toda a expedição a salvo, do outro lado, e á tarde, sem mais demora, poz-se em marcha para Nioac. O capitão Piseñores commandava a retaguarda, contra a qual o inimigo, que havia passado tambem o rio, lançou seus atiradores.

Repellidos os paraguayos com vigor, continuou a marcha, indo na frente da columna o capitão Pedro José Rufino; e, embora estivesse a noite escura e tempestuosa, a marcha era rapida.

Repentinamente a vanguarda da columna esbarrou na frente com um piquete paraguayo, que não havia presentido a nossa marcha. O commandante, que marchava na frente, mandou fazer alto e preparar-se para atacar á baloneta o posto inimigo. Mas o inimigo não esperou pelo ataque e, retirando-se precipitadamente, deixou parte do gado de que, felizmente, pôde apossar-se a nossa gente.

Não obstante a necessidade de avançar, carneou-se naquella mesma hora e os soldados carregaram consigo a carne que não tiveram tempo de assar e comer.

A chuva continuou, sem que a marcha diminuísse, e sómente ás 4 horas da madrugada parou a columna para descansar.

Ás 6 horas seguiu e ás 3 da tarde fez alto a expedição, na margem do Canindé, havendo percorrido 45 kilometros naquella dia; marcha realmente extraordinaria para homens enfraquecidos.

Ao chegar á margem do Canindé viu-se o cadaver de um conductor de carros, chamado Apollinario, morto pelos paraguayos; este conductor era do comboio dos negociantes que haviam ficado na Machorra, e portanto deu a certeza de ter sido tomado o comboio e saqueado, e naturalmente tambem Nioac.

Acampou-se um pouco adiante, a duas leguas de Nioac, depois de ter-se passado pelo meio de destroços de toda a natureza, restos do comboio saqueado.

No dia 4 a expedição percorreu rapidamente as duas leguas que a separavam de Nioac, e quando, depois de atravessar o rio, ella approximava-se daquella villa, ficou evidente que a cavallaria paraguaya já havia completado sua tarefa de destruição e de saque.

A's 3 horas da tarde chegaram ao meio das ruínas fumegantes de Nioac e do acampamento onde haviam estado anteriormente e que era feito de casinhas de palha.

O commandante de Nioac, não obstante as ordens do coronel Camisão, que elle havia recebido no dia 24 de maio, abandonou Nioac no dia 1º de junho e desapareceu, deixando nodoar seu nome com o crime de deserção, em frente do inimigo. Tanto mais sensível tornou-se a falta de cumprimento das ordens do coronel Camisão, em relação a Nioac, que as outras instrucções que elle dava foram fielmente cumpridas. As munições de guerra e viveres, os archivos e o dinheiro da caixa militar esperavam nos morros, para onde o coronel Lima e Silva os havia mandado transportar e elle proprio, conforme as instrucções, esperava a meio caminho, no Aquidauana, dando as providencias precisas.

Uma grande quantidade de cadaveres de brasileiros, mortos pelos paraguayos, jazia no meio das ruínas de Nioac.

A columna foi acampar atrás da igreja, na planície que estende-se até á matta da margem do rio, e alli passou a noite. Quando a expedição estivera em Nioac, antes da marcha para a fronteira, havia deixado na igreja não pequeno deposito de munições e muitos objectos de diversas naturezas. Parece que os paraguayos, não tendo tempo para carregar tudo, levaram apenas o mais facil, e antes de se retirarem deixaram propositalmente um barril de pólvora em communicação com uns rasti-

lhos de pólvora, na esperança de que algum soldado nosso, alli entrando, communicasse o fogo.

Efectivamente, quando, sem suspeitar semelhante ardil, mandou-se transportar o que havia da Igreja para fóra, principalmente o cartuchoame, inflammou-se um dos restilhos, o que occasionou uma tremenda explosão, da qual foram victimas cerca de 20 praças. No dia 5 ao amanhecer marchou enfim a expedição em direcção ao Aquidauana.

Ainda do outro lado do Orumbeva encontraram-se vestígios de carretas do commercio saqueadas pelo inimigo, e a expedição acampou no Formiga. No dia 8 estavam no Taquarussú, onde pela ultima vez se ouviram os clarins dos paraguayos, que dalli voltaram por Nioac, e, reunindo todos os seus destacamentos, recolheram-se ao seu territorio.

A 11 de junho chegou enfim a expedição da retirada da Laguna ao porto de Canuto, na margem do Aquidauana.

No dia de invasão do territorio paraguay, em 21 de abril, o effectivo da columna era de 1.907 homens, e a 11 de junho ella estava reduzida a 1.329 combatentes.

Ella havia, portanto, perdido 578 homens pelo cholera, pelo fogo, febres e extraviados. Além disto, morreram muitos indios e muitas pessoas, homens, mulheres e crianças, que haviam acompanhado o movimento offensivo da columna.

No dia 12 de junho o commandante José Thomaz Gonçalves publicou a ordem do dia seguinte, que em poucas palavras resume os acontecimentos daquella temerosa retirada de 35 dias:

«Soldados.

Vossa retirada teve logar em boa ordem, no meio das circumstancias as mais difficeis, sem cavallaria, contra um inimigo que empregava uma formidavel, no meio de planicies cujo incendio no macegal perpetuamente acceso ameaçava devorar-vos e disputar-lhes o ar respiravel, mortos de fome, dizimados pelo cholera, que em dous dias tirou-lhes o seu commandante, o seu immediato e os vossos guias; e todos estes males, todos estes desastres os supportastes no meio de

um cataclysmo de chuvas torrencias, de tormentas, de inundações, emfim, em uma tal desordem da natureza que tudo parecia se declarar contra nós. Soldados! sede honrados pela vossa constancia, que consercou ao Imperio nossos canhões e nossas bandeiras.» (1)

Em seu officio n. 44 de 8 de maio de 1865 disse o general Albino de Carvalho ao governo :

« E' de presumir que o Governo Imperial tenha providenciado para que a força vinda de outras provincias, que haja de operar sobre a fronteira de Miranda, se acampe em Sant'Anna do Paranhya, donde facilmente pôde dirigir-se aquella fronteira, pois que seria uma marcha superflua e penosa o vir ella a esta capital, que por falta de navios que se possam bater com os do Paraguay, não pôde enviar tropas da fronteira do sul da provincia.»

No seu officio n. 49 de 17 de maio de 1865 disse o general Albino :

« Está fóra de duvida que o ponto do Taquary, meio caminho entre esta capital e Sant'Anna do Livramento, foi occupado por forças paraguayas vindas de Miranda.

« Com esta noticia a provincia está assustada.

« E' uma necessidade urgentissima desalojar os paraguayos do Tacuary por forças vindas de S. Paulo e Minas.

« Nenhuma noticia ha do corpo do Paraná, que vinha com direcção ao Ivinheima.

« Ha muito receio por elle.

« Parece-me que as forças de S. Paulo e Minas devem reunir-se em Santa Anna do Paranhya para dahi tomar a direcção que as circumstancias indicarem.»

Em officio n. 52 de 27 de maio disse o mesmo general Albino :

« Nenhuma noticia tem-se nesta cidade das forças de S. Paulo e Minas, que já poderiam estar em Sant'Anna do Paranhya.»

No officio n. 58 de 8 de junho de 1865 disse o mesmo general Albino :

« Não sei nem da força de Goyaz, nem da de Minas, e nem da de S. Paulo, nem o lugar por onde entrarão, nem a organização que terão, nem onde tem de operar. Si vierem, é preciso providenciar que de S. Paulo e Minas venham mantimentos por Itapura e Sant'Anna do Paranhya, porque aqui já luctamos com a fome.

« Em julho já estava reoccupado por forças brasileiras, mandadas de Cuyabá, o ponto do Coxim ou Tacuary, o qual esteve apenas occupado seis dias pelo inimigo em fins de abril e começo de junho.

« Estes officios provam, á saciedade, que a expedição de Matto-Grosso teve como principal causa dos seus desastres a pessima direcção que se lhe ordenou « de Uberaba para Santa Rita, etc. etc. para vir ao Coxim e ser obrigada a atravessar a pestifera zona de Coxim a Miranda», em lugar de vir de Sant'Anna do Paranhya a Santa Rosa, no Ivinheima, e dahi a Nioac e fronteira.»

FORÇAS EM OPERAÇÕES AO SUL DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO

Mapa que acompanha a relação dos mortos e feridos nos combates dos dias 6, 8, 11 e 18 de maio, extraída por ocasião dos mesmos combates, fallando-se abundantemente, atacados pelo cólera-morbo, fallando-se por espólio, e afogados

	ESTADO-MAIOR		Músicos	OFFICIAES			INTERIORES			Cabos	Auspeçadas	Soldados	Cordeiros	Claras	Percussões	TOTAL
	Coronel commandante	Tenente-coronel de engenharia		Capitães	Tenentes	Alföres	1.ºs sargentos	2.ºs sargentos	Porteiros							
ACOMPANHAMENTO NA MARCHA REQUERIDA DO RIO AQUICUANA (PORTO DO SANTO), 14 DE JUNHO DE 1837																
Mortos em combate.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	30
Feridos.	.	.	.	.	.	1	20	.	.	1	.	.	.	.	.	41
Extraviados	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	1
Fallecidos, atacados pelo cólera.	1	1	0	.	.	.	.	.	2	10	10	21	14	100	3	171
Moribundos, atacados pelo cólera e deixados no posto por falta de transporte	.	.	.	.	.	.	.	.	.	10	3	1	11	12	87	122
Fallecidos por explosão.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	2	0
Afogados.	.	.	.	.	.	1	.	.	.	.	.	.	.	.	.	3
Somma	1	1	0	.	.	3	21	0	0	0	2	37	31	235	8	390

Exarché Antonio Farnéio Pereira de Lapa, capitão assistente do ajudante geral.

LEGENDA HISTORICA DOS ACONTECIMENTOS DE MATTO-GROSSO

Aprisionamento do vapor *Marquez de Olinda*, 12 de novembro de 1864.

Declaração de guerra do Paraguay ao Brazil.

Ataque do forte de Coimbra — Invasão, 26, 27 e 28 de dezembro de 1864.

Tenente Antonio João Ribeiro — Colonia Dourados, 29 de dezembro de 1864.

Tenente-coronel José Antonio Dias da Silva — Rio Feio, 30 de dezembro de 1864.

Tenente-coronel Hermenegildo Porto Carrero abandona Coimbra, por falta de cartuchame, 29 de dezembro de 1864.

Abandono de Corumbá, sem defender-se, 2 de janeiro de 1865.

Retirada do 2º tenente João de Oliveira Mello pelos pantanaes com 479 fugitivos de Corumbá — 2 de janeiro a 30 de abril de 1865.

O presidente de Matto-Grosso, brigadeiro A. M. Albino de Carvalho, chama a Guarda Nacional e o povo ás armas — 7 de janeiro de 1865.

O vapor *Anhambay* é tomado á abordagem pelo inimigo — 4 de janeiro de 1865.

O chefe de esquadra Augusto Leverger é nomeado commandante superior da Guarda Nacional e do Melgaço, que elle fortifica, 20 de janeiro de 1865.

Os paraguayos occupam Coimbra, Corumbá e todo o districto de Miranda e do baixo Paraguay, de 2 de janeiro de 1865 a 1868.

O Governo Imperial nomela ao coronel Manoel Pedro Drago presidente de Matto-Grosso e commandante da expedição.

Expedição de Matto-Grosso

1º commandante, coronel Drago — A columna marcha de S. Paulo, 10 de abril de 1865.

Infanteria, cavallaria e artilharia — Total 568 combatentes.

Contingentes no caminho..... 59 "

Brigada mineira junta-se em Uberaba..... 1.209 "

Esta columna até o rio dos Bois percorre 921 kilometros.

2º commandante, coronel José Antonio da Fonseca Galvão, 19 de outubro de 1865.

Contingente de Goyaz, reúne-se no Coxim, dezembro de 1865.

Marcha de Coxim ao rio Negro, 25 de abril de 1866, 2.080 homens.

Distancia do rio dos Bois ao rio Negro, 956 kilometros.

Reunião de toda a expedição no rio Negro, augmentada do batalhão de voluntarios de Goyaz e de diversos contingentes, 2.900 homens.

Succumbe o general Galvão, de febres palustres, 13 de janeiro de 1866.

3º commandante, tenente-coronel Joaquim Mendes Guimarães.

Marcha do rio Negro a Tabôco, horrores, 24 de junho a 3 de julho, 168 kilometros.

4º commandante, coronel José Joaquim de Carvalho, 13 de julho de 1866.

Marcha de Tabôco sobre Miranda, 5 a 17 de setembro de 1866, 208 kilometros.

5º commandante, coronel Carlos de Moraes Camisão, janeiro de 1867.

Marcha de Miranda sobre Nioac, 11 a 24 de janeiro, 210 kilometros.

Effectivo da expedição em Nioac, 1.907 combatentes.

Nova organização em uma só brigada.

Estado-maior, 17º, 20º, 21º corpo de caçadores, corpo provisório de artilharia.

Marcha até á fronteira, de 25 de fevereiro a 21 de abril de 1867, 158 kilometros.

Marcha da fronteira á Laguna, 30 de abril a 1º de maio de 1867, 30 kilometros.

Retirada da Laguna, 8 de maio de 1867.

Combates de 6, 8, 9 e 11, tiroelios de 14 a 28 de maio de 1867, 247 kilometros.

Morrem de cholera o coronel Camisão e o tenente-coronel Juvencio, 29 de maio.

6º commandante, major José Thomaz Gonçalves.

Marcha do Jardim sob o Aquidauana, 3 a 12 de junho de 1867.

Marcha do Aquidauana a Cuyabá, 800 kilometros.

Chegada da expedição a Cuyabá, outubro de 1867.

Total da distancia percorrida entre Santos e Cuyabá, 3.698 kilometros, de abril de 1865 a outubro de 1867, 30 mezes.

Retomada de Corumbá pelas forças de Cuyabá, 13 de junho de 1867.

Combate do Alegre, retomada do Jaurú, 11 de julho de 1867.

Reorganização da expedição em Miranda

CORPOS	EFFECTIVO EM NIÓAC	EFFECTIVO EM AQUIDAUANA	PREFERS NA RETIRADA	COMMANDANTES
Estado-maior.....	9	6	3	Coronel Carlos de Moraes Camião.
Corpo provisório de artilharia.	142	101	41	Major João Thomas Cantuaria.
17º voluntarios da patria.....	530	379	151	Tenente-coronel Antonio Euclás Gustavo Galvão.
20º batalhão de infantaria.....	497	364	133	Capitão Joaquim Ferreira de Paiva.
21º batalhão de infantaria.....	532	344	158	Major José Thomaz Gonçalves.
1º corpo de caçadores.....	177	155	62	Capitão Pedro José Ruano?
Companhia de enfermeiros.....	20	20		Dr. Quistena e Dr. Gesteira.
O capellão.....				Padre-alferes Antonio Augusto do Carmo, desapareceu.
	1.907	1.329	578	

De mortos e feridos em combate, e mortos do cholera na retirada, conforme o mappa junto, teve a expedição fóra de combate 380 homens ; mas as relações de mostra dos corpos accusam que as baixas, como os desaparecidos, orçaram em 578, comprehendendo o capellão-alferes, padre Antonio Augusto do Carmo.

Na marcha de Coxim a Miranda, as mesmas relações de mostra accusam o prejuizo de homens.....	1.140
Entre indios e particulares, homens e mulheres, calculo um prejuizo de pessoas.....	300
No invasão entre mortos, prisioneiros dos paraguayos e desaparecidos nos pantanes.....	1.600
Dá para o Brazil o prejuizo de.....	3.618

O tenente-coronel, EMILIO C. JOURDAN.

Martyres da Patria

Coronel de engenheiros Carneiro de Campos, prisioneiro, fallecido a 4 de novembro de 1867.

Tenente Antonio João Ribeiro, Dourados, fallecido a 29 de dezembro de 1864.

Commissario Fiuza, Anhabahy, fallecido a 4 de janeiro de 1865.

Piloto José Israel Guimarães, Anhabahy, fallecido a 4 de janeiro de 1865.

Medico Dr. Albuquerque, Anhabahy, 4 de janeiro de 1865.

Capitão de artilharia Augusto Conrado, prisioneiro.

Alferes José Martins Teixeira de Castro, retirada da Laguna.

Tenente Raymundo Fernandes Monteiro, idem.

Tenente Joaquim Mathias de Assumpção Palestina, idem.

Alferes Francisco Victor Baptista, idem.

Capitão José Martins Teixeira de Castro, prisioneiro, idem.

1º tenente Antonio de Camargo Felo, marinha, rio Paraguay

Brigadeiro José Antonio da Fonseca Galvão, epidemia.

1º tenente engenheiro Chichorro da Gama, idem.

Capitão Lomba, idem.

Coronel Carlos de Moraes Camisão, idem.

Tenente-coronel Juvencio Cabral de Menezes, idem.

Alferes Manoel da Silveira Miró, idem.

Capitão Vicente Miguel da Silva, idem.

Alferes Francisco Felix Martins da Cunha, idem.

Alferes Jeronymo Pereira da Silva Leite, idem.

Capitão Antonio Dionysio do Souto Gondim, idem.

Alferes Porphirio Leite de Barros, idem.

Alferes Manoel Ignacio Pinheiro de Guerra, idem.

Tenente Silvio Guimarães de Queiroz, idem.

Tenente Ferrelra de Castro, desaparecido na invasão.

Guia Francisco José Lopes, epidemia.

Dr. Theophilo Clemente Jobim, desaparecido na invasão.

Voluntario Gabriel Barbosa, desaparecido.

Tenente Oliveira Barbosa, idem.

Dr. Benevenuto do Lago, idem.

Voluntario Pedro Troz, no rio Feio, fallecido a 30 de dezembro de 1864.

Capellão-alferes, padre Antonio Augusto do Carmo, desaparecido na retirada.

ASSALTO E RETOMADA DE CORUMBÁ — 13 DE JUNHO DE 1867

Era presidente de Matto-Grosso o Dr. J. V. Couto de Magalhães; sua maior preocupação era expellir os paraguayos das posições que occupavam desde janeiro de 1865, e retomar Corumbá, Albuquerque e o forte de Coimbra.

Sabia que Corumbá era guarnecido por uma força de 400 homens, com 16 boccas de fogo; que o inimigo havia circulado a cidade com uma linha de trincheiras e que no porto estavam os vapores de guerra *Iporã*, *Apa* e *Anhambahy*.

Logo que teve participação de que a columna expedicionaria do coronel Camisão havia avançado de Nioac, em direcção á fronteira do Apa, em fins de fevereiro, tratou activamente de organizar uma força de 2.000 homens, em quatro batalhões, e um parque de artilharia, com 17 boccas de fogo. Todos os officiaes de linha que se achavam em Matto-Grosso fizeram parte dos batalhões provisorios e de Guarda Nacional que se organizaram.

¹ Das 27 peças que o inimigo encontrou em Corumbá abandonadas, deixou seis em bateria.

Deu o commando do 1º batalhão ao major Antonio Maria Coelho, commissionado em tenente-coronel; o do 2º batalhão ao major Antonio José da Costa.

Declarou que a estes batalhões caberia a honra de retomar Corumbá, e viram-se então varios distinctos officiaes de linha disputarem o commando de suas companhias; o então capitão em commissão do corpo de artilharia João de Oliveira Mello, o capitão Luiz da Cunha e Cruz, de infantaria, o capitão Craveiro de Sá e outros valentes foram incorporados a estes batalhões: tal era o entusiasmo em expellir o inimigo do territorio nacional.

O presidente fez terminar o armamento do vapor *Antonio João*¹ e entregou o commando da flotilha ao capitão-tenente Balduino José Ferreira de Aguiar.

Era composta de cinco pequenos vapores: *Antonio João*, *Jaurá*, *Corumbá*, *Paraná* e *Cuyabá*, armados ao todo com 14 bocas de fogo, de algumas lanchas e do vaporzinho *Manuel de Jesus*; podendo transportar de uma vez 1.200 homens e o parque de artilharia.

Ordenou a creação de um deposito de viveres e mandou preparar seiscentos mil cartuchos para a infantaria.

Em principios de maio tudo estava prompto para marchar.

A 22 de abril o coronel Carlos de Moraes Camisão participou a passagem do Ape, a occupação do forte de Bella Vista pela sua columna e a sua intenção de marchar a ir bater o inimigo, que se retirava, avançando depois até á villa da Conceição.

Esta participação foi recebida a 12 de maio. Immediatamente o Dr. Couto de Magalhães ordenou que no dia 15 o 1º batalhão seguisse para os Dourados, e que as outras forças iriam pouco depois, para se organizar alli a columna que devia acometter Corumbá.

No dia 15 de maio, perante uma grande multidão de povo, todo entusiasmado, o presidente leu uma proclamação e embarcou juntamente com o 1º batalhão provisório, commandado pelo tenente-coronel Antonio Maria Coelho, indo tambem varios voluntarios.

¹ Este vapor, da Companhia Fluvial, foi comprado pelo Dr. Couto de Magalhães, que o christou com o nome de *Antonio João*, em honra ao heroe da colonia dos Dourados, o tenente *Antonio João Ribeiro*.

Em fins de maio achava-se reunida nos Dourados uma força de 2.000 homens de infantaria, com 17 bocas de fogo e os cinco vaporzinhos da esquadilha, com 14 canhões.

Não se podia pensar em descer e atacar pelo rio, pois que os tres vapores paraguayos *Rio Apa*, *Iporã* e *Anhambay* eram muito superiores aos vaporzinhos da flotilha.

Na madrugada de 13 de junho ¹ seguiu o tenente-coronel Antonio Maria Coelho com uma força de 1.000 homens.

Sem ser presentido pelo inimigo, desembarcou mais de uma legua acima da cidade, e, contornando a posição, conseguiu levar o assalto ás trincheiras por sudoeste, onde o inimigo não esperava o ataque, que suppunha viria pelo norte.

Ao mesmo tempo cerca de 200 homens, ao mando do valente capitão João de Oliveira Mello, conseguiram penetrar na villa e, dirigindo-se logo ao porto, atacaram com a maior felicidade os dous vapores *Apa* e *Anhambay* que, depois de renhido fogo, puzeram-se ambos em fuga.

Com o grosso da força o commandante Antonio Maria Coelho atacou com tanto vigor as trincheiras, por diversos pontos, que depois de uma resistencia de mais de uma hora estava senhor da praça; mas o fogo perdurou cerca de duas horas.

Foi morto o coronel paraguay Hermogenes Cabral, o major commandante do batalhão 27º, o commandante do *Rio Apa*, o seu immediato, dous tenentes, tres alferes, um padre paraguay e 115 soldados. Fizera-se 27 prisioneiros, entre os quaes um official de marinha ferido; e muitos paraguayos foram mortos no rio, quando fugiam em canoas para bordo dos vapores.

A victoria foi completa. Como trophéo conquistou-se a bandeira do batalhão paraguay n. 27, a bandeira da praça, seis canhões, muita munição e armamento, e o archivo do commandante.

Libertou-se cerca de 500 brazileiros, sendo mais de 400 mulheres, alli prisioneiras, escravas, que eram tratadas com a maior

¹ Neste mesmo dia 13 de junho, os destroços da columna, que intitulava-se — « *Forças em operações ao norte do Paraguay* » — repassavam o Aquidauana.

crueldade, ¹ deshumanidade e immoralidade pelos ferozes soldados de Lopez.

O coronel Hermogenes Cabral teve aviso do proximo ataque que as forças de Cuyabá pretendiam levar-lhe.

Depois de receber de Conceição a participação da retirada da columna do coronel Camisão, mandou elle no dia 9 de junho descer o Iporá para Assumpção, pedindo reforços.

Os vapores paraguayos *Anhambay* e *Apa* depois do fogo de Corumbá foram para o forte de Coimbra.

Tivemos neste ataque 29 homens fóra de combate, sendo mortos: o capitão Luiz da Cunha e Cruz ², o 2º cadete-sargento Manoel Antonio do Pinho e 6 praças; e feridos: o alferes Felipe Fernandes Cuyabano e 20 praças.

Logo que chegou aos Dourados a noticia do brilhante feito de armas de Corumbá, o presidente velu para este ponto com mais 1.000 homens, a artilharia e toda a flotilha.

Teve um instante a intenção de ir atacar o forte de Coimbra, e dahi procurar fazer junção com a columna do coronel Camisão, a qual esperava estivesse perto de Conceição.

Encontrou no archivo do coronel Hermogenes Cabral um officio do vice-presidente do Paraguay, que relatava ter sido repellida do territorio da Republica a columna do coronel Camisão, que batia em retirada sobre Nioac e era acossada pela columna de Martinho Urbieta. Tambem dizia que ia fazer subir varios navios de guerra para reforçar a guarnição de Corumbá.

Naquelles dias appareceu a epidemia da bexiga na expedição e o Dr. Couto de Magalhães, ponderando as difficuldades de sustentar a posição de Corumbá sem uma força naval capaz de bater os navios inimigos, sem esperança de coadjuvação por parte da columna do coronel Camisão, e tendo já grande numero de variolosos e doentes,

¹ Consta de officios do referido Hermogenes Cabral, que muitas foram acolhidas sob o mais futil pretexto; nem mesmo as menores escapavam á sua furia.

² O tenente paraguay Roa já havia morto o 2º cadete Pinho e o capitão Cruz, e ia lançando mão da bandeira do 1º batalhão provisório, quando foi morto pelo capitão Craveiro de Sá.

que era urgente transportar para Cuyabá, que lhe ficava a 150 leguas de distancia, resolveu regressar para a capital com toda a força e os 500 brazileiros que havia libertado do jugo dos paraguayos.

Em consequencia, no dia 24 de junho deixou Corumbá, levando comsigo todos os trophéos da victoria, e fez seguir a expedição, parte embarcada, parte por terra, pela margem do rio e pelos pantanaes, a alcançar o rio S. Lourenço.

No dia 11 de julho a retaguarda da expedição, composta dos 1º e 2º batalhões, estava em frente á fazenda do Alegre e alli carneava.

Combate do Alegre

A flotilha havia descido do Bananal no dia 10, para vir dar reboque á força que naquelle dia devia estar no Sára: eram os vapores *Antonio João*, *Corumbá* e *Jaurá*. Na descida, o *Corumbá*, cujo commandante era o piloto Backer, soffreu um grande desarranjo em uma das rodas e viu-se obrigado a parar.

O *Antonio João* e o *Jaurá*, porém, haviam chegado ao Sára na madrugada do dia 11, e dalli vieram ao Alegre, o *Antonio João* na frente, rebocando quatro embarcações, e o *Jaurá* em seguida, rebocando duas chatas com 80 variolosos.

Às 3 horas e 35 minutos da tarde os batalhões commandados por Antonio Maria Coelho e Antonio Joaquim da Costa estavam carneando. O *Jaurá*, amarrado á margem direita, e o *Antonio João* com quatro chatas mais para cima da fazenda do Alegre, quando veiu subindo rapidamente o rio um grande vapor acompanhado por outros dous.¹ Era o *Salto de Guayra*, que tomando posição entre o *Jaurá* e *Antonio João*, ao mesmo tempo que metralhava as forças de terra, mandava tomar o *Jaurá* por abordagem e canhoneava o *Antonio João*.

O commandante Balduino, que logo que avistara o *Salto de Guayra* havia mandado tocar a postos, embarcou rapidamente uma força de infantaria, composta do capitão Caliope Monteiro de Mello, dos alferes José Luiz Moreira Serra, João Luiz Pereira e Joaquim Fer-

¹ O *Apa* e o *Iporá*.

reira da Cunha Barbosa e 58 praças do batalhão do tenente-coronel Antonio Maria Coelho, que promptamente acudira a hostilizar os vapores inimigos.

O Antonio João dirigiu então um fogo vivíssimo sobre o vapor paraguay, que já se havia apossado do *Jaurá*, e de tal maneira se houve o commandante Balduino e seus bravos companheiros, que o vapor paraguay, depois de grandes perdas, e recelando ser tomado por abordagem, seguiu rio abaixo.

O capitão-tenente Romualdo Nunes, que o commandava, foi mortalmente ferido, e o immediato e grande parte da tripolação estavam fóra de combate.

Logo que chegara o *Salto de Guayra* perto do *Jaurá*, a mór parte da guarnição atemorizada saltou ao rio e desamparou este navio. O paraguay lançou-lhe a bordo uma força de dous officiaes e 30 praças. O fiel de 2ª classe José Antonio Vieira de Araujo, denodadamente matou tres paraguayos e, combatendo sempre, recuando perante o grande numero, foi precipitado ao rio, salvando-se, porém, muito ferido.

O imperial marinheiro Diogo de Almeida matou dous paraguayos e succumbiu sob o numero, morrendo 48 horas depois dos ferimentos recebidos; o valente imperial marinheiro João Henrique da Costa, isolado na resistencia, fez fogo com o rodizio e matou a tres inimigos, sendo um delles o official paraguay, que commandou a abordagem e batendo-se sempre, lançou-se ao rio e ganhou a margem, onde ficou esvahiado em sangue, morrendo poucas horas depois.

Foram mortos mais a bordo do *Jaurá* o imperial marinheiro Francisco Correia, um soldado do 5º batalhão de artilharia a pé e o cozinheiro Jerolano Bupemi.

Depois de posto em fuga o vapor *Salto de Guayra*, e não ousando avançar os outros vapores paraguayos *Ibera* e *Rio Apa*, os quaes se contentaram em atirar de muito longe, o Antonio João deu abordagem ao *Jaurá*, então guarnecido por 23 paraguayos e um official.

Com tanta presteza manobrou, que os paraguayos nem tempo tiveram para içar o seu pavilhão, nem para fazer uso da artilharia do *Jaurá*.

Dos paraguayos que estavam a bordo do *Jaurú*, tres foram prisioneiros, sendo um delles o tenente de marinha Miguel Decoud de Doncel, e os mais foram mortos.

Tal foi o combate do Alegre, no qual o commandante Balduino de Aguiar cobriu-se de gloria, destroçando uma força naval muito superior com o seu pequeno vapor *Antonio João*.

A presteza e o nutrido fogo dos bravos cidadãos do 1º e do 2º batalhões provisórios sob o commando do tenente-coronel Antonio Maria Coelho e do major A. José da Costa, muito contribuiu para a victoria daquelle dia, principalmente a força commandada pelo capitão Callope Monteiro de Mello, que guarnecia o *Antonio João*.

Este brilhante feito e a retomada de Corumbá vieram até certo ponto neutralisar a pessima impressão produzida no espirito publico pela infeliz retirada da Laguna.

No vapor *Antonio João* perdemos, mortos ou desaparecidos, 12 homens; feridos: o alferes João Luiz Pereira, 5 praças e 1 imperial marinho, ao todo, com os mortos no *Jaurú*, 25 homens fóra de combate, dos quaes 17 mortos e 8 feridos.

Depois da victoria, o commandante Balduino rebocou o *Jaurú*; mas este vapor, muito maltratado nas duas successivas abordagens, fazia muita agua, e não pôde ser rebocado além do rio Negro, onde o commandante Balduino o fez sossobrar, depois de tirar a bandeira e tudo quanto podia recolher do armamento do navio.

A expedição chegou de volta a Cuyabá em 17 de setembro de 1867.

Os paraguayos continuaram occupando o forte de Coimbra, e conservaram navios seus cruzando no rio Paraguay, até á passagem de Humaytá pela nossa esquadra e a expedição do Barão da Passagem com os encouraçados *Bahia*, *Barroso* e *Rio Grande*, que chegaram a reconhecer Assumpção no dia 24 de fevereiro de 1868.

Então Lopez deu ordem ás forças navaes e terrestres, que elle ainda conservava em Matto Grosso, para se recolherem ao territorio da Republica.

Sómente em janeiro de 1869, depois da occupação de Assumpção pelo exercito ao mando do marechal Marquez de Caxias, foi que este general mandou a Matto Grosso uma expedição composta dos

avisos *Felippe Camarão* e *Marcílio Dias* e mais transportes, levando o corpo de pontoneiros para fortificar-se o Fecho dos Morros; e assim ficou restabelecida pela via fluvial a comunicação entre Matto Grosso e a Capital do Imperio.

JUIZO CRITICO

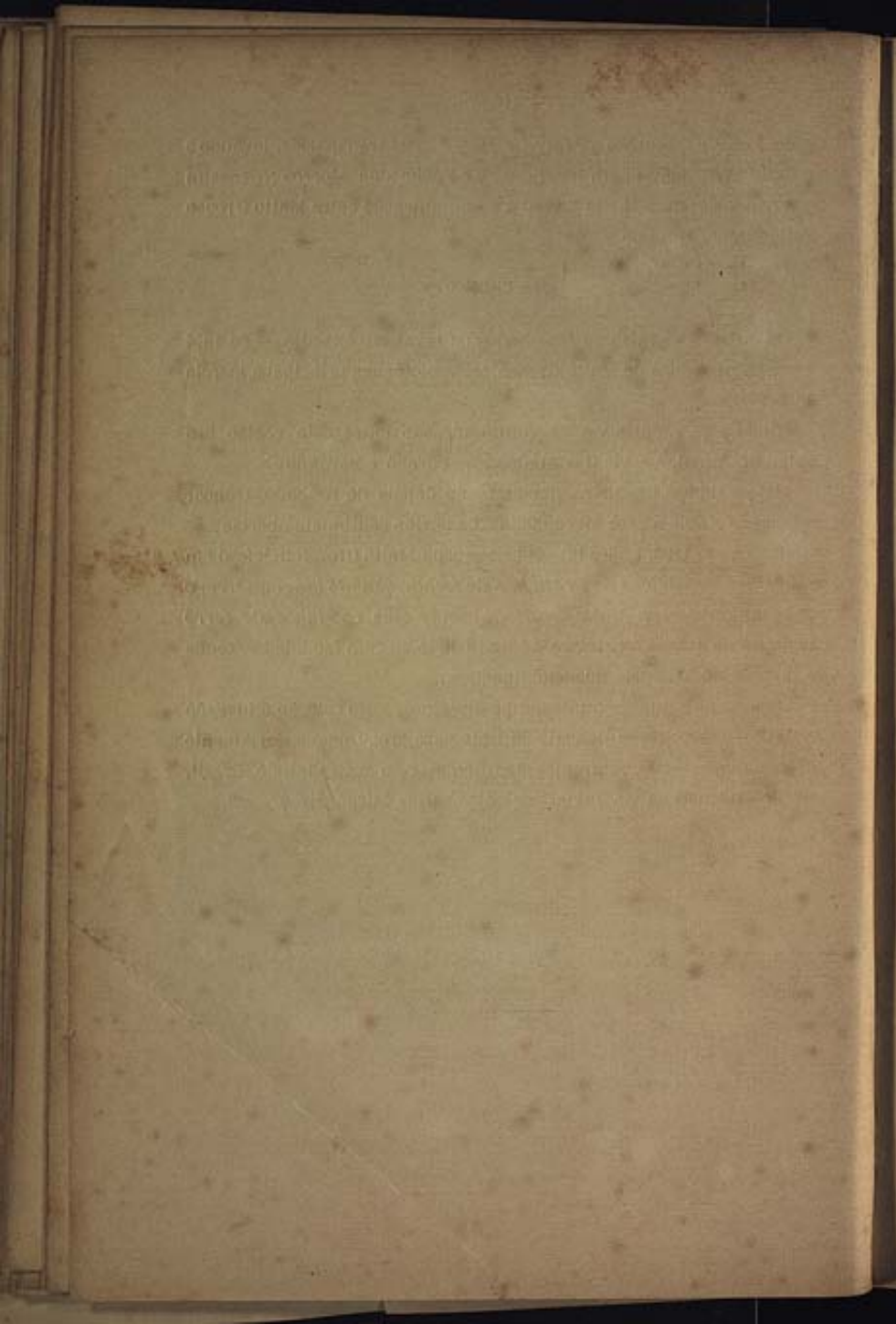
Os desastres e infelizes resultados da invasão e expedições de 1864 a 1867, na provincia de Matto Grosso, teem por causa principal a inercia e o pouco caso.

Ainda hoje, a unica via de comunicação entre esta região e a Capital do Brazil, é a via fluvial dos rios Paraná e Paraguay.

Ha um ditado brasileiro, que diz: « ao depois de roubado, trancar as portas ». Pois a casa foi roubada e as portas continuam abertas.

Estamos em 1893, Lopez invadiu e saqueou Matto Grosso indefeso em 1864-65. *As republicas do Prata hão de fechar quando bem quizerem o caminho fluvial para Matto Grosso, e com os seus caminhos de ferro chegarem ás nossas fronteiras*, reproduzindo-se com facilidade scenas de invasão no territorio nacional indefeso.

Repitamos o que ha muito tempo dissemos, com relação á invasão de Matto Grosso: Sirva-nos isto de lição para procurarmos seriamente pôr esta região em comunicação directa com a Capital do Brazil, sem dependencia da via fluvial por entre paizes estrangeiros.



INDICE CHRONOLOGICO DO 2º VOLUME

	PAGS.
Corrigenda relativa ao combate de Paysandú	5 e 6
Precedentes historicos, relatório do Ministerio de Estrangeiros 1853, 55, 56, 57, 58 e 64.	9 a 15
Correspondencia official entre os Governos do Paraguay e do Brazil em 1864	16 a 21
Manifesto de guerra ao Paraguay	22 a 27
Apriõamento do <i>Marques de Olinda</i> e armamentos do Paraguay.	28
Provincia do Matto Grosso em 1864.	30 a 32
Providencias do Governo Imperial em relação a Matto Grosso	32 a 33
Invasão de Matto Grosso	34
Ataque do forte de Coimbra	35 a 39
Colonia dos Dourados	40
Ataque do rio Feio e retirada	41 a 43
Corumbá	43
Retirada dos fugitivos de Corumbá	44 a 49
O Governo provincial e a invasão	50 a 58
Expedição de Matto Grosso	59 a 83
Retirada da Laguna.	84 a 102
Legenda historica	104 a 107
Martyres da patria	107
Assalto e retomada de Corumbá.	108 a 112
Combate do Alegre	112 a 115
Julzo critico	115

INDEX CHRONOLOGIC DE 2^a VOLUMEN

1	1870	1
2	1871	2
3	1872	3
4	1873	4
5	1874	5
6	1875	6
7	1876	7
8	1877	8
9	1878	9
10	1879	10
11	1880	11
12	1881	12
13	1882	13
14	1883	14
15	1884	15
16	1885	16
17	1886	17
18	1887	18
19	1888	19
20	1889	20
21	1890	21
22	1891	22
23	1892	23
24	1893	24
25	1894	25
26	1895	26
27	1896	27
28	1897	28
29	1898	29
30	1899	30
31	1900	31
32	1901	32
33	1902	33
34	1903	34
35	1904	35
36	1905	36
37	1906	37
38	1907	38
39	1908	39
40	1909	40
41	1910	41
42	1911	42
43	1912	43
44	1913	44
45	1914	45
46	1915	46
47	1916	47
48	1917	48
49	1918	49
50	1919	50
51	1920	51
52	1921	52
53	1922	53
54	1923	54
55	1924	55
56	1925	56
57	1926	57
58	1927	58
59	1928	59
60	1929	60
61	1930	61
62	1931	62
63	1932	63
64	1933	64
65	1934	65
66	1935	66
67	1936	67
68	1937	68
69	1938	69
70	1939	70
71	1940	71
72	1941	72
73	1942	73
74	1943	74
75	1944	75
76	1945	76
77	1946	77
78	1947	78
79	1948	79
80	1949	80
81	1950	81
82	1951	82
83	1952	83
84	1953	84
85	1954	85
86	1955	86
87	1956	87
88	1957	88
89	1958	89
90	1959	90
91	1960	91
92	1961	92
93	1962	93
94	1963	94
95	1964	95
96	1965	96
97	1966	97
98	1967	98
99	1968	99
100	1969	100